



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DCH I –DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PPGEL –PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE
LINGUAGENS

**DISCURSOS EM REDE: EFEITOS DE SENTIDO SOBRE
FEMINISMO EM *POSTS* DO INSTAGRAM**

ALANA CHÉ DA SILVA

SALVADOR
2021

ALANA CHÉ DA SILVA

**DISCURSOS EM REDE: EFEITOS DE SENTIDO SOBRE
FEMINISMO EM *POSTS* DO INSTAGRAM**

Trabalho apresentado ao Departamento de Pós-graduação em Estudo de Linguagens, do Departamento de Ciências Humanas – Campus I da UNEB, como requisito para qualificação na disciplina Pesquisa Orientada II.

Prof. Orientador: Dr. André Luiz Gaspari Madureira

SALVADOR
2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

C564d

Ché da Silva , Alana

Discursos em rede: efeitos de sentido sobre feminismo em posts do Instagram / Alana Ché da Silva .- Salvador, 2021.

118 fls : il.

Orientador(a): Prof. Dr. André Luiz Gaspari Madureira .

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Estadual da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - PPGEI, Campus I. 2021.

1.Análise de Discurso materialista . 2.Efeitos de sentido .
3.Feminismo . 4.Instagram .

CDD: 410

ALANA CHÉ DA SILVA

**DISCURSOS EM REDE: EFEITOS DE SENTIDO SOBRE
FEMINISMO EM *POSTS* DO INSTAGRAM**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia – (PPGEL/UNEB).

Salvador, _____ / _____ / 2021

Banca Examinadora

Prof. Dr. André Luiz Gaspari Madureira (orientador)
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Prof. Dr. Gilberto Nazareno Teles Sobral
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Prof. Dr^a. Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

À todas as mulheres que me perpassam:
ancestrais, presentes e futuras. Saúdo e
honro a força feminina.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Fonte Criadora de tudo o que é, aos meus guias e seres de luz que me acompanham, pela permissão e auxílio durante toda esta trilha de aprendizado e crescimento.

Aos meus pais, minha irmã e pessoas da família que, mesmo indiretamente, me incentivaram a não desistir e contribuíram nessa caminhada me proporcionando aprendizados para continuar semeando um caminho de integridade e sucesso.

Sou grata pelos professores e colegas de turma do PPGEL, pelos momentos de aprendizado com leveza, risos e muito afeto.

Aos funcionários do PPGEL, Maísa, Geysa e Danilo, pelo auxílio durante os momentos burocráticos e do dia a dia, sempre com muita prontidão e bom grado.

Agradeço também aos amigos fiéis que sempre me estimularam a não desistir nos momentos difíceis, em especial, Clériston, Josiane e Randra, que estiveram mais de perto em meus processos durante a escrita. Vocês são muito valiosos para mim.

Ao professor Dr. André Luiz Gaspari Madureira pela orientação e apoio dado em todo o processo de escrita, sempre com muita leveza, empatia e tranquilidade, que fizeram muita diferença em meu trabalho.

Aos professores Gilberto Nazereno Teles Sobral e Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez, que aceitaram o convite para avaliação da dissertação e contribuíram de forma significativa para meu trabalho. Me sinto honrada.

Sou grata a todos e todas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta dissertação se ancora nas bases teóricas da Análise de Discurso materialista pecheutiana, apresentando como enfoque os deslizamentos de efeitos de sentido a respeito do feminismo no ambiente virtual, mais especificamente, na rede social Instagram. Pretende-se, com este trabalho, investigar como se dão essas circulações e produções discursivas e, a partir disso, compreender como ocorre a instauração de sentidos por meio da interpelação dos sujeitos discursivos envolvidos nesse processo. Para tanto, além do suporte teórico-metodológico de Análise de Discurso materialista, conceitos advindos da teoria feminista serão mobilizados, bem como estudos voltados para o advento da cultura digital. Por meio das análises, buscou-se mostrar como os sentidos sobre ser feminista são construídos na e pela linguagem, em um cotejo entre as publicações selecionadas dos perfis @sigofeminista e @direita.feminina. Entre as noções mobilizadas na fundamentação teórica, destacamos as de condições de produção, sujeito e formação discursiva e ideológica, primordialmente. Após as análises, foi possível constatar a confluência desses discursos, os quais perpassam constantemente as formações ideológicas e discursivas em jogo - especialmente, as formações discursivas feminista e antifeminista - que se manifestam ora em relação de oposição, ora em conformidade de acordo com os sentidos possibilitados pela materialidade em questão.

Palavras-chave: Análise de Discurso materialista. Efeitos de sentido. Feminismo. Instagram.

RESUMEN

Esta disertación se ancla en las bases teóricas del Análisis del Discurso materialista vinculada por Pêcheux, presentando como foco los efectos deslizantes de significado sobre el feminismo en el entorno virtual, más específicamente, en la red social Instagram. Lo que se busca con este trabajo es indagar cómo se producen estas circulaciones y producciones discursivas y, a partir de eso, comprender cómo se da el establecimiento de significados mediante la interpelación de los sujetos discursivos involucrados en este proceso. Para esto, además del sustento teórico y metodológico del Análisis del Discurso materialista, se movilizarán conceptos de la teoría feminista, así como estudios relacionados al advenimiento de la cultura digital. Mediante los análisis, buscamos mostrar cómo los significados sobre ser feminista se construyen en y por el lenguaje, en una comparación entre las publicaciones seleccionadas de los perfiles @sigofeminista y @direita.feminina. Entre las nociones movilizadas en la fundamentación teórica, destacamos las de condiciones de producción, sujeto y formación discursiva e ideológica, principalmente. Tras los análisis, se pudo constatar la confluencia de estos discursos, que permean constantemente las formaciones ideológicas y discursivas en juego -en especial, las formaciones discursivas feministas y antifeministas- que se manifiestan a veces en una relación de oposición, a veces de acuerdo con los sentidos posibilitados por la materialidad en cuestión.

Palabras clave: Análisis del Discurso. Efectos del sentidos. Feminismo. Instagram.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 CONTEXTUALIZANDO O MOVIMENTO FEMINISTA: VISUALIZANDO OS CENÁRIOS DE REIVINDICAÇÃO	6
2.1 FEMINISMO E SUAS CONDIÇÕES DE RESISTÊNCIA: DIFERENTES VOZES E REPRODUÇÕES AO LONGO DA HISTÓRIA	18
2.2 FEMINISMO NO BRASIL E SUAS RESSIGNIFICAÇÕES	27
3 PARA ENTENDER O CORPUS: A INTERNET COMO VEÍCULO DA CIRCULAÇÃO DE DISCURSOS SOBRE FEMINISMO.....	35
3.1 A REDE SOCIAL INSTAGRAM E O CONTEXTO DA CIBERMILITÂNCIA.....	39
3.2 MOVIMENTOS DE OPOSIÇÃO AO FEMINISMO NO INSTAGRAM	43
4 DELIMITANDO O CORPUS: POSICIONAMENTOS EM REDE	46
4. 1 POSTS DA CATEGORIA “CONCEITO DE FEMINISMO”	47
4.1.1 O conceito de feminismo no perfil @sigofeminista.....	47
4.1.1.1 A interdiscursividade na constituição do conceito de feminismo em @sigofeminista.....	53
4.1.2 O conceito de feminismo no perfil @direita.feminina.....	63
4.1.2.1 A interdiscursividade na constituição do conceito de feminismo em @direita.feminina.....	66
4.1.3 Entrelaçando produções discursivas: (muitos) conceitos de feminismos.....	69
4.2 POSTS DA CATEGORIA “IDENTIFICAÇÃO COM O FEMINISMO”.....	73
4.2.1 A identificação com o feminismo no perfil @sigofeminista	73
4.2.1.1 A interdiscursividade na constituição da identificação com o feminismo no perfil @sigofeminista	74
4.2.2 A problemática da identificação com o feminismo no perfil @direita.feminina	76
4.2.2.1 A interdiscursividade na constituição da problemática da identificação com o feminismo no perfil @ direita.feminina	77
4.2.3 Entrelaçando produções discursivas: (muitos) aspectos da identificação com o feminismo.....	82
4.3 POSTS DA CATEGORIA “LUGAR DE MULHER NA SOCIEDADE”	86

4.3.1 O lugar de mulher na sociedade no perfil @sigofeminista	86
4.3.1.1 A interdiscursividade na constituição do lugar de mulher na sociedade no perfil @sigofeminista	87
4.3.2 O lugar de mulher na sociedade no perfil @direita.feminina	92
4.3.2.1 A interdiscursividade na constituição do lugar de mulher na sociedade no perfil @direita.feminina	94
4.3.3 Entrelaçando produções discursivas: (muitos) aspectos do lugar de mulher na sociedade	98
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS.....	108

1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista a diversidade de discursos, de maneira geral, circulantes a respeito de Feminismo ou movimento de mulheres, pretendemos fundamentar uma discussão sobre o movimento feminista e os discursos provenientes a seu respeito, compreendendo o contexto de quem faz parte dele ou, pelo menos, que seja a seu favor, bem como os discursos em oposição.

Para tanto, alguns caminhos pertinentes se fazem necessários – delinear o que, de fato, representa o movimento feminista na sociedade, quem faz parte dele e o que, a partir disso, é reverberado ou reproduzido. Nesse sentido, perceber as discursividades a respeito do que é ser feminista e, antes disso, as acepções sobre ser mulher e feminina ao longo dos tempos, será útil para fundamentar o terreno histórico e social no qual estamos adentrando.

Após isso, será feita uma abordagem a partir da Análise materialista de Discurso, fundada por M. Pêcheux, a qual propõe um olhar discursivo sobre uma determinada materialidade, que leva em conta as condições histórico-sociais de produção da discursividade em questão. A saber, essa teoria sobre a qual podemos perceber um movimento metodológico de análise contribui substancialmente para fundamentar o *corpus* selecionado: comentários acerca de Feminismo e mulheres feministas provenientes de publicações nos perfis @sigofeminista e @mulheresdedireita da rede social Instagram. Mais uma vez, compreender o que tem sido esse movimento social ao longo da história e o que vem sendo pensado a seu respeito será necessário para uma análise discursiva da materialidade que compõe essa pesquisa, tendo em vista dizeres materializados na internet e em redes sociais.

Portanto, como objetivo geral temos o seguinte: compreender como o feminismo é (re)significado em publicações feitas nos perfis @sigofeminista e @direita.feminina no Instagram. Para tanto, os seguintes questionamentos direcionarão esta pesquisa: quais os sentidos construídos ao longo da história a respeito do movimento feminista? Como se instauram determinadas formações ideológicas (FI's) que põem em cena formações discursivas (FD's) geradoras de certos efeitos de sentido, e não outros, no que diz respeito às mulheres feministas? De que maneira a rede social Instagram e a cibermilitância se articulam enquanto acontecimentos discursivos propícios para a manifestação de dizeres a respeito de movimentos sociais como o feminismo?

A partir da seção 2, haverá uma breve contextualização a respeito do movimento feminista visto que se faz necessário compreender suas condições de produção e como isso se relaciona com a presente pesquisa. Junto a isso serão articulados alguns conceitos da

Análise de Discurso, doravante AD, relacionando o percurso do movimento feminista ao longo da história aos processos discursivos que dele procedem.

Na seção 3, serão apresentados os contextos relacionados ao meio virtual da Internet para que se consubstancie o *corpus*. Será feita uma breve abordagem sobre como a cibermilitância tem incorporado na existência do feminismo atualmente, sobretudo, na rede social Instagram. Portanto, será importante ainda nessa seção, uma explanação sobre o funcionamento dessa rede social enquanto veículo e disseminação de conteúdos entre diferentes sujeitos sociais. Daí, serão apresentados alguns perfis, os quais compõem o corpus da pesquisa.

Finalmente, na seção 4 haverá uma delimitação do *corpus*, justificando sua escolha e o critério de coleta. As análises estarão presentes nessa seção separadas por temáticas mais relevantes voltadas para o feminismo, realizando um cotejo entre os perfis selecionados.

Portanto, para que se analisem as discursividades que envolvem o movimento feminista, é primordial que se contextualize seu surgimento historicamente e como isso influenciou no imaginário social e, conseqüentemente, nos discursos que circulam nesse contexto.

2 CONTEXTUALIZANDO O MOVIMENTO FEMINISTA: VISUALIZANDO OS CENÁRIOS DE REIVINDICAÇÃO

Há quem diga que não há mais sentido para a existência de um movimento que reivindique direitos para mulheres. Em pleno século XXI, elas trabalham, estudam, são independentes. Então, por que falar em feminismo? Seria uma causa perdida? Ou ainda, causa superada, mas que ainda insistem, ultrapassando limites desnecessários?

São muitas as indagações e suposições nesse sentido. Mas, no que se refere a uma análise discursiva, primeiramente, é importante voltar no tempo para trazer à tona algumas questões relevantes em um viés histórico, fazendo uma reflexão teórica, humana e social.

Não basta descrever apenas o que é feminismo hoje sem antes resgatar as motivações pelas quais surgiu mesmo antes de ser conhecido ou instituído como um movimento social. É preciso conhecer as circunstâncias que propiciaram sua existência e quais discursos o perpassam, sejam eles em conflito ou em compatibilidade.

Assim, neste movimento, se torna primordial levar em conta a premissa de Pêcheux (1997, p. 77), fundador da Análise do Discurso da escola francesa, de que “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”. Portanto, um discurso não pode ser fixo, pois está sempre em movimento, em curso, de acordo com as transformações sócio-históricas externas. No que diz respeito aos sentidos de “ser feminista” diante da sociedade ao longo dos tempos, tais movimentações discursivas transbordam significativamente, pois os discursos confluem de vários lugares e contextos para um mesmo campo.

Não é tão simples buscar uma definição para o feminismo, visto que se trata de um movimento orgânico, processual, que “se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social, (...) se constitui pelo fazer e pensar de milhares de mulheres pelo mundo todo” (GARCIA, 2011, p.13). Diversas realidades, contextos, subjetividades, porém, uma regularidade se faz presente e, portanto, uma questão relevante para as observações que serão feitas no decorrer dessa pesquisa. Essa regularidade tem a ver com a busca pela igualdade entre homens e mulheres, de forma profundamente política e moral, no tocante também às relações de poder. Também chamado de movimento de mulheres, o feminismo é uma ação política que envolve práticas e pensamentos críticos a respeito da igualdade de gêneros e, de forma mais profunda, direitos da mulher na sociedade.

Segundo o dicionário Houaiss, feminismo é a “doutrina que preconiza o aprimoramento e a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade; teoria que

sustenta a igualdade política, social e econômica de ambos os sexos”. Nessa definição, a relação de gênero aparece timidamente, diferente do que se afirma na definição exposta pelo dicionário Michaelis (2020):

Movimento articulado na Europa, no século XIX, com o intuito de conquistar a equiparação dos direitos sociais e políticos de ambos os sexos, por considerar que as mulheres são intrinsecamente iguais aos homens e devem ter acesso irrestrito às mesmas oportunidades destes. (O movimento pressupunha, já de início, uma condição fundamental de desigualdade, tanto em termos de dominação masculina, ou patriarcado, quanto de desigualdade de gênero e dos efeitos sociais decorrentes da diferença sexual.).

Neste último verbete, observamos uma contextualização maior a respeito do movimento feminista no que diz respeito aos fundamentos instituídos com base no patriarcado que se reflete nas relações de gênero em geral. É a partir de uma reflexão crítica a respeito dessa configuração social que o cenário histórico que circunda o movimento feminista precisa ser vislumbrado para uma análise coerente, visto que a subordinação da mulher na sociedade pode ser considerada uma das primeiras formas de opressão da humanidade (SARDENBERG & COSTA, 1994). Nesse sentido, observa-se que o conceito de feminismo abrange muito mais fatores do que se imagina, sendo necessário resgatar antecedentes e recorrências que foram compondo e transformando o pano de fundo para esse movimento.

Segundo Alves e Pitanguy (1991, p. 7), “este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada”. Diante disso, o feminismo engloba uma conjuntura passado-presente-futuro que se entrelaça mutuamente para a manutenção desse movimento. Apesar de um marco histórico delineado, antes mesmo de surgir como uma teoria ou movimento instituído, mulheres de diferentes lugares e classes sociais buscaram se posicionar de forma subversiva frente a uma dominação imposta, no privado ou no público, buscando novas condições de existência.

Em um sentido amplo, pode-se afirmar que sempre que as mulheres - individual ou coletivamente - criticaram o destino injusto e muitas vezes amargo que o patriarcado lhes impôs e reivindicaram seus direitos por uma vida mais justa estamos diante de uma ação feminista. (GARCIA, 2011, p. 13)

Portanto, o processo de dar conta de uma dominação existente é o que intui o “ser feminista”. No entanto, nem todo movimento de mulheres se estrutura em torno de uma

doutrina feminista. Essa doutrina ou consciência feminista pode ser considerada como um processo que se dá “... no interior das relações de gênero, e que se materializa nas práticas sociais, tanto em nível das relações homens-mulheres, quanto das relações mulheres-homens” (BANDEIRA e SIQUEIRA apud SARDENBERG e COSTA, 1994, p.83). O que se complementa com a afirmação de Costa (1998, p. 25) ao definir o feminismo como a “consciência adquirida sobre a situação de subalternidade da mulher na sociedade, bem como da necessidade de se estabelecer iniciativas políticas para modificar essa situação”.

Trata-se, portanto, de uma espécie de autodescobrimento ou uma identificação subjetiva e, ao mesmo tempo coletiva, além de um novo olhar para o lugar social ocupado por mulheres, sistemática e historicamente. A saber, esse lugar tem como antecedentes um apagamento institucionalizado de uma história da humanidade que privilegiou uma história universal pautada por homens representados como “heróis” e únicos responsáveis pelos acontecimentos, em detrimento do protagonismo de mulheres no aspecto social, sobretudo, no âmbito público. O movimento feminista surge com um viés social, questionando discursos e posicionamentos cristalizados ao longo das gerações que legitimam a autoridade do homem sobre a mulher.

Nesse ponto, convém contextualizar alguns conceitos relevantes nesse envolvimento. O patriarcado como organização política permitiu, ao longo dos tempos, a dominação e o controle de mulheres em diversas esferas. Sua perpetuação foi possível através da cristalização de crenças que se estenderam como práticas sociais e contribuíram para sua consolidação como única estrutura possível. Além disso, não apenas propõe uma hegemonia masculina, mas também heterossexual, padronizando as relações sociais e de gênero. Como Tiburi (2018) afirma, trazendo uma reflexão na perspectiva patriarcado versus perspectiva do feminismo, a construção de identidade no contexto patriarcal está em um crivo heteroconstruído.

A palavra “patriarcado vem da combinação das palavras gregas pater (pai) e arkhe (origem e comando)” (HIRATA, 2009, p.174), que inicialmente correspondia à noção de autoridade pela questão biológica do genitor, ou seja, no âmbito familiar e privado. Porém, é sabido que historicamente essa dominação passa a ser a base de um sistema que rege crenças, educação, comportamentos, relações sociais e de poder por gerações. Assim, o patriarcado não diz respeito a algo natural, próprio do homem ou pai, simplesmente por essa constituição. Trata-se de um conjunto de construções culturais, pautadas em uma demanda social que se perpetuou e se reconfigura até os dias presentes. Essa organização está conjugada com muitos outros fatores sociais, como classe social e raça.

Uma dominação que ocorre majoritariamente de homens para mulheres, mas que, segundo Hooks (2019, p.58), não impede de que as mulheres também dominem outras mulheres. Assim, participam dessa política de dominação, sendo dominadas ao mesmo tempo que dominam, principalmente, quando se tem em questão os fatores raça e classe social. É, portanto, essa lógica que coopera com a manutenção da submissão e controle de forma muito mais abrangente do que apenas determinar que os homens são os vilões e as mulheres são as vítimas. Não se trata de uma lógica pessoal, e sim de um sistema que engloba sujeitos e seus papéis sociais engendrados.

Com efeito, tais papéis sociais fazem parte do processo de contextualização sobre a relação de homens e mulheres na sociedade e, conseqüentemente, do feminismo enquanto um movimento social. Nesse sentido, para a AD, já citada aqui como teoria direcionadora nesta pesquisa, não são levados em consideração indivíduos que protagonizam um determinado discurso. Segundo Pêcheux, "a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos", mais especificamente, em sujeitos de seus discursos. Assim, sejam homens ou mulheres, a ideologia patriarcal é um fato social. Sujeitos discursivos se apresentam em identificação ou desidentificação a isto, de forma a transbordar esse processo em suas práticas sociais, dentre elas, os usos da língua.

Consoante a isso, uma forma-sujeito está relacionada com o sujeito do saber de uma determinada FD. O sujeito do discurso, ao assumir uma forma-sujeito, conseqüentemente, se inscreve em uma dada FD, com a qual pode se (des)identificar e, assim, se constitui um sujeito discursivo. De acordo com Pêcheux (1995, p.163):

a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito): essa identificação (...) apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso (...) que constituem, no discurso do sujeito, os traços daquilo que o determina, são reinscritos no discurso do próprio sujeito.

Assim, nesse processo de (des)identificação, o sujeito pode romper com uma dada FD e, conseqüentemente, se identificar com outra e sua respectiva forma-sujeito. Relacionando esse conceito ao objeto da pesquisa em questão, por exemplo, na configuração de uma formação discursiva e ideológica patriarcal/machista, convém chamar seus "filiados" de sujeitos discursivos.

É dessa maneira que os sujeitos irão se relacionar constantemente com os discursos em circulação e, conseqüentemente, efeitos de sentido e identidades sociais. Os sentidos

não são aleatórios ou, menos ainda, fixos. Estão diretamente relacionados às formações ideológicas postas em jogo, como afirma Pêcheux (1995, p 160):

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” isto é, em relação transparente com a literalidade do significante, mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico, no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

Assim sendo, os discursos e as significações trazidas a respeito do movimento feminista refletem distintos contextos a depender da posição-sujeito em questão, que se manifestam condicionadas e atravessadas por mais de uma FD. Dessa forma, a produção de um discurso não depende apenas do contexto em que os sujeitos estão inseridos, mas da forma que se relacionam com as ideologias vigentes e as discursividades que lhe permeiam.

O discurso feminista compreende formações ideológicas postas em jogo e, ao mesmo tempo, reflete de alguma forma a negação de dizeres patriarcais. Os discursos patriarcais não deixam de existir; eles se inscrevem no interdiscurso e em qualquer momento podem funcionar em efeito de contraposição aos discursos feministas. Assim, há constantemente um movimento de (des)identificação das formas-sujeito, em um processo de deslizamento de uma FD para outra nas significações de dizeres.

O processo de identificação com uma ou outra FD é sócio-histórico. Assim, mesmo inconscientemente podem ocorrer reproduções de discursos que se contradizem ou não seriam esperados dentro de uma dada FD, baseados em dizeres distribuídos na sociedade, retomados a partir de uma memória discursiva. Nesse processo de (des)identificação, o sujeito pode romper com uma dada FD e, concomitantemente, se identificar com outra.

Logo, ocorre um movimento de deslocamento de saberes que passam a (re)configurar as fronteiras de uma FD através do interdiscurso. Convém “chamar interdiscurso a esse ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que (...) caracteriza o complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1995, p.162). Observar essas relações traz substância para compreender o sentido do feminismo enquanto instituição e qual seu impacto diante da sociedade, ideológica e historicamente, ao longo dos tempos.

Ainda sobre a constituição do movimento feminista, conforme Hooks (2019, p.31), “o feminismo é antissexismo. [...] o pensamento e o comportamento sexistas são as ameaças, os inimigos”. Portanto, a luta contra o patriarcado não se trata de uma luta contra os homens. A desconstrução proposta é contra manifestações misóginas e sexistas

reproduzidas socialmente, as quais corroboram com uma dominação injusta por ter como ponto principal a diferença sexual e de gênero. Daí o conceito de sexismo, que compreende “uma ideologia que defende a subordinação das mulheres e todos os métodos utilizados para que essa desigualdade se perpetue (GARCIA, 2011, p. 19). O patriarcado seria, assim, uma instituição simbólica da dominação masculina, enquanto que machismo e sexismo seriam as práticas sociais pelas quais o patriarcado se manifesta constantemente e, por isso, se perpetua. Porém, cada uma se constrói de formas um pouco diferentes, porém, interligadas.

O conceito de machismo também se constitui como um conjunto de construções de crenças e práticas culturais que legitimam a superioridade masculina, subestimam a feminina e perpassam por todas as estruturas da sociedade. Um fenômeno cultural que enfatiza a construção de uma masculinidade padrão. Nesse ponto, é legitimada a relação de poder através da violência aliada ao símbolo de virilidade, o que recai sobre a noção de posse, objetificação, silenciamento e, conseqüentemente, violação e violência contra mulheres. É um ciclo que compõe a concepção do que vem a ser um “homem de verdade”, que inclui a não feminização de forma alguma.

Uma outra questão acarretada pelo machismo é o padrão de feminilidade que passa a ser imposto. Os requisitos da mulher ideal não são criados de mulheres para mulheres ou por mulheres. Essa questão se centra na aceitação masculina. A heterossexualidade como única forma admissível de sexualidade também está entre os pontos condutores do machismo como prática social.

Isso recai sobre outro conceito que endossa o patriarcado: o sexismo. Nesse caso, são práticas e atitudes que promovem uma diferenciação de sujeitos em razão do sexo biológico, do qual são exigidos características e comportamentos, sempre em torno de um padrão, o heteronormativo e, quase sempre, branco e ocidental.

Trata-se de um conjunto de pensamentos e atitudes estruturais, culturalmente naturalizados em cada uma das práticas sociais, desde o nascimento de uma pessoa, ou até mesmo antes. Diferentes práticas serão direcionadas para diferentes gêneros. Cores, personagens de desenhos e performances são padronizadas desde a gestação de uma criança. Meninas se comportam, falam, e até mesmo brincam de maneiras distintas dos meninos. As determinações de brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas situam uma separação que baseia toda a vivência social desses sujeitos, desde as relações interpessoais até o mundo do trabalho e carreira.

Toda essa configuração vem a ser um dos cernes para a compreensão do solo que firma as bases para o feminismo. Segundo o que afirmou Tiburi (2018), é um contexto que

engloba sujeitos e subordinados a essa configuração patriarcal, a qual é ponto de partida para questionamentos trazidos pelo movimento feminista.

A naturalização do social em torno das definições de ser homem e mulher foi sendo determinante para que essa estrutura não apenas se mantivesse em permanência, mas também tivesse condições de tomar proporções cada vez mais enraizadas ao longo dos tempos. Com isso, a ideia, por exemplo, do “sexo frágil” para a mulher foi sendo construída até mesmo de forma romantizada:

O argumento biológico só foi utilizado a fim de mostrar a ausência de fundamentação científica da ideologia da "inferioridade" feminina. Por outro lado, este argumento serve também para revelar, mais uma vez, a elaboração social de fenômenos orgânicos, portanto, naturais. Ademais, a elaboração ideológica caminha em sentido oposto ao das evidências orgânicas, pois as tábuas de vida da maioria esmagadora dos países mostram que as mulheres são mais longevas que os homens. (SAFFIOTI, 1987, p.13)

A hegemonia masculina se torna objeto de análise crítica por parte das feministas radicais, trazendo à tona questões, até então, tidas como privadas, para o público, ou seja, para o político. Pensando por essa perspectiva, discutir essas questões de gênero na raiz do problema, conforme o feminismo radical propõe, é perceber que “o objetivo fundamental do feminismo é acabar com o patriarcado como forma de organização política” (GARCIA, 2011, p. 18). Já que se trata de um sistema sobre o qual todos estão inseridos, não se pode deixar de citar fatores que fazem parte da humanidade há tempos, como o trabalho e, conseqüentemente, as relações de classe e raça.

Enquanto mulheres brancas, privilegiadas, de classe média, estavam lutando por direitos civis, mulheres negras estavam nos bastidores, questionando seu lugar como pessoas, como mulheres. Portanto, essa constituição de subalternidades precisa ser observada em um foco interseccional que acontecem simultaneamente e se afunilam, sob a dominação patriarcal e machista. “Racismo e sexismo combinados criam barreiras nocivas entre mulheres” (HOOKS, 2019, p 94). Essa afirmação resume bem essa interligação que diferencia, inevitavelmente, as distintas e diversas mulheres e como lidam socialmente com as dominações existentes. É por conta do devir histórico que as lutas e demandas se tornam diversas nesse sentido. Embora o sexismo aflija a todas as mulheres, o lugar social que estas ocupam no que diz respeito à classe e raça é determinante na conjuntura deste movimento.

Enquanto mulheres brancas trabalhadoras das fábricas e, por vezes, intelectuais, reivindicavam direitos civis, mulheres negras como Sojourner Truth questionavam seu

reconhecimento enquanto mulher na sociedade. Escravizada e analfabeta, em 1851, se pronuncia em uma notável conferência daquele momento, o que foi um marco para escancarar as demandas de mulheres negras envolvendo ao mesmo tempo, raça e gênero:

Creio que com esta união dos negros do sul e das mulheres do norte, todos falando de direitos, os homens brancos estariam com grandes problemas bem rapidamente. Este homem diz que as mulheres necessitam da ajuda dos homens para subirem nas carruagens, cruzar as ruas, e que devem ter o melhor lugar em todas as partes. Mas a mim ninguém me ajuda a subir em carruagens, nem me deixam o melhor lugar. Por acaso eu não sou uma mulher? Olhem-me! Olhem meus braços! Eu arei e plantei e colhi e nenhum homem era melhor do que eu! E por acaso eu não sou uma mulher? (...) tive treze filhos e os vi serem vendidos como escravos e enquanto eu chorava com a dor de uma mãe, ninguém além de Jesus me ouvia! E por acaso eu não sou uma mulher? (SCHEINER, 1972, p.94 apud GARCIA, 2011, p. 59)

Portanto, essa realidade fez com que uma autocrítica fosse estabelecida no movimento feminista daquele período, a fim de compreender que as realidades não eram iguais para todas as mulheres no sentido de ser feminista e de suas demandas. Mais à frente essas mudanças e vertentes serão melhor contextualizadas. Mas de antemão, deve-se destacar que o feminismo não é um movimento homogêneo. Embora uma regularidade concernente aos direitos sociais de mulheres em relação aos homens seja um ponto em comum, as bases nem sempre se constroem da mesma maneira para todos os sujeitos integrantes.

Assim, convém novamente conceituar o feminismo, agora partindo para outro fator que não pode ser deixado de lado e tem feito parte da construção da história da humanidade e, portanto, das relações sociais, que é a força do trabalho. Antes disso, é importante entender que essa parte da história é pautada a partir de um cenário em que estaria em jogo o público, o privado, lucros, poder, dominação e relações de gênero cada vez mais em discrepância. Conforme pode ser afirmado nas seguintes palavras, o feminismo se estrutura enquanto:

(...) um movimento que questiona a divisão sexual do trabalho e, conseqüentemente, os papéis tradicionais que a sociedade impôs às mulheres no âmbito do trabalho, da família e da sociedade em geral. Um movimento que luta por uma transformação radical nas relações humanas, pela extinção de relações baseadas na discriminação social, racial e de gênero. Um movimento que, a partir do questionamento tanto das relações sociais de produção material quanto das relações afetivas e sexuais entre os seres humanos, propõe-se a lutar por mudanças históricas. Mudanças que impliquem transformações radicais na divisão sexual do trabalho e na construção dos papéis de gênero (COSTA, 1998, p.30).

Essa “transformação radical” tem forte relação com as raízes patriarcais instituídas há tempos, naturalizando o predomínio social dos homens sobre as mulheres, ancorado e estruturado a partir de relações de poder. Não se trata apenas de uma hierarquia, mas uma perspectiva em que a ideia de humanidade, por exemplo, centraliza-se no homem. “O mundo se define em masculino e ao homem é atribuída a representação da humanidade. Isto é o androcentrismo: considerar o homem como medida de todas as coisas.” (GARCIA, 2011, p 15) O próprio conceito de humanidade pode ser resumido, por exemplo, com o título de homem em qualquer citação, e o entendimento, por si só, será completo.

“A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 1970, p.10). O feminino é o diferencial, no sentido de estar fora daquilo que é hegemônico. E, diante dessa reflexão, por mais que uma mulher alcance em algum ponto, um direito dito universal, isso será passível de questionamentos ou a própria configuração de como se chegou a tanto se dará de uma forma diferenciada em relação a um homem concorrendo a este mesmo direito.

Nesse contexto, o patriarcado não se estabelece à toa, aleatoriamente. Existe um motivo pelo qual essa prática cultural permanece, se articula e se reestrutura a cada momento da história, se atrelando a outras relações sociais. Assim, nesse complexo opressivo, a base material, ou seja, a demonstração concreta de que há uma supremacia de um grupo social em relação ao outro, se estruturou muito fortemente a partir da divisão sexual do trabalho.

O sistema econômico e social no qual mulheres e homens estão inseridos, compõe regras e comportamentos a esses sujeitos. Um princípio de separação entre o que é trabalho de homem e trabalho de mulher passa a se formar, agregando maior valor para a força de trabalho do homem. O trabalho feito no setor público, ou seja, fora de casa, é o que passa a ter um valor de troca, enquanto o trabalho doméstico naturaliza-se enquanto um não trabalho. Determinar o meio público para homens e o meio privado para mulheres se associa com a lógica patriarcal, no sentido de ter cristalizado esses papéis sociais ao longo dos tempos. Fez-se necessário, portanto, que se constituíssem mecanismos como a formação da família, sobretudo, heteropatriarcal, que se mostrasse funcional a esta divisão sexual do trabalho, como forma de produção necessária para o desenvolvimento do sistema.

Nessa configuração, o papel social da mulher se resume, prioritariamente, à responsabilidade de cuidar dos filhos e do lar, com base na ideia difundida de que essa função está biologicamente relacionada à natureza feminina. Mais ainda, determinando esse

trabalho doméstico como um ato de amor, na tentativa de moldar não apenas a configuração familiar e econômica, mas o próprio comportamento e essência de ser feminina ou ser mulher nessa nova sociedade. Enquanto a mulher se ocupa no papel de cuidadora, o homem se encarrega de ser o provedor do lar, com isso, tais relações subjagam e consolidam uma dependência das mulheres para com os homens, seja na relação marital, seja parental.

Isso foi preponderante no início do capitalismo, por exemplo, quando as relações sociais se modificam significativamente em busca de cada vez mais lucros. A relativização concernente à monetização da força de trabalho doméstico faz parte, então, de um interesse muito além da conjuntura familiar que irá beneficiar essa nova dinâmica de trabalho, lucro, dominação e estrutura social como um todo:

O homem, reconhecido socialmente como o chefe da família, será obrigado a vender sua força de trabalho no mercado. Mas a mulher não ficará afastada desse processo; ao contrário, ela se verá de repente, também, requisitada, em grandes proporções, para o trabalho na produção fabril. O avanço tecnológico que lastreia a Revolução Industrial abre caminho para uma participação massiva das mulheres na força de trabalho. A condição de inferioridade à qual a mulher já vinha submetida, será importante objeto de interesse da burguesia, ávida em acumular riqueza. Sua passividade e submissão dentro do mundo doméstico, desenvolvida durante uma longa história de subordinação, serão utilizadas para impor-lhe o pagamento de salários inferiores aos do homem e jornadas do trabalho excessivas e insalubres, favorecendo assim a extração de uma mais-valia absoluta ainda maior. Oprimidas, exploradas, às mulheres será longamente negado o direito à sindicalização, o acesso à proteção das leis trabalhistas que garantiam o salário, o limite da jornada e as mesmas condições de trabalho dos homens, além do direito à cidadania. (COSTA; SARDENBERG, 2008, p.25).

É nesse contexto que as mulheres adentram ao mundo do trabalho produtivo; com um cenário de relações de poder pré estabelecidos socialmente entre homens e mulheres, que não foi modificado e ajustado em prol do trabalho reprodutivo exercido desde sempre pelas mulheres. Com a romantização do trabalho doméstico como ato de amor e cuidado próprio da mulher e da maternidade, a jornada dupla se torna quase que um preço a pagar para que essas mulheres estivessem no mesmo espaço que os homens. Uma sobrecarga que multiplica e determina ainda mais um abismo entre os papéis sociais dos homens e das mulheres, se configurando como uma nova visão e novas práticas entre as relações de gênero que se acentuariam a partir de então.

Para além da divisão sexual do trabalho que afetou primordialmente as mulheres, o desenvolvimento do capitalismo trouxe uma série de desigualdades e explorações ligadas

não apenas à dominação de mulheres, mas também a questões de classe e raça de forma entrelaçadas. “A feminização da pobreza que acompanhou a difusão da globalização adquire um novo significado quando recordamos que foi o primeiro feito do desenvolvimento do capitalismo sobre a vida das mulheres” (FEDERICI, 2017, p.37). Esse entrecruzamento da história de mulheres e da história do desenvolvimento social e econômico de um certo período da humanidade corrobora a importância de ser feito um recorte histórico e contextualizado para esta pesquisa, a saber, as condições de surgimento e existência de um movimento de mulheres.

Nesse momento, um ponto importante a se delinear diz respeito à compreensão de como significam os discursos feministas. Assim como os discursos patriarcais ou machistas possuem uma dimensão sócio-histórica para se tornarem legitimados e (re)produzidos, houve o mesmo processo de constituição discursiva, para o contexto feminista. Conforme exposto até aqui, o discurso feminista surge em convivência com o discurso patriarcal tido como legitimado e hegemônico. Visto que as condições que baseavam a existência de mulheres não eram as mesmas que a dos homens, uma necessidade de repercutir outras vozes surge, ecoando tensões que deixaram marcos na história. A partir dessas movimentações, uma nova discursividade se apresenta em um processo constante de ressignificação, relacionado ao discurso patriarcal e hegemônico.

Nesse ínterim, convém citar o período da Idade Média. Nesse cenário, um movimento de luta de poderes se destacou nas relações de homens e mulheres, mais uma vez. Houve uma construção da figura demonizada da mulher, sob a justificativa de estar mais suscetível ao pecado, dada sua descendência de Eva. Sobretudo, o arquétipo da bruxa foi configurado para um imaginário de controle sobre as mulheres. Basicamente, uma perseguição denominada por “Caça às bruxas” foi empreendida contra mulheres

O período de caça às bruxas aconteceu em mais de quatro séculos (do século XIV ao XVII), desde seu início na Alemanha até sua introdução na Inglaterra. A perseguição às bruxas iniciou-se nos tempos do Feudalismo e durou – com crescente virulência – até a “Idade da Razão” (Iluminismo). Adotou diversas formas segundo o momento e lugar, mas sem perder em nenhum momento sua característica essencial de campanha de terror desencadeada por uma classe dominante dirigida contra a população camponesa do sexo feminino. De fato, as bruxas representavam uma ameaça política, religiosa e sexual para a Igreja, tanto Católica como Protestante, e também para o Estado. (EHRENREICH & ENGLISH, 1999, p.7-8)

Conforme citado anteriormente, percebe-se que, historicamente, uma hegemonia buscou extinguir qualquer vertente que não estivesse de acordo com seu padrão. Essas

mulheres consideradas bruxas foram muito conhecidas por suas experiências com a cura pelas plantas. Utilizavam esse conhecimento para curar enfermidades e epidemias em suas comunidades. Tais mulheres eram, em sua maioria, parteiras e enfermeiras. Logo, essas práticas avançadas para esse período se mostravam uma ameaça para a instituição médica masculina em ascensão:

A repressão das curandeiras sob o avanço da medicina institucional foi uma luta política; e foi em primeiro lugar porque faz parte da história mais ampla da luta entre os sexos. A posição social das curandeiras tem sofrido os mesmos altos e baixos que a posição social das mulheres. Quando as curandeiras eram atacadas, elas eram atacadas por serem *mulheres*, e quando elas se defendiam, era em solidariedade a todas as mulheres. Em segundo lugar, a luta também foi política pelo fato de fazer parte da luta de *classes*. As curandeiras eram as médicas da comunidade, sua ciência fazia parte da subcultura popular. (EHRENREICH & ENGLISH, 1999, p.5)

Portanto, para além de uma perseguição por um *status* social, o fator de gênero estava presente. Essas mulheres movimentavam também práticas culturais em suas comunidades, o que seria algo inaceitável duplamente. A teórica feminista Silvia Federici, em sua obra “Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva”, discorre que “o advento do racionalismo científico produziu um deslocamento cultural de um paradigma orgânico para um mecânico que legitimou a exploração das mulheres e da natureza” (FEDERICI, 2017, p.29). Assim, criou-se uma histeria na sociedade vigente, reforçando a construção simbólica da bruxa enquanto transgressora, pecadora, que tinha “pacto com os demônios” o que, portanto, resultou em um intenso genocídio, que consistia em designarem essas mulheres para serem queimadas nas fogueiras, em público.

Segundo Federici (2017) esse massacre não poderia ter sido diferente, visto que houve um desafio à estrutura de poder. Ainda segundo a autora, “a caça às bruxas aprofundou a divisão entre mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres (...)”. Isso foi determinante para a manutenção da dominação do comportamento que uma mulher deveria ter para ser considerada santa ou boa. Tal pensamento consolidou-se por séculos. Na maioria dos contos clássicos infanto-juvenis, por exemplo, é comum a figura da fada boa, com vestes claras, serena, bela e, em sua contrapartida, a bruxa má, obscura, feia e diabólica. Mais adiante será explorado melhor tal questão concernente aos padrões de feminilidade impostos ao longo dos tempos e como isso se relaciona à pesquisa em desenvolvimento aqui.

Antes disso, convém delinear melhor em que conjuntura a relação entre homens e mulheres se configurou em um espaço de disputas de poder e lugares sociais. Em quais

momentos da história, episódios determinantes propiciam a construção de um movimento de mulheres. Isso será relevante para a compreensão dos sentidos que decorrem do feminismo como reivindicação de lugares sociais.

2.1 FEMINISMO E SUAS CONDIÇÕES DE RESISTÊNCIA: DIFERENTES VOZES E REPRODUÇÕES AO LONGO DA HISTÓRIA

Segundo Orlandi (2015, p. 28) as condições de produção “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação”. Visto que, nesta pesquisa, pretende-se observar e compreender os sentidos que eclodem sobre ser feminista, é imprescindível trazer à tona o contexto histórico social que envolve o surgimento e o desenrolar do feminismo ao longo dos tempos. Ademais, conforme salienta Pêcheux (1997, p. 77), “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”. Portanto, um discurso não pode ser fixo em um único momento da história, pois está sempre em movimento, em curso, de acordo com as transformações externas, mesmo quando se trata de uma mesma esfera temática.

Tais condições de produção não compreendem apenas um contexto imediato sobre feminismo em seu surgimento. Para além disso, os lugares ocupados pelos sujeitos em uma determinada formação social, o que tais lugares representam, os pré-construídos a respeito do que se diz, dentre outros elementos, são determinantes para uma análise consistente de um determinado dizer. Trazendo para o estudo presente, interessa investigar as movimentações discursivas desenvolvidas em torno dos sentidos de “ser feminista” diante da sociedade, considerando que os discursos confluem de vários lugares e contextos.

Refletindo sobre as bases ideológicas que sustentam uma sociedade, convém citar o que afirma Althusser (1974, p. 74) ao dizer que “a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”. Dessa forma, pensar a representação das mulheres em inferioridade aos homens e como surge um movimento de negação a isso, socialmente, exige compreender as bases ideológicas que se encontram em um processo de relações seja de conflito seja de confluência. No caso das relações de gênero estabelecidas historicamente, as quais serão relevantes para essa pesquisa, existe a ideia de uma “ideologia dominante” posta em jogo.

Porém, em uma análise discursiva, posicionamentos ideológicos se imbricam de maneiras confluentes. Embora exista um jogo de forças, não há um julgamento de valor: o maior ou menor, o bom ou ruim. O que existem são produtos de uma mescla discursiva, materializadas na e pela linguagem. Nesse sentido, sempre haverá ligação intrínseca entre

ideologia, discurso e linguagem. Necessariamente, uma ideologia se materializa no discurso através da linguagem, seja ela verbal ou não. Daí, as posições ideológicas conduzirão os sentidos de uma dada expressão, palavra ou proposição a depender do processo sociohistórico no qual estas são inseridas e produzidas, o que pode ser reiterado na seguinte afirmação de Pêcheux (1997, p. 166).

(...) cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem 'individuais' nem 'universais' mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras.

Logo, as formações ideológicas são inerentes ao discurso, pois intervêm nos espaços sociais em que se inscreverão os sujeitos e grupos de uma mesma sociedade representados em uma dada produção discursiva. Tais formações ideológicas constituem as formações discursivas que, por sua vez, a partir de um contexto, determinam aquilo que pode ou não ser dito a partir de uma determinada posição social, conforme Pêcheux e Fuchs (1997) afirmam. Esse processo ocorre de forma não-intencional. Observa-se, portanto, um movimento constante de articulação entre a linguagem e o discurso: a ideologia produz um efeito que se materializa no discurso. Para compreender melhor como isso se dá no que diz respeito aos discursos que circundam o feminismo, será delineado em que perspectivas e cenários históricos tais discursos (re)ssurgiram e significaram de tal forma a se instituir socialmente.

Nessa perspectiva, “o feminismo procurou, em sua prática enquanto movimento, superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo” (ALVES & PITANGUY, 1991, p.8). Assim, o movimento feminista propõe práticas de mobilização que se atualizam e se complementam em cada contexto sociocultural e histórico, levando em consideração as múltiplas demandas que influenciam na representatividade e vivência feminina na sociedade. Portanto, convém entender em quais condições de produção o feminismo foi se delineando e se ramificando, afinal é um movimento político e orgânico, configurado a partir de contextos sócio-históricos pertinentes.

A inserção dos direitos femininos como demanda das lutas sociais surge em maior destaque nos anos 1960, juntamente com outros movimentos sociais (inclusive efervescências no campo das ciências das linguagens), quando as relações de gênero se modificam significativamente. Porém, antes disso, as mulheres já buscavam ser contempladas em visibilidade e legitimidade como sujeitos políticos nas diversas instâncias da sociedade.

Ao falar em reivindicação se subentende um movimento de luta, de se obter algo que é próprio por direito. A liberdade poderia ser citada nesse contexto, visto que é um conceito que permeia o movimento feminista em diversas facetas. Liberdade para votar, liberdade para trabalhar, liberdade para ser, liberdade para conhecer, liberdade para questionar. Nesse contexto, os ideais de igualdade e liberdade em efervescência na Europa setecentista estruturam um terreno para uma consciência crítica não apenas em relação à humanidade mas, sobretudo, ao papel da mulher na sociedade. Conforme a afirmação a seguir:

Uma consciência que será forjada, inicialmente, na Europa setecentista, particularmente na França e na Inglaterra, em meio às grandes transformações que então se operam, como consequência do estabelecimento de um novo sistema econômico: o capitalismo. Por um lado, suas raízes se atrelam aos ideais liberais de igualdade, trazidas pela revolução democrática burguesa, que teve seu auge na Revolução Francesa de 1789. Principalmente porque se trata de um conceito limitado de igualdade, ou seja, uma “*égalité, liberté, fraternité*” que, apesar de clamada para todos, na prática vai-se instaurar só entre as classes dominantes (COSTA; SARDENBERG, 2008, p.24).

Portanto, o ideal de igualdade ainda não abrangeria a todos, mesmo que isso fosse contraditório; na realidade, até aquele momento, essa noção se implementaria apenas entre os homens, sobretudo, pertencentes às classes mais elevadas. A consciência dessas discrepâncias é o que dá luz ao movimento feminista que começa a se instituir já no fim do século XVIII e início do século XIX, especialmente em países europeus e norte-americanos. O trabalho como modo de produção capitalista, foi ponto importante para novas relações de gênero.

Segundo McCann (2019), o termo *feminisme* foi cunhado pelo filósofo Charles Fourier, o qual acreditava que uma sociedade só seria, de fato, harmoniosa e produtiva, se todo trabalho fosse estendido às mulheres de acordo com seus talentos individuais, em uma forma de trabalho cooperativa entre homens e mulheres, livre de opressão. Portanto, a Revolução Industrial, datada de 1760, compreende um marco importante para vislumbrar as primeiras movimentações de mulheres em relação às suas posições de trabalho, historicamente.

Nesse ponto, não apenas as formas de trabalho estavam sendo modificadas, mas também as formas de exploração, além das configurações de subsistência familiar. Com as mulheres se incorporando ao meio público de trabalho nas fábricas, juntamente com outras mulheres, as realidades se entrecruzam e as opressões vividas passam a ser questionadas em conjunto. Esse advento, juntamente com outras revoluções históricas, como a Revolução

Francesa (1789) e a Independência dos Estados Unidos (1776), consubstanciam o movimento feminista que vai se construindo nesse período.

O Absolutismo vinha perdendo forças para se instaurar a democracia e, portanto, pensamentos e práticas sociais até então, inabaláveis, passam a ser questionadas. As noções de igualdade e cidadania foram pilares para esse período. Chamado hoje de primeira onda feminista, esse momento teve como enfoque maior a vida política das mulheres incentivadas pelas ideias iluministas que perpassavam esse período. Nos entornos do ano de 1789, quando se data a Revolução Francesa, essa movimentação teve, como protagonistas, mulheres operárias que visavam a seus direitos jurídicos, políticos e sociais. Além da classe trabalhadora, mulheres de classes mais elevadas movimentavam clubes científicos e políticos no intuito dessas mesmas reivindicações.

Uma brecha havia se aberto com os novos ideais iluministas, afinal, a liberdade estava em pauta, bem como a questão da igualdade e cidadania. Porém, de forma contraditória, a chamada “Declaração dos Direitos dos Homens e do Cidadão”, proclamada em 1789, como o próprio título já diz, excluía as mulheres desse projeto igualitário. Ora, uma contradição estava posta: como todos poderiam ser livres e tratados como iguais, se as mulheres não podiam nem mesmo participar das decisões políticas das quais faziam parte de forma submissa? Foi a partir desse questionamento que mulheres como Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft, se utilizam de seus espaços para contra argumentar esse novo projeto político.

Em 1791, com a “Declaração dos direitos das mulheres e das cidadãs”, Olympe de Gouges traz à tona o quão contraditório eram os princípios universais levantados pelos pensadores iluministas. Nesse documento, era argumentado que as mulheres tinham direito de serem cidadãs tanto quanto os homens. Mais adiante, em 1793, Mary Wollstonecraft, escritora e filósofa inglesa, publica “A Vindication of the Rights of Woman” (Reivindicação dos direitos da mulher), “um marco nos textos feministas, que identificou a tirania doméstica como a principal barreira que impedia as mulheres de viverem vidas independentes e clamou para que elas tivessem acesso à educação e ao trabalho” (McCANN, 2019, p. 19).

Essa reivindicação por direitos iguais de cidadania e contra a domesticidade teve como auge a luta sufragista caracterizada por maiores manifestações que se estenderam por outros países. É importante ressaltar que nesse momento a maioria das mulheres em luta eram brancas e de classe média alta, entretanto, em países como os Estados Unidos, a luta pelo direito ao voto foi também protagonizada por mulheres negras e de classes mais baixas, domésticas, operárias. Nesse caso, a luta sufragista estava combinada com a luta

contra a escravidão. Percebe-se que, em um mesmo movimento, diferentes demandas foram reivindicadas e tem sido assim até os dias de hoje.

Nesse contexto, cabe ressaltar que a luta pelos direitos das mulheres foi entrecruzada por outras grandes demandas revolucionárias, sobretudo, no Brasil. A metade o século XIX abrigou muitos acontecimentos relevantes na luta contra opressões. Nas lutas abolicionistas, por exemplo, mulheres escravizadas já se movimentavam politicamente em quilombos. Além disso, as lutas por direitos básicos como o de estudar e frequentar escolas fez parte também desse movimento.

Mulheres como Nísia Floresta, brasileira, do Rio Grande do Norte, professora, reivindicavam o direito de as mulheres serem consideradas dotadas de inteligência e terem acesso à instrução. Fundou colégios para meninas, sendo um importante avanço na educação feminina brasileira. Traduziu a obra de Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, trazendo uma perspectiva nacional para as pautas de domesticação no ambiente privado, o qual representava o único espaço cedido às mulheres.

De formas diretas e indiretas, mulheres buscavam modificar a realidade que lhes era imposta. Essa consciência crítica de uma realidade subalterna e sexista existia, não como é conhecida hoje, de forma tão substancial. Mas o ponto crucial é compreender que em meio a tantas movimentações culturais e científicas, os avanços para o mundo público que envolvia a hegemonia, sobretudo, masculina, iam de vento em popa, deixando para trás, direitos elementares às mulheres. Foi esse contexto que propiciou o surgimento do discurso emancipatório feminista. Em um período denominado como modernidade, influenciado pelas transformações políticas, sociais e econômicas pós-Revolução Industrial, o movimento feminista começa a ganhar forma, conforme cita Silva (2008):

A consciência de gênero e as primeiras ideias feministas foram identificadas, historicamente, no bojo das transformações políticas e econômicas da Europa setecentista, conforme Sardenberg & Costa que analisam detalhadamente esse contexto em “Feminismos, feministas e movimentos sociais” (1991). O Feminismo surge e se organiza como movimento estruturado, a partir do fenômeno da modernidade, acompanhando o percurso de sua evolução desde o século XVIII, tomando corpo no século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, transformando-se, também, em instrumento de críticas da sociedade moderna. E, apesar da diversidade de sua atuação, tanto nos aspectos teóricos, quanto nos aspectos práticos, o Feminismo vem conservando uma de suas principais características que é a reflexão crítica sobre as contradições da modernidade, principalmente, no que tange a libertação das mulheres (SILVA, 2008, p.1-2).

Daí, essas inquietações corroboraram para reivindicações de mulheres pelo direito de votar e serem votadas. Não bastava apenas participarem como cidadãs (o que já seria um

avanço), escolhendo seus representantes, elas queriam representar e se verem representadas por outras mulheres. Esse espaço público, porém, não foi tão flexibilizado assim. Muito ainda havia de se conquistar para que essas mulheres pudessem ter uma vida social tão ativa quanto a dos homens. Nesse período, então, as mulheres ávidas por debaterem essas demandas, já se organizavam em associações políticas no intuito de se representarem entre si.

A denominada segunda onda do feminismo moderno se inicia com todo esse movimento de luta por direitos civis, sobretudo, o direito pelo voto, que foi fruto de um trabalho árduo e longo. No Brasil, por exemplo, durou cerca de 40 anos, pós-Constituinte de 1891, a qual não contemplava direitos e poder algum das mulheres, a não ser por sucessão. Aqui, esse movimento se compõe em uma movimentação de associações impulsionadas por mulheres como as que surgem a partir de:

1910, quando a professora Deolinda Daltro funda, no Rio de Janeiro, o Partido Republicano Feminino, com o objetivo de ressuscitar no Congresso Nacional o debate sobre o voto da mulher, que não havia sido retomado desde a Assembleia Constituinte de 1891. Em 1919, Bertha Lutz funda a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher, posteriormente denominada Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que levará adiante a luta pelo sufrágio. (ALVES & PITANGUY, 1991, p. 47)

Somente então, em 1932, no Brasil, é que o voto passa a ser promulgado como direito para mulheres, sob o governo de Getúlio Vargas. Uma conquista muito pertinente, mas que ainda se esbarrava em outras demandas sociais e outras formas de opressão que nem todas as mulheres envolvidas até então na luta pelos votos, irão compreender a relevância. Nesse contexto, uma desmobilização do movimento passa a acontecer. E no fim do século XIX para início do século XX, outras estruturas se construirão para novos movimentos de reivindicação.

Esse recorte histórico, compreende os períodos da Primeira e Segunda Guerra Mundial que reconfiguraram consideravelmente as esferas econômicas e sociais da humanidade. Sobretudo, nos países mais diretamente ligados, como Estados Unidos e Inglaterra, a mão de obra masculina passa a ser massivamente substituída pela mão de obra feminina no meio do trabalho produtivo, na esfera pública. O que parecia ser um avanço, na verdade, retornaria com mais uma demanda ser considerada e questionada:

É com o final da guerra e o retorno da força de trabalho masculina, que a ideologia que valoriza a diferenciação de papéis por sexo,

atribuindo à condição feminina o espaço doméstico, é fortemente reativada, no sentido de retirar a mulher do mercado de trabalho para que ceda seu lugar aos homens. As mensagens veiculadas pelos meios de comunicação enfatizam a imagem da “rainha do lar”, exacerbando-se a mistificação do papel da dona de casa, esposa e mãe. Novamente o trabalho externo da mulher é desvalorizado, tido como suplementar ao do homem. (ALVES & PITANGUY, 1991, p. 47)

Essas novas perspectivas abriram espaço para outras significações do poder político, e, conseqüentemente, transformando os comportamentos e identidades sociais. Nos entornos da década de 60, autoras e pensadoras como Simone de Beauvoir e Betty Friedan trouxeram à tona reflexões importantes para esse período do movimento feminista. Com a obra *O Segundo Sexo*, Beauvoir delineia desde uma análise psicanalítica até materialista histórica para compreender a questão da socialização feminina na sociedade. Com a máxima, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, a questão de gênero como construção social é colocada em pauta em um período em que os papéis sociais eram cada vez mais enraizados para serem considerados binariamente, como coisas para homens e coisas para mulheres.

É nesse contexto que a obra de Friedan, *A Mística Feminina*, toca em pontos relevantes com relação ao padrão que vinha sendo moldado de feminilidade. A condição feminina pautada ao ambiente doméstico foi alvo de questionamentos e considerações para se compreender nesse período como isso estava relacionado ao patriarcado como organização política. Com tais debates, começa a nascer uma teoria feminista, que não ficará apenas em meios de movimentações físicas, mas, muito além disso. Uma consciência crítica se criou, houve um questionamento da ideia mantida até então de universalidade com relação à identidade sexual e de gênero, como se homens e mulheres fizessem parte de uma mesma identidade, além de questionarem as relações de poder nesse contexto. As relações econômicas, de classe e raça passam a entrar de fato no contexto crítico de se pensar as condições de opressão causadas pelo capitalismo em conjunto com o patriarcado.

A partir de então demandas voltadas para liberdade sexual, direitos reprodutivos e compreensões de gênero e sexualidade tornam-se efervescentes para as incorporações de correntes feministas que integrariam o movimento como um todo. Essas ramificações foram ocorrendo de forma orgânica, pois pensamentos distintos, recortes históricos e sociais múltiplos se articularam, ora divergindo, ora dialogando, no intuito de desconstruir uma regularidade constante: a opressão da condição feminina na sociedade.

Aliado a isso, em um contexto mais recente, por volta dos anos 90, novos conceitos concernentes ao gênero se tornam relevantes, como os que podem ser constatados nos estudos feitos por Joan W. Scott, historiadora norte-americana e importante referência nos estudos de gênero. Segundo suas proposições, o sexo se refere às diferenças biológicas entre homens e mulheres, enquanto o gênero se dá como uma categoria mais fluida, relacionado aos papéis sociais atribuídos aos sexos na sociedade, além de estar condicionado à identidade, à forma como o indivíduo interpreta a si mesmo diante de seu sexo, muito além de uma questão biológica.

Nesse sentido, afirma Scott (1995, p. 75) que “o gênero [...] é uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres”. Outra importante teórica nesse quesito é a filósofa norte-americana, Judith Butler que vai mais a fundo em questionar a categoria de análise de gênero como construção social. Se referindo ao gênero, para a autora, “essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados. (BUTLER, 2018, p. 56, grifo do autor). Dessa forma, Butler questiona a noção de gênero, bem como sua distinção com a categoria do sexo, inclusive em uma perspectiva construída pela crítica feminista.

E o que é, afinal, o “sexo”? É ele natural, anatômico, cromossômico ou hormonal, e como deve a crítica feminista avaliar os discursos científicos que alegam estabelecer tais “fatos” para nós? Teria o sexo uma história? (...) Haveria uma história de como se estabeleceu a dualidade do sexo, uma genealogia capaz de expor as opções binárias como uma construção variável? Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula. (...) o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como pré-discursivo, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2018, p. 27).

Essa reflexão constrói um novo pensar sobre as identidades de gênero na sociedade e sobre como, de fato, se constroem - em atos repetidos, em uma relação performática constante -, como a autora supõe em suas considerações. Relacionando isso às pautas da luta feminista como direito das mulheres, supremacia masculina, liberdade aos corpos femininos, cabe, portanto, que se analise tais categorias subjacentes nesses contextos, também pela ótica discursiva e cultural, conforme salientado pelos estudos de gênero, como os postulados por Butler. Esses questionamentos sobre as categorias gênero e sexo levam à

problematização de outras noções como as de masculinidade e feminilidade, as quais mais à frente serão discutidas junto ao corpus desta pesquisa, pois são também relevantes aqui. Ser mulher, ser feminina, ser homem, ser masculino são conceitos e comportamentos tidos como naturais, porém, fazem parte de uma socialização tão imposta quanto a atribuição de papéis de gênero na sociedade.

A partir de tais perspectivas, outras movimentações culturais de pensamentos se aliam a essa teoria. Não apenas as questões de gênero e das condições da mulher na sociedade estão em pauta. Reformas científicas, sociais e ideológicas se engendram em um complexo que recai sobre uma espécie de descentramento dos sujeitos, conforme se confere na afirmação de Hall (2006, p.9):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito.

Com isso, novas discursividades passam a circular e é essa pluralidade de ideais, comportamentos, valores e papéis sociais que compõe o cenário do feminismo na sociedade contemporânea. Isso porque a sociedade passou a reconhecer que não apenas os homens poderiam adentrar os diversos espaços da sociedade. A ideia de dominação do homem em relação à mulher tida como natural e biológica foi sendo questionada ao longo dos tempos. Assim, à medida que o movimento foi ganhando maior visibilidade, novas perspectivas foram se abrindo, juntamente com diferentes demandas, suportes e formas de se manifestar.

Embora esteja aos poucos se desmistificando a concepção de que feministas são apenas mulheres que vão para a rua levantar bandeiras, queimar sutiãs, entre outras visões estereotipadas, ainda se faz necessário reforçar o que está realmente envolvido na luta do movimento. Em síntese, mas não tão simples assim, o feminismo busca a igualdade ou equidade e a não-hierarquia de um gênero sobre o outro nos diferentes âmbitos sociais. E essa premissa ainda tem sido mal compreendida, e velhos problemas com as mesmas bases, se reinventam exigindo outras movimentações. Com o advento da era digital, principalmente, alguns desdobramentos do movimento feminista se refletem em novas configurações. Mais adiante será apresentada uma breve contextualização desse momento relacionado às modificações e ampliações que tem ocorrido no movimento feminista

através das redes virtuais. Mas antes, uma breve explanação será feita a respeito do desenvolvimento do feminismo no Brasil até os tempos atuais.

2.2 FEMINISMO NO BRASIL E SUAS RESSIGNIFICAÇÕES

Antes de voltar a atenção para o panorama histórico do movimento feminista brasileiro em si, é importante compreender quais foram as raízes históricas da própria formação do Brasil enquanto nação. As matrizes políticas e sociais que determinaram seu desenvolvimento desde seus primórdios, conseqüentemente estão relacionadas com as motivações que propiciaram o surgimento do movimento feminista mais à frente.

O processo de colonização e escravização contribuiu de forma significativa para que houvesse diferentes condições de socialização das mulheres brasileiras. Quando os portugueses empreenderam um processo de exploração de terra e recursos como a cana de açúcar e mineração, em busca do máximo de lucro possível, um conjunto de outras explorações foram determinantes nesse percurso histórico:

A população da Colônia era explorada em benefício do nascente capitalismo europeu. E à mulher daquele tempo coube (...) uma parcela maior de exploração: primeiro, enquanto parte da população brasileira, sem qualquer poder de decisão, dominada que era pela metrópole (Portugal); segundo, porque nessa época a sociedade aqui formada organizou-se sob a forma patriarcal, isto é, era uma sociedade onde o poder, as decisões e os privilégios estavam sempre nas mãos dos homens. (...) o papel que cabia à mulher da classe dominante era, necessariamente, o de esposa e mãe dos filhos legítimos do senhor. (TELES, 1999, p. 18-19)

Enquanto essas mulheres vindas da Europa se viam confinadas ao ambiente privado, sem acesso ao conhecimento e à liberdade de escolhas em suas próprias vidas, outras mulheres que já viviam aqui ou que foram trazidas à força, no período da colonização, eram exploradas de outras maneiras. Mulheres indígenas, nativas do território brasileiro, foram animalizadas pelos colonizadores, assim como mulheres negras, trazidas do continente africano para serem escravizadas, serviram exclusivamente para trabalho e satisfação sexual dos senhores brancos. Além de mão de obra para o trabalho doméstico e nas lavouras, eram tidas como concubinas, objetificadas até mesmo entre mais de um senhor.

É sobre essa perspectiva de submissão e trabalho escravo em diversos sentidos que se constroem as bases econômicas e políticas da nação brasileira. Condição essa que afligiu toda a configuração social e, sobretudo, a condição das mulheres. Mesmo pertencendo a classes e raças distintas, cada qual em seu contexto, é inevitável perceber que em comum,

partilharam a opressão causada pela concentração das relações de poder por e para homens ricos e brancos e, mais especificamente nesse recorte histórico, europeu. O racismo, “o machismo e a exploração econômica serviram ao sistema global de dominação patriarcal e de classe” (TELES, 1999, p. 21)

Conforme as estruturas iam se consolidando em padrões patriarcais e capitalistas, os lugares sociais se configuravam paralelamente para homens e mulheres. E o que resultou desse contexto advindo de bases colonizadas, foram demandas e realidades desiguais refletidas em uma população heterogênea em uma base hegemônica. A situação das mulheres, nesse contexto, figura um abismo ainda maior. Nesse contexto, ramificações a respeito do feminismo foram se desenvolvendo à medida que o Brasil foi se formando enquanto sociedade. Para que essas relações se desdobrassem, alguns episódios históricos foram relevantes para que as bases do movimento de mulheres brasileiras se firmassem.

No século XIX, houve uma reivindicação por direitos educacionais. Nesse momento, às mulheres, era fadado o aprendizado apenas de afazeres manuais e domésticos. O conhecimento científico, matemático e até mesmo leitura e escrita, lhes era negado sob alegação de incapacidade. Hoje, é perceptível que, na verdade, o que determinava esse impedimento era o contexto patriarcal, o qual estabeleceu o lugar da mulher atrelado à vida privada. Em prol de mudanças nesse ponto, algumas personalidades femininas foram pilares importantes.

Citada na seção anterior, Nísia Floresta, uma das primeiras mulheres a ganhar visibilidade intelectual, teve importante papel na instituição de direitos educacionais para meninas no Brasil. “Nascida em 1809, no Rio Grande do Norte, dedicou-se ao magistério, publicou alguns livros (...) No Rio de Janeiro, em 1838, fundou um colégio exclusivo para a educação de meninas” (TELES, 1999, p.30). Defendeu os direitos de alfabetização e acesso ao conhecimento para que mulheres fossem reconhecidas enquanto dotadas de sabedoria tanto quanto os homens e, além disso, esteve envolvida na luta abolicionista. Esse viés de movimentação condiz com o que Pinto (2003) denomina de feminismo difuso que ganhará força alguns anos depois, tendo como protagonistas professoras, jornalistas e escritoras. Tinham o objetivo de defender a educação e participação da mulher no mundo público, questionando a dominação masculina através de suas produções, como será mais evidente depois com a imprensa e a atividade de mulheres feministas em jornais.

As poucas mulheres que ganharam visibilidade nas lutas e reivindicações que surgiram, ainda tiveram algum espaço por conta de um pilar que foi determinante naquele período: o privilégio de classe e raça. O que era de se esperar visto que a maior parte das mulheres com alguma visibilidade intelectual pertenciam a famílias de elite, europeias e,

portanto, brancas. Dessa forma, foi possível, por exemplo, que elas fossem para fora do país estudar e ter contato com alguns avanços culturais ocorridos na Europa naquele momento, como no caso de Nísia Floresta, que terminou sua vida na França. Outro exemplo foi Bertha Lutz, importante figura do sufragismo brasileiro. Segundo Pinto (2003), Bertha era filha de pais intelectuais, a mãe enfermeira e o pai, um dos mais influentes cientistas da época. Estudou Biologia em Paris e ao voltar para o Brasil, trabalhou como servidora pública. Essa base foi relevante para sua trajetória enquanto ativista dos direitos femininos.

De fato, foram protagonistas que permitiram a abertura de oportunidades para diversas outras mulheres que lhe precederam. No entanto, faziam parte de raríssimas exceções que aproveitaram seu espaço privilegiado para questionar e gerar mudanças. No caso das mulheres negras, em condições muito inferiores, essas possibilidades eram nulas. “Nessa época, a mulher negra teve um papel preponderante ao garantir sozinha a sobrevivência de sua família, quando apenas ela conseguia ainda algum serviço remunerado” (TELES, 1999, p. 42). Portanto, as direções foram tomando rumos bem distintos quando o assunto era a existência das mulheres brasileiras.

Isso direciona algumas importantes questões de análise para a crítica feminista que se desenvolve mais tarde, no que diz respeito à interseccionalidade. Esse olhar pautado nas diferenças de gênero, classe e raça são cruciais para se compreender a condição da mulher brasileira e como se configuraram as significações atribuídas ao movimento feminista ao longo dos tempos.

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais. (AKOTIRENE, 2019, p.15)

Assim, não é possível falar de feminismo sem levar em consideração tais fatores estruturais. O que vai de encontro à análise de contextos históricos pontuais. Quando o Brasil sai da condição de Império para República, algumas demandas como a abolição da escravatura se tornaram relevantes. Outras mulheres estiveram envolvidas nessa linha de frente, como Luiza Mahim, que conforme Teles (1999), foi importante figura na Revolta dos Malês, último grande movimento de escravizados ocorrida em 1835, em Salvador.

Com a implantação da República, as cidades crescem consideravelmente à medida que o capitalismo se dispunha e o trabalho se torna assalariado. Assim, o desenvolvimento operário favorecia a mão de obra branca vinda da Europa, fazendo crescer a classe operária

e junto com isso, algumas problemáticas sociais. As mulheres que passaram a trabalhar como operárias saíam em desvantagem em relação aos homens. Primeiro, financeiramente, pois recebiam os menores salários, mesmo trabalhando a mesma carga horária que os homens, e depois, pela jornada dupla, tendo que trabalhar também no ambiente doméstico.

Segundo Teles (1999), algumas mulheres lideraram uma das primeiras greves trabalhistas no ano de 1906, em prol de redução de jornada para oito horas. O resultado foi a diminuição completa das oito horas para os homens e para as mulheres, 9 horas e meia. Em 1917, acontece a primeira greve geral trabalhista no Brasil, liderada por mulheres, no estado de São Paulo.

Entre o final da Primeira República e início da Segunda República, por volta de 1910, surge o Partido Republicano de Mulheres. Nesse contexto, a reivindicação era pelo direito ao voto. Anteriormente, entre final do século XIX e início do século XX, a Constituição de 1891 ignorava a existência da mulher enquanto eleitoras.

Inconformadas com a não-aprovação do voto feminino pela Constituinte, um grupo de mulheres fundou em 1910, o Partido Republicano Feminino. Esse pequeno partido merece atenção especial pela ruptura que representou. (...) simplesmente pelo fato de ser um partido político composto por pessoas que não tinham direitos políticos, cuja atuação, portanto, teria de ocorrer fora da ordem estabelecida (...) As fundadoras do partido poderiam ter criado um clube ou uma associação, mas preferiram organizar um partido, tomando assim uma posição clara em relação ao objetivo de sua luta, isto é, se tornarem representantes dos interesses das mulheres na esfera política. (PINTO, 2003, p.18).

Liderado por Bertha Lutz que junto a outras mulheres, utilizou de seu poder econômico e social para mobilizar uma reivindicação por direitos políticos, o Partido perde forças quando ela viaja a Paris por conta de seus estudos e, mais tarde, se reinventa com a formação da Federação Brasileira para o Progresso Feminino. Muitos foram os acontecimentos decorrentes dessa organização para os avanços políticos em relação às mulheres. A maior razão disso estava no fato de que essa organização se desenvolveu em um contexto elitista daquela época, “eram essas mulheres com tal inserção social e cultural que lutavam por direitos políticos por meio da pressão junto aos poderes constituídos, no caso deputados e senadores” (PINTO, 2003, p. 26).

Portanto, o objetivo era se aliar em troca de respeitabilidade e respaldo. De forma, estratégica, não afrontavam diretamente a supremacia masculina. Sugeriam um complemento e a inclusão das mulheres como cidadãs, porém, sem abalar as raízes e estruturas que lhe causavam. Esse modo de fazer militância foi chamado de feminismo bem-comportado, segundo Pinto (2003); diferente do feminismo difuso, que questionava a

dominação patriarcal e, mais distinto ainda, do feminismo anarquista que surge depois levantando questões como exploração no trabalho, anticapitalismo e emancipação das mulheres.

A mobilização em favor da participação política feminina e seu direito ao voto passa a ecoar e muitas outras mulheres, mesmo não fazendo parte da Federação, se engajam em seus territórios. E nessa efervescência, em 1932, a intenção da luta se torna realidade e depois, o “voto incorporado à Constituição brasileira de 1934, com a ajuda de Carlota Pereira de Queirós, a primeira constituinte brasileira” (TELES, 1999). Concomitante a esse contexto, um conjunto de mulheres, pautadas em outra realidade, se mobilizavam em prol de uma mentalidade que ia de forma bem evidente, na contramão do movimento daquele período.

Longe das preocupações com os direitos políticos que ocupavam as principais feministas da época, um conjunto de manifestações de operárias e de intelectuais de esquerda sobre a condição da mulher mostra com muita clareza que, já naquele momento, a questão de gênero era percebida como um aspecto organizador de um dos elementos estruturantes das desigualdades presentes nas relações de trabalho. (...) Essas mulheres, no início do século XX, anteciparam uma luta que só ganha espaço e visibilidade no fim do século, a do reconhecimento da especificidade da opressão, isto é, que os oprimidos não são oprimidos da mesma forma. Que ser mulher, ser negro, ou pertencer a qualquer outra minoria traz uma carga a mais em relação a ser homem e ser branco. Essas anarquistas, na contramão dos movimentos libertários da época, chamavam a atenção para as diferenças. (PINTO, 2003, p.18).

Importantes protagonistas desse momento foram mulheres como Maria Lacerda de Moura, ativista anarquista, professora e escritora, de família modesta e assumia uma postura diferente das propostas de luta como a de Bertha Lutz. “Defendia o estudo das causas sociais da condição da mulher, apontando o capitalismo como o grande responsável” (PINTO, 2003, p.37). Assim, temas como o amor livre, insubordinação da mulher e o mundo do trabalho ganhavam força de problematização com esse viés da militância que se formava nesse contexto brasileiro.

Percebe-se nesse ponto, de que maneira o movimento feminista ia se incorporando e se desenhando de forma orgânica na sociedade. Diante das transformações políticas e sociais que vinham à tona, não era cabível uma organização homogênea de mulheres. Assim, diante das diferenças em jogo, as percepções sobre o que deveriam ser as pautas principais, a respeito de que mulheres se falava e para quais mulheres, eram fatores que direcionaram ramificações que se fizeram necessárias.

A ideia do feminismo bem comportado e o mal comportado foi relevante para se enraizar imagens a respeito de mulheres feministas que se encaixavam em cada uma dessas vertentes. O que reverberou por gerações adiante legitimando algumas discursividades a respeito do movimento feminista, em detrimento de outras. Visto que, como explanado anteriormente, as mulheres que reivindicaram o direito ao voto sem questionar a estrutura patriarcal e, inclusive, aliadas a ele, foram consideradas bem comportadas, do contrário das mulheres que iam contra este sistema imposto.

Esse contexto bipolarizado tem uma relação direta com um recorte histórico muito relevante para a formação social brasileira: o golpe de 64 e a ditadura militar. E nesse período também, o feminismo esteve presente de forma posicionada.

A grande maioria das militantes feministas dos primórdios do feminismo no Brasil esteve envolvida ou foi simpatizante da luta contra a ditadura no país, tendo algumas delas sido presas, perseguidas e exiladas pelo regime. (...) a própria unidade do movimento estava ameaçada com as feministas se dividindo em diferentes partidos, primordialmente entre o PT (Partido dos Trabalhadores) e o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). (PINTO, 2003, p. 45).

Portanto, esse período que se estendeu até 1984, foi marcado de consolidações políticas extremistas. Com uma forte onda ultraconservadora, um momento decisivo se estabelecia para o movimento feminista e, sobretudo, para a construção do posicionamento das mulheres que dele faziam parte. As organizações feministas que se propunham a enfrentar o sistema estavam fortemente ligadas ao partido de esquerda. Com muitas delas exiladas, em sua maioria, na Europa, algumas organizações se formam, influenciadas pelo contato com as agitações e avanços culturais que ocorriam fora do Brasil. Um exemplo disso “foi o Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris, que durou de 1975 a 1979” (PINTO, 2003, p. 54)

Nesse período, um marco relevante também compreende o ano de 1975, quando a ONU (Organização das Nações Unidas) o estabelece como o Ano Internacional da Mulher e o início da década da mulher. Esse acontecimento tem mérito nas lutas intensas feitas por muitas mulheres, mesmo em meio à repressão. O fato é que isso trouxe uma ressignificação para o movimento feminista no Brasil, demarcando esse ano como o início de um movimento feminista oficializado. Foi um momento em que finalmente, era possível se expressar e agir com mais liberdade.

Mesmo com a grande conquista, a homogeneidade na organização não seria uma característica a se consolidar nesse momento. Longe disso, algumas ramificações de teor político se revelam nesse caminho:

(...) abrigava as três grandes tendências do feminismo: a marxista, a liberal, a radical. As duas primeiras, apesar de suas óbvias diferenças, tinham uma natureza mais política e tendiam a ver os problemas enfrentados pelas mulheres como questões coletivas com uma dimensão que extrapolava a luta específica da mulher. As marxistas tendiam a reduzir a luta das mulheres à luta de classes, e as liberais, à luta por direitos individuais. O terceiro grupo, o que mais dificuldade teve de se manter na organização, era composto de mulheres que colocavam sua própria condição de mulher no centro da discussão. (PINTO, 2003, p. 60).

Portanto, é perceptível que uma divisão se instituiu, determinando a forma como iria se desenvolver o movimento feminista na sociedade brasileira. Nesse contexto, as identificações que se geravam em cada uma dessas vertentes, conseqüentemente, refletiriam no imaginário social e nos desdobramentos do próprio movimento ao longo das próximas gerações, ou chamadas ondas. Já no final da década de 70, o Brasil presencia um impulso para a democratização que foi bem protagonizado pela luta feminista também.

O fim da ditadura, a anistia e a reforma partidária marcavam esse novo período na política brasileira. Mais adiante, outra conquista tem a ver com o período da redemocratização que culminou na Constituição de 1988. Nesse documento tão valioso para o país, desde o período de repressão, conquistas importantes para a condição social da mulher finalmente foram determinadas em texto jurídico. Dentre essas estão a igualdade de direitos e obrigações entre homens e mulheres. Era a primeira vez que essa separação era feita, nominalmente, no lugar de universalizar em detrimento ao substantivo feminino.

Ao longo dos tempos, outras temáticas até então pouco focadas ou tidas como restritas ao âmbito privado, ganharam maior visibilidade; como a emancipação da mulher, legalização do aborto, sexualidade e a violência doméstica.

O lema “o pessoal é político” orienta muitos dos clamores feministas pelo mundo, e a reflexão, a militância e a produção de saberes e ações sobre a condição das mulheres brasileiras trazem soluções inéditas e regionais, como a criação das Delegacias de Defesa da Mulher, em meados da década de 1980, primeiro órgão policial especializado no atendimento a mulheres em situação de violência (McCANN, 2019, p. 125).

Mais recentemente, questões pensadas anteriormente como intrínsecas à individualidades de mulheres vêm à tona repercutindo o sentimento de coletividade. A máxima “em briga de marido e mulher, não se mete a colher”, cai por terra quando se

amplificam as questões da vida social da mulher no que diz respeito à opressão de forma cultural e estrutural. Com isso, pautas a respeito do feminicídio, assédio e abuso sexual, empoderamento feminino, entre outros passam a ser discutidas mais abertamente:

questões antes secundarizadas como essencialmente femininas e relativas à esfera privada, isto é, não pertencentes ao campo masculino da política — a exemplo das relativas ao corpo, ao desejo, à sexualidade e à saúde — foram politizadas e levadas à esfera pública, a partir da utilização de uma linguagem diferenciada, que além do mais, permitia enunciá-las. (...) partiu-se para a afirmação do universo cultural feminino, em todas as dimensões possíveis. (...) os feminismos deram visibilidade às formas perversas da exclusão que operam no mundo público. Ao mesmo tempo, propuseram formas alternativas de organização social e sexual fundamentais para a construção de relações mais igualitárias não apenas entre os gêneros, já que se trata fundamentalmente da construção de um novo conceito de cidadania, num campo em constante mutação. (RAGO, 2003)

Essa perspectiva amplificada passa por desdobramentos significativos com as possibilidades que surgem no ambiente virtual. O que antes só era feito a partir de organizações presenciais, o que levava tempo e demandas burocráticas muito maiores para ganhar forma, com as redes sociais em ascensão, agilidade e ecoar de vozes são as palavras chave a partir de então. O alcance se torna globalizado a partir dos veículos de comunicação no ambiente virtual, conhecido como ciberespaço.

Assim, toda essa contextualização histórica traz uma reflexão importante para o objetivo desta pesquisa. As significações a respeito do movimento feminista e mulheres feministas foram se constituindo ao longo dos tempos sempre em paralelo com discursos patriarcalistas que direcionaram os rumos da sociedade brasileira. Mesmo não existindo a noção oficial da nomenclatura “feminismo”, houve a necessidade de marcar um posicionamento nesse contexto.

Portanto, as (des)identificações e modos de dizer sobre o feminismo e o que lhe permeia, se consolidaram no imaginário social provocando deslizamentos de sentidos inúmeros no que diz respeito a esse movimento social. Em consonância com o que afirma a teoria discursiva, lembrando que “a história dos sentidos cristalizados é a história do jogo de poder da/na linguagem” (ORLANDI, 2008, p. 21). Adiante, essa noção será contextualizada junto ao conceito de circulação de discursos no meio virtual, para que seja compreensível o funcionamento dos efeitos de sentido sobre feminismo nesse espaço e para além dele, nos tempos vigentes.

3 PARA ENTENDER O CORPUS: A INTERNET COMO VEÍCULO DA CIRCULAÇÃO DE DISCURSOS SOBRE FEMINISMO

Nesta seção o objetivo será tratar do advento da internet e como os discursos feministas passaram a se materializar nesse meio. Mais especificamente, como se articulam as atribuições de sentidos sobre ser feminista no espaço tecnológico; quando isso ocorre em um movimento de interdição e desautorização de certos sentidos e emergência de outros. Antes disso, porém, cabe contextualizar o que é, de fato, a internet enquanto veículo e acontecimento discursivos.

Os processos tecnológicos avançaram e continuam a se ampliar, modificando não só o âmbito virtual, mas também as relações sociais e formas de interação entre os sujeitos. As redes sociais, no geral, têm contribuído para uma transformação significativa no modo como os sujeitos contemporâneos se relacionam e têm propiciado uma infinidade de dizeres por diferentes formas e linguagens. Para além das relações sociais, a conectividade tem feito parte da vida dos indivíduos em uma posição de quase dependência para a realização das mais simples às mais complexas tarefas do dia a dia. Felipe Thomaz (2012) entende que:

A rede mundial de computadores estende sua mão a mais de 2 bilhões de pessoas ao redor do globo. Em paralelo à difusão da banda larga, o acesso à internet não mais se limita ao uso do computador como suporte à rede, mas, devido ao avanço no campo das mídias móveis (a exemplo de telefones, tablets, laptops, entre outros dispositivos), a presença do mundo virtual garante um espaço mais comum na vida de todos. Já não “entramos na internet”, mas estamos na internet e somos pensados por ela, como defende Jean Baudrillard. (THOMAZ, 2012, p. 65)

Assim, as interações humanas e sociais inevitavelmente estão conectadas, literalmente, a essa rede que se desencadeia, de forma cada vez mais veloz e instantânea, em novos mecanismos de comunicação e de disposição dos sujeitos nesse processo. Desde novas concepções de comunicação e disposição dos sujeitos até a simplificação de organização de tarefas, os comportamentos interpessoais e subjetivos passaram a se moldar através do ciberespaço¹. Aplicativos para *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Twitter* têm movimentado a utilização de dispositivos móveis que outrora eram utilizados apenas para ligações telefônicas e, no máximo, mensagens SMS fora do status *online*.

¹ Lévy (1999, p. 17) apresenta a noção de ciberespaço como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”.

Pensando sobre as redes sociais, é importante ressaltar que elas não se resumem ao ambiente virtual; têm alcançado uma dimensão social muito além das telas de *smartphones* e *notebooks*, principalmente com relação à constituição dos sujeitos que nelas se envolvem. Além das modificações significativas do cotidiano individual, as redes sociais trouxeram novas formas de mobilização social e política. O ciberespaço abre portas para uma nova perspectiva entre o que é real e irreal, o virtual e o físico, o online e o offline.

A universalização da cibercultura propaga a co-presença e a interação de quaisquer pontos do espaço físico, social ou informacional. (...) a palavra virtual é muitas vezes empregada para significar a irrealidade – enquanto a “realidade” pressupõe uma efetivação material, uma presença tangível. A expressão “realidade virtual” soa então como um oxímoro, um passe de mágica misterioso. Em geral acredita-se que uma coisa deva ser real ou virtual, que ela não pode, portanto, possuir as duas qualidades ao mesmo tempo. (...) É virtual toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular. (LÉVY, 1999, p. 47)

Este tem sido o diferencial da era virtual: sua capacidade de atingir espaços e sujeitos múltiplos simultaneamente, não importa o seu local geográfico. Dessa forma, uma união de comunidades pode facilmente ser criada e mantida a longa escala. As diversas plataformas digitais como sites, blogs, fóruns e as redes sociais, de forma preponderante, têm propiciado espaços para tais movimentos midiáticos, discursivos e sociais se expandirem.

Muitas páginas e grupos são criados e, neles, temas dos mais diversos, inclusive ligados ao feminismo, por exemplo, têm se multiplicado. Alguns aparecem como forma de organização ativista, de reflexão, compartilhamento de conteúdos educativos; outros como sátiras e provocações, ou mesmo como perspectivas contrárias ao movimento. É nessa rede de comunicações que diversas vozes reverberam e as fronteiras de ordem material e virtual, ligadas a classe, etnia e gênero, têm a possibilidade de se romper e, ao mesmo tempo, de se agruparem, bem como de ressignificar os espaços de dominação que estão presentes nas diversas estruturas.

O grau de autonomia da descentralização das redes abriu um vasto campo de estratégias inesperadas de mobilização e comunicação políticas. Entre elas, estão as perspectivas capazes de mobilizar a expressão individual, assim como a erosão parcial entre o público e o privado, que podem ser vistos como o cerne da criação de modulações mobilizadoras estimuladas pela estrutura das redes (COSTA, 2018, p. 32).

Dessa maneira, as configurações das redes sociais têm se modificado em prol dessa entrega de autonomia tanto de mobilização quanto discursiva. Tais redes constituem-se por uma comunicação ativa, o que ocorre com o compartilhamento e troca de informações de forma massiva. Mais recentemente, tem sido realizada a autocomunicação, a qual se configura como a mudança fundamental no domínio de comunicação, caracterizada pelo uso da Internet das redes sem fio (CASTELLS, 2013). A partir desta dinamicidade e autonomia relevantes, o alcance das ações pode chegar a uma proporção mundial.

Portanto, essa facilidade de interação possibilita que movimentos sociais se utilizem do ciberespaço como mais uma ferramenta para difundir suas reivindicações, interagir com diversos sujeitos para além do previsto geograficamente, criando mobilizações significativas. Vale lembrar que essas movimentações passam pelo discursivo e essa consideração abre espaço para compreender o objetivo geral desta pesquisa no que diz respeito às circulações discursivas sobre o movimento feminista.

Outro aspecto interessante do virtual é o de que, por não ter materialidade, ele sempre excede o atual, o transcende. Dessa forma, sempre estaremos em contato com palavras e enunciados que não foram ditos ou escritos, não foram atualizadas, mas que constituem o sentido do que falamos, escrevemos, ou ouvimos e lemos. Além disso, em toda situação de enunciação, novos sentidos virtuais se projetam, se multiplicam em tantas novas possibilidades. (GALLO, 2009, p. 1)

Portanto, a partir da internet, há uma pluralização das fontes de comunicação e, com isso, também uma disputa de narrativas e multiplicidades de sentidos. Em particular, as redes sociais reconfiguraram as diferenças entre o público e o privado, o que é capaz de deslocar sentidos de maneira veloz e dinâmica. Não à toa, os próprios sentidos da palavra “rede” conduzem a esse entrelaçamento proposital e inevitável constituintes deste ciberespaço.

ao mesmo tempo em que os pontos e os nós compõem a geometria do trançado, há espaços de brechas, desvios e buracos, que criam poros abertos, por onde escorregam vazios, escapam silêncios, escorrem os não-ditos e interditos. (...) há espaços vazios entre os pontos de um bordado; há frestas de sentido entre as palavras de um texto; há poros abertos no rendilhado-rede do pescador. (ROMÃO, 2004, p. 72)

A partir dessa percepção, adentramos agora a alguns exemplos presentes nas plataformas digitais de interação social a fim de contextualizar o objeto desta pesquisa, delineando as regularidades constituintes das redes sociais enquanto um acontecimento discursivo.

O Facebook, por exemplo, uma rede de acesso mundial muito popularizada nos anos recentes, comprova esse movimento de propagação de ideias, comportamentos e posicionamentos cada vez maiores. É comum o sujeito, representado em um perfil, se identificar com um determinado dizer presente em uma página ou publicação e, enquanto indivíduo, o compartilhar em seu próprio perfil, como se falasse de si de algum modo; assim, o sujeito significa-se por meio de tal discurso. Também pode acontecer uma desidentificação, acarretando quase sempre em conflitos e debates bem comuns nesse tipo de comunicação, que podem se manifestar através de comentários, respostas e contra-respostas.

Inicialmente, a plataforma *The facebook*, como era então chamada, surge em fevereiro de 2004, fruto do projeto de um jovem estudante de informática em Harvard, Mark Zuckerberg. O intuito era integrar em um site/plataforma os estudantes da faculdade, a fim de compartilhar seus estudos. Os dizeres de apresentação da plataforma eram: “O The facebook é um diretório que conecta pessoas por meio de redes sociais nas faculdades” (KIRKPATRICK, 2011, p. 39). Desde então, o contexto do Facebook foi se resignificando e sendo reconfigurado. Por meio da rede, indivíduos de sociedades pelo mundo afora se sentem encorajados a opinar, mobilizar pessoas, discutir questões políticas e sociais, desestabilizando fronteiras e discursividades; tem sido um veículo de circulação de diferentes discursos que têm dado poder aos indivíduos com relação às instituições sociais e, conseqüentemente, as desestabilizando (KIRKPATRICK, 2011).

Além do Facebook, outras redes têm ampliado força de mobilização política e social. O Twitter foi inicialmente pensado para a militância no contexto de manifestações contra a convenção nacional do Partido Republicano, nos Estados Unidos, em 2004; mesmo após transformações, manteve seu DNA ativista, como na sua proposta atual (COSTA, 2018). Outras redes sociais, embora não tenham sido criadas originalmente com o intuito ativista, têm sido aproveitadas como ferramentas catalisadoras nesse movimento. O Whatsapp, aplicativo de mensagens instantâneas popularmente adquirido como meio de comunicação, tornou antiquado o hábito de fazer ligações telefônicas, dando lugar às mensagens de texto e áudio, interativas. Possuir um *smartphone* nos dias de hoje abriu caminhos para um universo de multiplicidades e facilidades para se comunicar e se manifestar.

A ideia de movimento social surge a partir da união de identidades em prol de reivindicações em comum. Em uma espécie de jogo de poder, uma disputa de subjetividades na denominada pós-modernidade passa a questionar lugares sociais e as

próprias identidades em deslocamento. Ocorre, assim, uma movimentação ou descentramento dos sujeitos, conforme se confere na afirmação de Hall (2006, p.9):

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito.

Tal fragmentação do sujeito se dá por vários processos nesta pós-modernidade, dentre eles, o crescimento acelerado da comunicação em rede. Com isso, novas discursividades passam a circular e é essa pluralidade de ideais, comportamentos, valores e papéis sociais que compõe o cenário de movimentos sociais como o feminismo, na sociedade contemporânea.

3.1 A REDE SOCIAL INSTAGRAM E O CONTEXTO DA CIBERMILITÂNCIA

De forma inovadora, a rede social Instagram tem como foco produções imagéticas discursivas. Isso porque possui uma interface não apenas escrita, mas principalmente visual que se complementam. Nesse contexto, até mesmo filtros modificadores de imagem se popularizaram ressignificando visões e padrões de subjetividades para novas relações sociais. O discurso visual, estético e individual passa a complementar um discurso coletivo dos sujeitos que fazem parte dessa rede digital, produzindo sentidos para além dos dizeres por escrito. Essa consideração se faz necessária para contextualizar a utilização e participação nesta rede social de forma tão abrangente.

Criado pelo brasileiro Mike Krieger e pelo norte-americano Kevin Systrom, em 2010, o Instagram já passou por diversas modificações em sua interface e recursos. Em 2012, foi comprado pela empresa do Facebook, e em 2020 contava com cerca de 1 bilhão de usuários ativos por mês, sendo a 5º rede social mais popular do mundo². Possuindo tamanhos recursos para além da linguagem verbal, como os *stories*, onde é possível compartilhar uma série de vídeos curtos de 15 segundos que expiram após 24 horas, ou vídeos mais longos no chamado IGTV (InstagramTV); *lives*, onde é possível compartilhar

² Instagram faz 10 anos como uma das maiores redes sociais do mundo e de olho no TikTok, para não envelhecer. (INSTAGRAM...,2020)

um momento em tempo real entre inúmeros usuários da rede. As possibilidades de interação são múltiplas nesta rede social.

Falar de movimentos sociais, nesse contexto, é abrangente. Ademais, a categoria movimento social se configura por uma regularidade de organizações que se desenvolveram ao longo dos tempos, movidas por necessidades, indignações e condições sociais em comum. É possível, portanto, associar a “ideia de movimento social a uma ação coletiva que coloca em causa um modo de dominação social generalizada” (TOURAINÉ, 2006, p.18). Tal influência ocorre de maneira coletiva, o que, por si, se conecta com a noção de rede de pessoas, ou rede social. Outro ponto que cabe ressaltar nesse contexto, diz respeito às construções imaginárias criadas em torno dos sentidos acerca de movimentos sociais:

“Até o início dos anos 60, falar em movimento social significava referir-se à suposta virtualidade revolucionária do proletariado – entendido como classe determinada pelas relações capitalistas de exploração do trabalho pelo capital – e acreditar em sua organização racional, isto é, diagnósticos claramente baseados em premissas científicas, metas previamente definidas, além de regras e normas dotadas de eficácia para o alcance dos objetivos táticos e estratégicos. Os sindicatos e os partidos políticos de orientação socialista e comunista representariam, nessa perspectiva, a forma mais acabada desse tipo de organização, e tudo o que fugisse desse raio de ação sequer podia ser incluído sob a rubrica do verdadeiro movimento social; quando muito, seriam movimentos arcaicos e pré-políticos ou, então, meros ‘assuntos da classe trabalhadora’” (DOIMO, 1995, p. 39).

Assim, perdurou no imaginário social uma relação de sentido que permite a associação de movimentos sociais com partidos políticos de esquerda, por exemplo, possuindo uma tendência ao socialismo e comunismo. Contextualizando em um recorte socio-histórico-ideológico brasileiro, nas palavras de Fontes & Mechi (2019), os movimentos sociais estiveram sempre muito relacionados a questões de classe; por volta dos anos 1970 a 1980, em um contexto de farsa econômica ditatorial, alto desemprego e crescimento populacional nas favelas e periferias, o ápice da crise econômica e falta de recursos, infraestrutura e políticas públicas adequadas aflora o sentimento de indignação e protesto. Tais demandas se incorporaram ao longo dos tempos com questões menos econômicas e mais socioculturais, abrangendo causas como as ambientais, de gênero e sexualidade, como grupos de homossexuais e feministas.

Relacionando todo esse contexto ao movimento feminista, o qual é ponto de interesse nesta pesquisa, compreender a configuração de movimentos sociais e redes sociais condiz de forma pertinente. A noção de pessoas compartilhando de uma mesma causa, em

suas subjetividades e, ao mesmo tempo, diversidades, constitui uma ideia de pertencimento e identificação em uma perspectiva coletiva. O espaço digital, portanto, se tornou um potencializador para o surgimento de outras formas disruptivas de articulação e propagação de ideias, dando continuidade às gerações feministas anteriores, porém, com maior amplitude. Essa nova onda, denominada de ciberfeminismo, ou feminismo 4.0, reverberou e fez ecoar múltiplas vozes em prol da luta feminista.

O ciberfeminismo também está se desenvolvendo com as mesmas aspirações: o esforço pela palavra pública e sua circulação - a importância de estabelecer uma rede de comunicação entre as mulheres. O meio favorece a incorporação do discurso feminista. É um sistema de comunicação alternativo, de certa forma contracultural, que permite os discursos não institucionais. É um sistema no qual aparentemente se faz possível uma dissolução dos papéis designados aos gêneros, às identidades. O ciberfeminismo tem sido saudado com otimismo pelas mulheres, e tem se transformado num território de desenvolvimento cultural e social, num espaço público de manifestação. (COLLADO&NAVARRETE, 2010)

Desde então, à medida que se desenvolvem as experiências digitais, o movimento feminista tem encontrado na internet suportes, plataformas e espaços, dentre eles, as redes sociais, que proporcionam novos canais de comunicação e intercâmbio de informações, ampliando e diversificando os temas, possibilitando que as ideias e reflexões cheguem ao maior número de pessoas. Nesse sentido, houve uma democratização do conhecimento sobre as pautas feministas, aproximando simpatizantes e desconstruindo estereótipos de maneira mais informal, como através de vídeos ou imagens e textos de leitura rápida. Muitas mulheres passam a compreender e se identificar enquanto feministas a partir desse contato virtual.

Dessa forma, as diversidades vão se ressaltando e, então, não se torna mais interessante falar de um feminismo geral, mas sim de feminismos, pois se percebe que as demandas e opressões acontecem de formas diferentes às mulheres. Assim, essas práticas coletivas passam a permear os debates do feminismo contemporâneo, movimentando e produzindo novas significações e multiplicidades nas relações discursivas.

As redes sociais cumprem, então, um papel muito importante nesse movimento de mulheres. Por essa ferramenta, se organizam debates, articulações e formas de planejar ações como a campanha #eunaomerecoserestuprada³. Idealizada em 2014 pela jornalista Nana Queiroz, como forma de protesto, a campanha mobilizou mulheres de várias regiões

³ Confira entrevista com Nana Queiroz, criadora do movimento #EuNãoMereçoSerEstuprada (CONFIRA, 2014)

do país a postarem fotografias com as palavras de ordem pintadas no corpo ou em cartazes, afirmando categoricamente que mulher nenhuma merece esse tipo de violência.

Outra campanha propagada similarmente foi pela divulgação da hashtag #Primeiroassedio⁴, idealizada pela jornalista e fundadora da Think Olga, Juliana de Faria. A partir dessa campanha, várias mulheres também compartilharam casos comoventes e revoltantes de assédios, muitos deles relacionados a traumas de infância provenientes de parentes e amigos de família. Outro manifesto que viralizou nas redes sociais foi a do #Meuamigosecreto, levantado pelo coletivo feminista Não Me Kahlo. Em alusão à brincadeira natalina, mulheres puderam desabafar acerca das opressões sofridas por meio de piadas, dizeres e comportamentos por conta do gênero através de textos bem diretos. O impacto foi tanto que acabou virando o livro *#MeuAmigoSecreto: Feminismo Além das Redes*. As próprias fundadoras do coletivo afirmam que:

A hashtag, criada em novembro de 2015, não surgiu de uma campanha planejada, mas sim de uma construção coletiva e espontânea. Como acontece com muitas coisas na internet, é difícil definir o momento exato em que a tag nasceu. Porém, não há dúvidas de que o pontapé inicial foi dado em nossa conta no Twitter. (...) Todos os tweets que publicamos foram baseados em fatos da vida de pessoas conhecidas e, até então, não estavam acompanhados da hashtag. (...) Imediatamente após a publicação dos tweets, nossas seguidoras começaram a nos mandar as próprias histórias. (...) Transformaram “meu amigo secreto” em hashtag e, por meio dela, milhares de mulheres estavam compartilhando seus relatos, interagindo e se conectando com as histórias umas das outras. A adesão maciça de diferentes mulheres possibilitou que outras tivessem coragem também para contar os próprios casos (KAHLO, 2016, p. 14-15)

Por meio desta interação, o que estava apenas no campo ideal e virtual passa a ser concretizado, de uma certa forma, ampliando as discussões e as perpetuando; proporcionando visibilidade e espaço para que mulheres, especialmente, se reconheçam nessa luta e possam vislumbrar em seus cotidianos, pautas antes não percebidas, como o assédio, violências e a materialização do machismo em suas mais diversas facetas. O que se torna fluido nesse contexto, portanto, é a ampliação de tais discussões pertinentes, propiciando transformações no sistema e nos modos de ser e pensar a respeito das lutas feministas na sociedade.

O Instagram também se tornou uma rede social propícia nesse sentido. Perfis como o @sigofeminista, o qual faz parte do *corpus* desta pesquisa, é um exemplo disso. De forma

⁴ Campanha constata que mulheres sofrem primeiro assédio entre 9 e 10 anos. (CAMPANHA, 2015)

didática e informal, perfis como esses vêm ganhando espaço e notoriedade para compartilhar e produzir conteúdos de cunho feminista. Não apenas como forma de estampar uma identificação, tais perfis têm sido pensados como um método de ensinar e desconstruir estereótipos sobre feminismo, mulheres feministas, patriarcado, machismo e muitas outras pautas que circulam nesse contexto. Na próxima seção, o perfil citado será explanado mais detalhadamente, porém, de antemão, é relevante situá-lo como sendo parte significativa desta pesquisa, ao trazer à tona um movimento de identificação e propagação expressiva em torno do movimento feminista.

Portanto, os ditos que se propagam nas redes possuem grande impacto por onde percorrem, e, no que diz respeito ao movimento feminista, essa visibilidade gerou uma enxurrada de dizeres ora favoráveis ora contrários, o que será analisado mais adiante.

3.2 MOVIMENTOS DE OPOSIÇÃO AO FEMINISMO NO INSTAGRAM

Embora a internet tenha se apresentado como um vasto campo de possibilidades que propicia a um movimento social – como o feminismo – ecoar vozes e desconstruir estereótipos a seu respeito por meio de propagação de conteúdos de formas variadas, isso não quer dizer que ideais contra o feminismo estejam prestes a sumir. Pelo contrário, da mesma maneira que o movimento feminista encontrou, nas plataformas digitais, mecanismos de levar adiante pautas e debates do seu interesse, o movimento antifeminista também.

Ainda que não exista um movimento social denominado como antifeminista, há um processo ideológico-discursivo constante de reação negativa ao feminismo, sobretudo, a respeito de sua presença nas redes. Como materializado, por exemplo, em afirmações dirigidas de forma avessa às feministas e suas pautas “com o argumento de que elas seriam apenas plataformas para propagar ódio aos homens ou mesmo para chamar atenção” (KAHLO, 2016, p.248). Dessa maneira, essa espécie de contra-ataque ao feminismo, enquanto prática ideológica, gera alguns efeitos de sentido, como os de questionar, desqualificar e deslegitimar as demandas de luta propostas pelo movimento. Para fortalecer isso, é comum se utilizar o movimento feminista contra as próprias mulheres, invertendo valores e trazendo à tona o poder masculino como sendo natural, além de ideias como as de que feministas não gostam de homens e querem ser superiores aos homens.

Toda a vez que as mulheres parecem ter algum sucesso na sua marcha rumo à igualdade, surge uma inevitável geada atrapalhando o florescimento do feminismo (...). “Enquanto os homens prosseguem em

seu desenvolvimento, construindo sobre tradições herdadas”, escreve a historiadora Dale Spencer, “as mulheres ficam confinadas em ciclos de contínuos recomeços.” (FALUDI, 2001, p.65).

Esse fenômeno não é aleatório, podendo ser considerado algo recorrente ao longo da história e, de certa forma, alinhado ao sistema patriarcal. Não seria interessante, para tal sistema, coadunar-se com pautas que buscam justamente questionar seus poderes e seu domínio de espaços e privilégios, em prol de mais equidade entre homens e mulheres na sociedade. Assim, ao reforçarem que as demandas de divisão sexual do trabalho, por exemplo, não deveriam ser problematizadas, e sim tidas como naturais e até mesmo divinas, reverberando discursos religiosos e conservadores, as discursividades antifeministas vão encontrando espaços de materialização e reprodução.

Assim, existe um discurso sendo formulado que atua em pelo menos dois eixos: um que diz que não precisamos do feminismo – ou que não precisamos mais do feminismo – e outro que se desenrola em uma reclamação sobre o ativismo de movimentos sociais, buscando deslegitimá-los e freá-los (KAHLO, 2016, p. 252)

Dessa forma, os discursos (anti)feministas se entrelaçam ora se aliando às próprias demandas feministas de maneira favorável, ora de maneira contrária e, ao mesmo tempo, podendo se utilizar disso para criar ressalvas e argumentos contrários. Um exemplo é a propagação da ideia de que mulheres devem sim lutar por seus direitos, trabalhar fora de casa, mas não precisam do feminismo para isso. Ou seja, existe uma inversão ou contradição a respeito do que o movimento feminista representa justamente nessa luta por direitos das mulheres como o de trabalhar na esfera pública, algo que antes não era possível antes das reivindicações propostas pelo feminismo, segundo o contexto sócio-histórico-ideológico emergem neste ponto.

De tal onda antifeminista, conservadora e mantenedora de preceito patriarcais emergem efeitos de sentido de questionamento do trabalho que tem sido construído pelo movimento feminista, sobretudo nas redes sociais. Como já citado, na mesma proporção em que o movimento feminista tem se organizado virtualmente, perfis antifeministas também o têm feito.

Um exemplo é o perfil no Instagram denominado @direita.feminina no qual podem ser acessadas uma série de publicações abordando o movimento feminista, porém, por meio de questionamentos a respeito de sua legitimidade e necessidade de existir politicamente. Mais adiante esse perfil será melhor explicado, visto que faz parte do corpus da pesquisa e,

algumas de suas publicações, serão demonstradas e analisadas discursivamente na seção a seguir.

Estando no ambiente virtual, esse tipo de movimento ganha um alcance imensurável. A partir disso, muitos posicionamentos são acionados, (des)construídos e reproduzidos, o que é parte interessante a esta pesquisa. Com base nesse desenrolar discursivo é que, neste ponto do trabalho, adentramos ao *corpus* propriamente dito com o objetivo de analisar e compreender como se dão essas formulações discursivas, mais especificamente nas materializações de FD's em jogo e, conseqüentemente, como se relacionam nos perfis @sigofeminista e @direita.feminina em situação de comparação.

4 DELIMITANDO O CORPUS: POSICIONAMENTOS EM REDE

Nessa seção, apresentamos o *corpus* da pesquisa, a saber os posts coletados do Instagram que serão analisados, bem como justificamos sua presença e seleção na pesquisa. O primeiro critério de seleção tem base em suas marcas discursivas relacionadas ao feminismo. Antes disso, porém, foi importante delimitar alguns critérios para a construção do objeto.

Dentro da rede social Instagram, as discursividades em torno da temática do feminismo se fazem presentes de maneira intensa, assim como outras questões sociais que confluem neste processo. Como uma forma de ativismo mais democrático, o espaço virtual proporciona uma oportunidade de debates que compõem as manifestações de e sobre movimentos sociais, como o feminismo. Por seu poder de interação e difusão dinâmica, sobretudo discursiva, é possível que se realize uma análise consistente dos efeitos de sentidos que dali ecoam.

a internet é mais que um instrumento útil a ser usado porque está lá. Ela se ajusta às características básicas do tipo de movimento social que está surgindo na Era da Informação. E como encontram nela seu meio apropriado de organização, esses movimentos abriram e desenvolveram novas avenidas de troca social que, por sua vez, aumentaram o papel da Internet como sua mídia privilegiada. (CASTELLS, 2003, p.115)

Como importante acervo digital de discursos, e, nesse caso, discursos sobre feminismos, foi importante uma delimitação mais específica para a coleta dos dados. O intuito é analisar três postagens do perfil @sigofeminista e três postagens do perfil @direita.feminina; ambos os perfis abordam o movimento feminista, porém, sob perspectivas diferentes.

O perfil @sigofeminista possui cerca de 300 mil seguidores e promove a temática feminista de forma a incentivar e conscientizar acerca do movimento. O perfil @direita.feminina possui cerca de 12 mil seguidores e busca promover o antifeminismo, além de desconstruir preceitos feministas.

Embora o número de seguidores possua certa divergência, o que importa nessa pesquisa é observar o engajamento dos sujeitos discursivos nas publicações, mais especificamente, na interação dos comentários provenientes de cada postagem.

As três postagens escolhidas foram selecionadas por critério de alinhamento às seguintes subtemáticas que se alinham ao feminismo: conceito de feminismo, identificação com o feminismo e lugar de mulher na sociedade. Sendo assim, cada análise compreende

duas postagens, uma de cada perfil, com base nas subtemáticas identificadas. Desse modo, será feita uma pesquisa comparativa para que se identifique como os dizeres encontrados nas publicações dos perfis em questão discursivizam o feminismo individualmente e como existe uma relação entre si nesse contexto. Além disso, será possível, a partir desse procedimento de análise, compreender como se dá o processo de deslizamento de efeitos de sentido, compreendendo, assim, os modos de dizer sobre o feminismo e mulheres feministas, à luz de noções teórico-metodológicas da AD, como de Formações Discursivas e Ideológicas.

Imergindo nessa questão teórica, relembramos que para enunciar é preciso se inserir em uma FD, que é uma coletânea de discursos organizados que regulam aquilo que se diz ou faz a respeito de uma temática. Sendo assim, observando os possíveis funcionamentos do discurso feminista nesta pesquisa, estarão em jogo muitas Formações Discursivas relacionadas entre si como a de liberdade, domesticidade, política, mulher, etc. Nesse ir e vir de sentidos que se manifestam de acordo com cada sujeito em questão, as bases teórico-metodológicas de AD potencializam a análise, mas não no sentido de esgotar as propriedades discursivas. Antes, o que ocorre é um equilíbrio entre a objetividade e a subjetividade da análise, fazendo aflorar o modo de produção de sentidos do objeto em observação (ORLANDI, 2015).

Dentre as questões que se propõe responder a partir das análises nesta pesquisa, está perceber se existe algum tipo de identificação com o movimento feminista em dizeres encontrados nas publicações que justamente pretendem ir de encontro ao feminismo. Diante dessa hipótese levantada, o movimento de análise que aqui se propõe pretende elucidar esse funcionamento discursivo, o qual torna perceptível a porosidade das Formações Discursivas nesse processo, conforme a teoria de AD preconiza.

4. 1 POSTS DA CATEGORIA “CONCEITO DE FEMINISMO”

4.1.1 O conceito de feminismo no perfil @sigofeminista

O perfil da rede social Instagram, denominado Sigo Feminista, conforme o próprio nome aponta, abrange uma temática pró feminismo, divulgando conteúdos que envolvem o movimento feminista, empoderamento feminino e questões sociais que atingem mulheres.

Figura 1 – Bio do perfil @sigofeminista



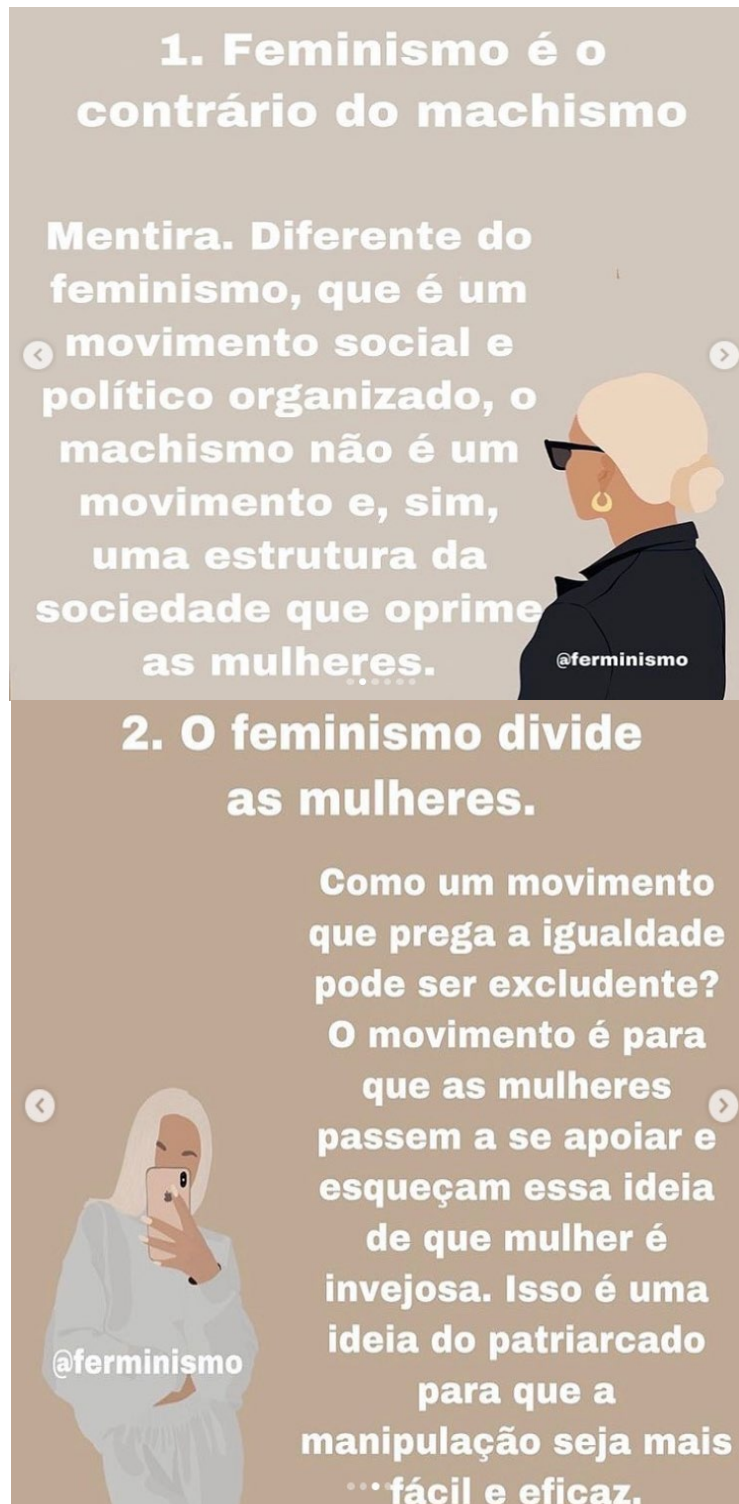
Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Conforme a imagem acima, print de tela registrado em 26 de agosto de 2020, o perfil conta com 319 mil seguidores, possuindo, então, uma relevância métrica de público para a rede social em questão. A seguir, apresentamos a publicação selecionada para análise do conceito de feminismo, a qual aparece em formato de carrossel, ou seja, em uma ordem de sequência lógica. Essa publicação foi postada no perfil @sigofeminista no dia 10 de julho de 2020 e printada para análise no dia 13 de julho de 2020. No momento do *print*, contava com cerca de 30.500 curtidas, e 20 comentários.

Figura 2 – Post 1 da análise da categoria conceito de feminismo



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Figura 2 – Continuação do *post* 1 da análise da categoria conceito de feminismo

Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Figura 3 – Continuação do *post* 1 da análise da categoria conceito de feminismo



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Figura 4 – Continuação do *post* 1 da análise da categoria conceito de feminismo



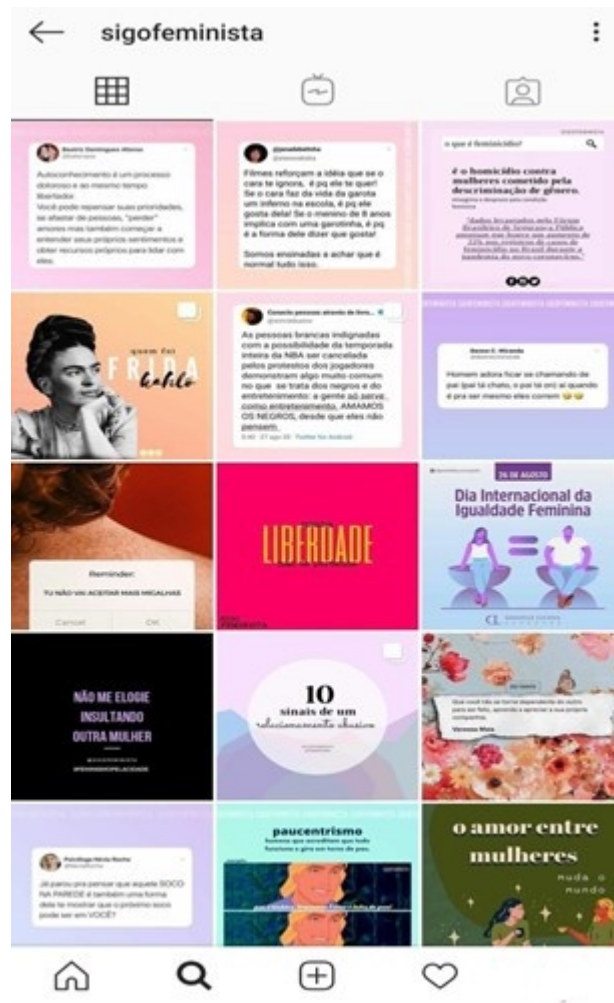
Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

A publicação possui um teor didático em relação a mentiras que se propagam sobre o feminismo. O objetivo é elucidar que algumas afirmações feitas sobre o movimento feminista não estão de acordo com as ideias centrais que o perfil busca propagar. Nesse ponto, é importante ressaltar que dentro de uma perspectiva discursiva, mentira e verdade são conceitos relativos.

O que pretendemos aqui neste trabalho é considerar analiticamente a produção de sentidos sobre o feminismo e sobre o que é ser feminista, trabalhando nos limites da interpretação. Sem julgamento de valor, o procedimento analítico envolve não apenas identificar o que é declarado, mas como é dito e de que maneira circulam esses discursos nessa plataforma virtual, conforme as formações ideológicas postas em jogo.

Observando o *feed*, onde se organizam as publicações ou *posts* na rede social Instagram, no perfil @sigofeminista, as publicações variam em torno de temáticas sociais como feminicídio, relações de gênero, racismo, mensagens de empoderamento e motivação para mulheres e assim por diante, nesse entorno.

Figura 5 – *Feed* do perfil @sigofeminista em 13 de julho de 2020



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Portanto, o perfil se sintoniza com um movimento discursivo que possibilita dizeres em relação ao feminismo e seus desdobramentos na sociedade, gerando, com isso, uma rede de sentidos. O teor das publicações recorrentes no perfil compreende problematizações, explicações e reflexões a respeito de feminismo, mulheres e relações de gênero. Essa produção discursiva corrobora o conceito de interdiscursividade segundo a Análise materialista de Discurso. Ao se constituir dizeres explicativos sobre o feminismo e afins, isso aponta para outras materialidades nas quais coexistem outros ditos contradizendo ou invalidando o movimento. Essa relação interdiscursiva se ativa através dos pré-construídos ou memória discursiva.

Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível (...) O interdiscurso

disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2015, p.29)

Dessa forma, analisaremos como os dizeres presentes nas publicações selecionadas a seguir recuperam sentidos outros dentro das possibilidades inseridas na FD feminista. Mais ainda, o intuito será compreender como essa circulação ocorre no ambiente virtual da rede social em questão aqui na pesquisa, propiciando outras construções imaginárias acerca do feminismo. A seguir, apresentamos detalhadamente a análise do *corpus* da pesquisa.

4.1.1.1 A interdiscursividade na constituição do conceito de feminismo em @sigofeminista

Nesta subseção, o objetivo é delinear os efeitos de sentidos possíveis em @sigofeminista a partir da análise discursiva da publicação selecionada no *corpus*. Com a utilização dos pressupostos teóricos da AD, será considerada a máxima defendida por Pêcheux (2009) de que as palavras e expressões por si mesmas não possuem um sentido próprio. Portanto, as análises aqui presentes não possuem compromisso com o sentido denotativo e literal. Esses sentidos se constituem a partir de uma FD dada, o que não assegura um sentido fixo. É com base nesses princípios que as análises serão construídas a partir de então.

Embora o movimento feminista tenha perpassado por muitos marcos históricos na esfera pública e privada da sociedade, muitos embates discursivos se formaram nesse ínterim com respeito à credibilidade do movimento. Em uma tentativa de reverter os sentidos que reverberam das próprias idealizações do movimento feminista, predominantemente de igualdade e liberdade, tem surgido um movimento de contradição que contribuiu para a constituição de uma memória discursiva, controversa a respeito do que vem a ser o feminismo e as mulheres denominadas feministas.

Este refluxo antifeminista, ou backlash, é extremamente insidioso: travestido de versão popular da Grande Mentira, enfeita-se pomposamente com um halo de verdade e proclama que as mesmas iniciativas que levaram a mulher a uma posição superior foram responsáveis pela sua ruína (...) Este backlash conseguiu enredar praticamente todo o tema relacionado aos direitos da mulher em sua própria linguagem. (FALUDI, 2001, p. 17)

Nas análises a seguir, o conceito de memória discursiva será levado em conta a fim de contextualizar os ditos em questão. Segundo a AD, a memória discursiva compreende “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído,

o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2015, p. 29)

Portanto, é nesse contexto que a publicação selecionada para a primeira análise, procedente do perfil @sigofeminista, se envereda. Intitulada como “5 mentiras que te contaram sobre o feminismo”, pressupõe sentidos relacionados a uma desmistificação sobre o feminismo. Esse mesmo título faz parte da chamada da publicação em sua primeira imagem ou capa do formato carrossel.

Figura 6 – Post do perfil @sigofeminista para análise da categoria conceito de feminismo



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Ainda nessa primeira imagem, antes de adentrarmos aos sentidos procedentes da materialidade linguística, existem alguns efeitos de sentidos que afloram da própria imagem gráfica selecionada. Sobre cores sóbrias estão representadas, além do título da postagem em letras brancas, quatro mulheres que se apresentam heterogêneas em vários aspectos. Desde as cores que representam as diferenças étnico raciais de cada qual, até as diferenças estéticas que se apresentam, como cor de pele, texturas de cabelo e expressões faciais supõem um efeito de diversidade e ao mesmo tempo de união, pois as mãos aparecem apoiadas em seus ombros, o que simboliza também a ideia de suporte.

Visto que se propõe nesta publicação sobressaltar o feminismo em relação às mentiras que se propagam ao seu respeito, o efeito de sentido gerado a partir dessa imagem se remete primordialmente a um dos conceitos feministas mais conhecidos: o de união entre os vários grupos de mulheres. Segundo um dos pressupostos teóricos da AD, “todo discurso

se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro” (ORLANDI, 2015, p.60). É, portanto, a partir desse processo discursivo acionado pela historicidade, que até mesmo a imagem ecoa dizeres e materializa discursos contribuindo para o intuito da publicação, sob a temática do feminismo.

A segunda imagem que se procede apresenta a primeira das cinco mentiras que se propõe desconstruir de forma sucinta a seguir. Talvez uma das maiores recorrências discursivas a respeito do feminismo é de que o movimento seja o contrário de machismo, estando na mesma medida de opressão. Conforme Tiburi (2018) sugere, o feminismo poderia ser considerado um contra-dispositivo em relação ao patriarcado; em vez de buscar uma equiparação com o machismo, que se apresenta como uma das principais formas de manifestação do sistema patriarcal, o feminismo se apresenta como uma alternativa de pensamentos e não como uma proposta de sobreposição de um movimento por outro.

Podemos dizer que o feminismo é um operador teórico-prático, mas no sentido de um contra-dispositivo. (...) método - necessariamente construído na base de uma teoria e de uma ação capazes de fazer desmontar o dispositivo que o patriarcado é (...); o patriarcado é um verdadeiro esquematismo do entendimento, um pensamento pronto, que nos é dado para que pensemos e orientemos a nossa ação de um determinado modo, sempre na direção do favorecimento dos homens brancos e de tudo o que sustenta seu poder. (TIBURI, 2018, p.40-41)

É a partir de uma FD que poderia ser denominada de FD feminista, ou seja, declarações filiadas à uma formação ideológica feminista, que se materializam os dizeres presentes na publicação, conforme apresentado na imagem abaixo. Contra-argumentando o dizer “Feminismo é o contrário do machismo”, expressões como “feminismo é um movimento social e político organizado” e “o machismo não é um movimento” são relevantes para a análise.

Figura 7 – Post do perfil @sigofeminista para análise da categoria conceito de feminismo



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Tais dizeres se contrapõem prevalecendo a elucidação do conceito de feminismo. É possível perceber o embate entre uma FD feminista e uma FD antifeminista que se entrecruzam na comparação de machismo e feminismo de forma bem tênue. Devido à existência de uma memória discursiva predominante que invisibiliza o feminismo enquanto movimento social e político e que naturaliza sua desvalorização, o reforço utilizando uma explicação comparativa parece ser necessário para esse contexto discursivo.

Finalizando com o dizer “o machismo não é um movimento e, sim, uma estrutura da sociedade que oprime as mulheres”, a FD feminista se aciona em uma relação de afastamento à FD patriarcal, resgatando conceitos como opressão e machismo como estrutura. Isso porque, na construção do dizer em questão, feminismo e machismo não se apresentam em uma mesma categoria; enquanto o feminismo compreende um movimento social, o machismo compreende uma estrutura social. Nesse contexto, é importante resgatar o que vem a significar o termo movimento. Em si, representa uma ideia de ação em prol de algo; como movimento social, se compreende um coletivo que mobiliza-se a favor e, conseqüentemente, contra alguma questão que envolva esse coletivo.

O movimento feminista já se denomina enquanto um agrupamento em prol da emancipação de mulheres, liberdade e igualdade, sendo portanto, contra o machismo e as

bases patriarcais. No entanto, não há a existência do inverso pois o machismo está posto enquanto estrutura social predominante e naturalizada. O movimento segue a linha de desconstrução dessas bases. Com isso, se torna possível uma significação que não comporta os mesmos sentidos de movimento para feminismo e machismo. Nos dizeres em análises existe uma relação de causa e afastamento entre uma coisa e outra, respectivamente. Dessa forma, acionam-se efeitos de sentidos que fortalecem o entendimento pró feminismo, corroborando para a desmitificação proposta.

Na sequência, a terceira imagem que compõe a publicação em formato de carrossel apresenta outra declaração discursiva a ser desconstruída:

Figura 8 – Post do perfil @sigofeminista para análise da categoria conceito de feminismo



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

“O feminismo divide as mulheres” é uma materialidade que pode e deve ser dita em diferentes FD’s, inclusive numa FD antifeminista, pois propaga uma ideia oposta de união a qual, mais uma vez desvalida o movimento. Ora, de acordo com a perspectiva de uma FD feminista, “o feminismo nos ajuda a ver que somos todas irmãs umas das outras e que essa posição horizontal está no âmago da vida das mulheres” (TIBURI, 2018, p.34). Um movimento social e político que propõe igualdade e liberdade para mulheres ser excludente para com as próprias mulheres seria, no mínimo, contraditório. Essa percepção de

contrariedade se valida em um possível efeito discursivo que perpassa pela (des) valorização do movimento feminista enquanto instrumento de união de mulheres. É como se a união proposta pelo movimento não condissesse com a união pensada pelo imaginário social. Conforme Orlandi (2015), a historicidade em análise permite perceber o que faz com que os sentidos sejam os mesmos mas também se transformem. Logo, a união que se ecoa numa FD feminista não corresponde ao mesmo efeito de sentido que estaria presente numa FD antifeminista.

Assim, o dizer que aparece logo abaixo, contextualizando o motivo pelo qual essa afirmação seria uma mentira, devolve a reflexão com uma pergunta retórica: “como um movimento que prega a igualdade poder excludente?”. Depois, busca refutar a recorrência discursiva como a de que “mulher é invejosa”, afirmando que essa “é uma ideia do patriarcado para que a manipulação seja mais fácil e eficaz”. Isso tem a ver mais uma vez com o chamado *backlash* já mencionado anteriormente como um termo que define a tentativa de contradizer um movimento através de seu próprio alvo.

Qualificar o feminismo como inimigo das mulheres só disfarça os motivos do golpe contra a igualdade da mulher, desviando ao mesmo tempo a atenção do papel central do *backlash* e angariando recrutas para que lutem contra sua própria causa. (FALUDI, 2001, p. 18)

O entrecruzamento de uma FD feminista e uma FD antifeminista é um das bases do funcionamento discursivo para a constituição do efeito de sentido de que feminismo se relaciona com igualdade entre mulheres e não exclusão. A busca em comprovar por meio de um raciocínio lógico que o dizer selecionado é uma mentira, aciona esse efeito de sentido.

Logo adiante, na figura 9 apresenta-se a terceira afirmação:

Figura 9 – Post do perfil @sigofeminista para análise da categoria conceito de feminismo



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

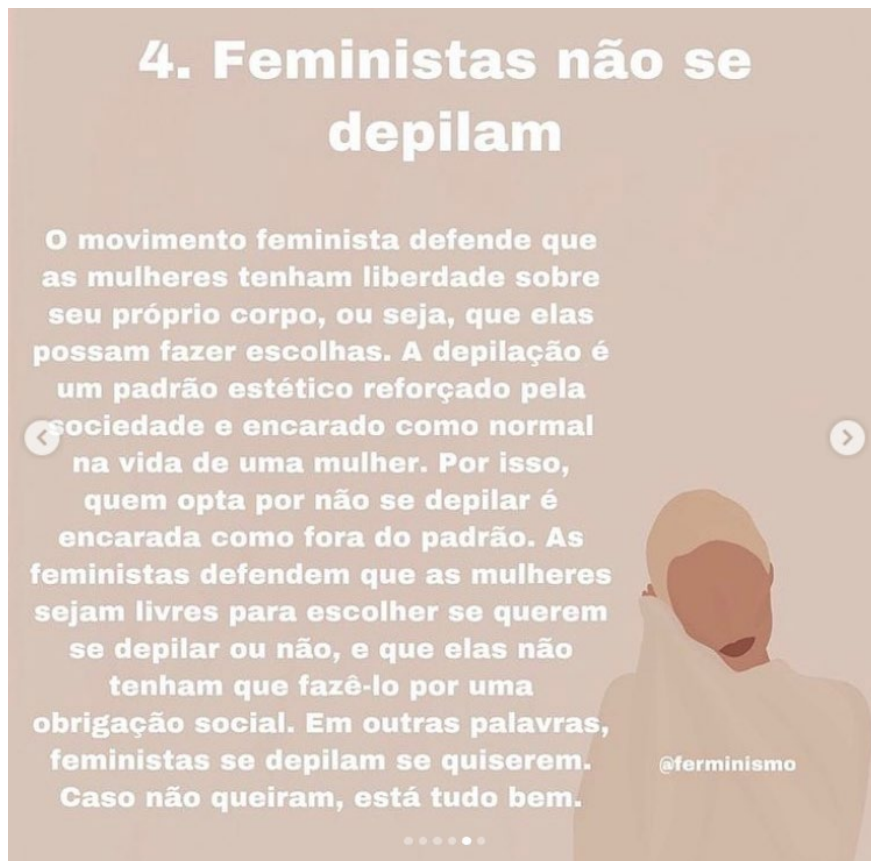
Os dizeres materializados nesta imagem aparentam complementar o que foi dito na afirmação de nº 2, anteriormente. “Feministas odeiam homens” está atrelada a uma memória discursiva a respeito de mulheres feministas enquanto radicais, não vaidosas, lésbicas, etc, ou seja, filiada a uma FD antifeminista ou até mesmo patriarcal, ao fazer menção aos homens.

Resgatando esse imaginário e propondo sua desconstrução, um possível efeito irônico é gerado a partir do dizer “Homens, o mundo não gira ao redor de vocês”, o que parece estar atrelado a uma FD feminista, pois busca justamente romper com a ideia de que todo comportamento de uma mulher precisa estar relacionado aos homens. O dizer direcionado aos homens, na realidade, não propõe um tom de cordialidade mas de imposição e desconstrução da ideia de ódio pela ideia de igualdade.

Portanto, a afirmação de que o mundo não gira ao redor dos homens contribui para a geração de um efeito de sentido não-patriarcal que é corroborado com o dizer que vem logo depois “o feminismo, como explicado, é a luta de mulheres por libertação de estruturas sociais que as oprimem”. Reafirma que “não é ódio, é apenas uma luta por igualdade”. Tal (re)afirmação se encaixa em uma materialização da FD feminista no intuito de que fique

elucidado qual a real tentativa do movimento feminista, em contraposição ao que vem sendo divulgado ao longo dos tempos contra o feminismo de forma cristalizada. “Desmontar a máquina misógina patriarcal é como desativar um programa de pensamento que orienta nosso comportamento” (TIBURI, 2018, p. 41). A penúltima afirmação que se propõe desmitificar é a seguinte:

Figura 10 – Post do perfil @sigofeminista para análise da categoria conceito de feminismo



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Nesse ponto, a afirmação se envereda pelo viés estético, agora em torno de mulheres feministas. Poderia se considerar que nessa publicação, as FD's feminina e feminista se entrecruzam para a constituição dos efeitos de sentidos que eclodem aqui. Com isso, cabe a reflexão a respeito da construção feita ao longo dos tempos no imaginário social da figura da mulher idealizada, tanto em suas atitudes quanto no aspecto estético. Reunindo o que já foi dito a respeito de uma mulher feminina ao longo da história, ou seja, considerando a historicidade dos discursos que compõem essa FD, a saber, feminina, mobilizam-se muitos dizeres que estão relacionados aos lugares sociais de mulheres na sociedade, de feministas, e do que a sociedade patriarcal cria como expectativa para uma mulher.

Daí, surge o seguinte questionamento: o que vem a ser uma mulher feminina na sociedade patriarcal e o que vem a ser uma mulher feminista no feminismo? No âmbito estético, para mulheres que cumprem a idealização patriarcal, se supõe uma mulher feminina, vaidosa e bela, segundo os padrões estabelecidos. Por sua vez, para as mulheres feministas, resta o ideal de “gordas, feias, incapazes de satisfazer um homem, “feminazis”, ou – horror dos horrores - lésbicas” (WOLF, 2018, p.15). Observa-se que esse ideal feminino perpassa não apenas pela e para a realização individual da mulher mas, principalmente, por uma satisfação masculina, mais ainda, heteronormativa. Ainda segundo a autora de *O Mito da Beleza*, Naomi Wolf (2018, p.31), esse ideal de beleza construído não visa diretamente a mulher, mas, primeiramente, as instituições masculinas.

O mito da beleza tem a seguinte história a contar. A qualidade chamada “beleza” existe de forma objetiva e universal. As mulheres devem querer encarná-la, e os homens devem querer possuir mulheres que a encarnem. Encarnar a beleza é uma obrigação para as mulheres, não para os homens, situação esta necessária e natural por ser biológica, sexual e evolutiva. Os homens fortes lutam pelas mulheres belas, e as mulheres belas têm maior sucesso na reprodução. A beleza da mulher precisa corresponder à sua fertilidade; e, como esse sistema se baseia na seleção sexual, ele é inevitável e imutável. (WOLF, 2018, p. 29)

Levando em conta essa perspectiva, observar o dizer presente na parte da publicação colocada acima, “feministas não se depilam”, produz um efeito de sentido de que as mulheres feministas não são vaidosas e não cumprem a expectativa de beleza social. O que é reforçado pelo dizer que vem em seguida: “A depilação é um padrão estético reforçado pela sociedade e encarado como normal na vida de uma mulher. Por isso, quem opta por não se depilar é encarada como fora do padrão”. Apesar de não estar dito, esse sentido é construído a partir de todo o imaginário enraizado ao longo dos tempos sobre o que vem a ser esse padrão estético, conforme referenciado acima.

No intuito de desconstrução dessa ideia, os dizeres que se seguem, ainda na imagem, compõem os efeitos de sentidos que articulam a FD Feminina e a FD Feminista. Os dizeres: “As feministas defendem que as mulheres sejam livres para escolher se querem se depilar ou não, e que elas não tenham que fazê-lo por uma obrigação social.” e “(...) feministas se depilam se quiserem. Caso não queiram, está tudo bem.” produzem os efeitos de sentidos de que o feminismo não tem a ver com falta de vaidade mas em uma construção de beleza feminina autônoma e livre de imposições. A questão do poder de escolha inerente ao discurso feminista se recupera também a partir desses dizeres, além de corroborar com o intuito da publicação de uma desmitificação do movimento. “Estamos em meio a uma

violenta reação contra o feminismo que emprega imagens de beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza” (WOLF, 2018, p. 26).

A próxima e última imagem da série de afirmações a serem elucidadas é a seguinte:

Figura 11 – Post do perfil @sigofeminista para análise da categoria conceito de feminismo



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Um dos dizeres mais recorrentes que se construiu a respeito do feminismo, além da masculinização da mulher feminista é a de que são contra a família e contra a vida, fazendo menção à luta pela legalização do aborto. Mais uma vez, esse discurso não está materializado, porém, esse não-dito se recupera e aflora sentidos, à medida que se acionam outros discursos e sentidos em compatibilidade e em confronto já armazenados em uma memória discursiva. São repetições possibilitadas por práticas discursivas e se apresentam “sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória” (PÊCHEUX, [1975], 2009, p. 52).

Mobilizando pré-construídos para a compreensão desses discursos, são reavivados outros discursos presentes na memória social a respeito do feminismo. Isso inclui a oposição ao discurso patriarcalista que já lhe é implícito, como discurso feminista, de direito de decisão pelo próprio corpo; em contraposição, isso é lido na sociedade como uma espécie de rebeldia e descentralização do lugar social do homem e da construção de uma

família tradicional. Percebe-se então, um entrecruzamento da FD Feminista e FD Conservadora.

A máxima “meu corpo, minhas regras” bastante recorrente em relação ao movimento feminista aparece nesse contexto com um dizer que explica a definição de liberdade proposta pelo feminismo. O efeito de sentido possível é de que há um equívoco em rotular o fato de uma mulher ser livre e tomar decisões que envolvam sua sexualidade e corpo, como ser contra a família e contra a vida. Nesse ponto, se recuperam sentidos historicizados, de forma regular ao longo dos tempos, que relacionam diretamente sentidos sobre direitos reprodutivos e legalização do aborto a sentidos sobre a concepção da vida e da família, de forma contrária.

Exceto durante a explosão populacional do pós-guerra, o número de nascimentos por núcleo familiar diminuiu gradativamente no decorrer dos últimos 100 anos. A possibilidade de limitar o tamanho da família certamente melhorou a situação da mulher, mas também inspirou campanhas sociais para regulamentar o comportamento feminino e estigmatizar as mulheres sem filhos. Em tempos de backlash, o controle da natalidade torna-se mais difícil, o aborto sofre restrições e as mulheres que recorrem a ele são tachadas de "egoístas" ou "imorais". (...) a fúria das ondas do backlash abate-se mais violentamente do que nunca (...) solapando o direito de aborto, suspendendo qualquer pesquisa sobre controle de natalidade e promulga políticas de "proteção do feto" e "direitos do feto" que fecharam o acesso das mulheres a empregos lucrativos, fazendo com que elas se submetam a invasivas operações obstétricas contra sua própria vontade, e jogaram as mães "ruins" na cadeia. (FALUDI, 2001, p. 73-74)

Assim, os dizeres “somos a favor de poder decidir livremente sobre nosso corpo, vida e sexualidade” contribuem para a construção de um efeito de sentido que contradiz e elucida a função social do feminismo na proteção da vida das mulheres. Assim, os sentidos que ecoam a respeito de “vida” nesse sentido se ramificam dentro das FD’s Feminista e Conservadora; respectivamente, os discursos se constituem entre os sentidos da vida da mulher na sociedade, em suas decisões sexuais e corporais como um todo e os sentidos da concepção e geração de uma vida. Esses sentidos se encontram e se confrontam.

4.1.2 O conceito de feminismo no perfil @direita.feminina

O segundo perfil selecionado para o *corpus* desta pesquisa, intitulado Direita Feminina, possui um viés antifeminista, publicando conteúdos que buscam refutar conceitos e ideias consideradas feministas. A escolha do nome sugere uma predisposição

político partidária que acolhe o sentido de ser feminina e não feminista, o que já acionam efeitos de sentidos propícios para a análise proposta.

Figura 12 – Bio do perfil @direita.feminina



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

O print acima foi registrado no dia 04 de setembro de 2020 e, nessa data, o perfil contava com cerca de 13 mil seguidores. Em letras garrafais, destaca o termo “antifeminismo” como uma denominação do perfil. Os dizeres abaixo do título, “As mentiras e as falácias do movimento feminista desmascaradas”, seguido de um versículo bíblico que aciona o conceito de libertação pela Verdade, acionam alguns discursos relevantes para a compreensão dos efeitos de sentidos que serão discutidos a seguir, sobretudo, um embate discursivo entre os sentidos de verdade e mentira. Adiante, segue a publicação escolhida para análise discursiva em torno do conceito de feminismo neste perfil. Essa publicação foi postada no perfil @direita.feminina no dia 25 de junho de 2020 e printada para análise no dia 17 de julho de 2020. Dentro desse recorte cronológico, contava com aproximadamente 1300 curtidas e 73 comentários.

Figura 13 – Post 2 da análise da categoria conceito de feminismo



direita.feminina O feminismo é um movimento que propaga o sexismo e o ódio aos homens, sobre uma falsa premissa de igualdade.

Esse ódio ou desprezo pelos homens é chamado de misandria. A palavra vem do grego misos (μίσος, "ódio") e anēr, andros (άνήρ, caso genitivo άνδρός; "homem").

Um dos exemplos públicos mais conhecidos sobre misandria, é o de Valerie Solanas – a feminista que atentou contra Andy Warhol em 1968. Solanas criou um manifesto intitulado de SCUM Manifesto (Society for Cutting Up Men, 1967). Trata-se de um apelo claro à eliminação do homem. Através deste manifesto Solanas manifestou, e de forma literal, o desejo de destruir o gênero masculino.

Esse ódio aos homens foi manifestado pelas pensadoras e autoras feministas do século passado e continua a ser manifestado por feministas no dia de hoje. Geralmente são mulheres frustradas com o pai ou com algum relacionamento amoroso ou tiveram alguma experiência ruim com uma pessoa do sexo masculino, jogando o seu trauma, frustração e ódio a todos os homens de forma generalizada.

Assim se cria toda uma narrativa de que o homem é o opressor e que as mulheres são o sexo oprimido, fazendo com que essas mulheres passem a odiá-los e acharem que estão em uma guerra contra eles!

Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

A publicação possui além de dizeres transcritos na própria imagem, uma legenda que complementa seu objetivo. O objetivo é comprovar que “o feminismo é um movimento misândrico que difunde o ódio aos homens”. Assim, tenta combater o conceito de feminismo o confrontando diretamente ao lugar social do homem e, embora não esteja dito, que esse ódio é compartilhado pelas mulheres feministas. Além disso, recupera o sentido incorporado ao movimento feminista de igualdade o definindo como “uma falsa premissa”.

A seguir, apresenta-se o print de tela do *feed*, onde se organizam as publicações do perfil @direita.feminina. Além do posicionamento antifeminista proposto através das publicações, o registro da imagem de uma mulher esteticamente dentro dos padrões sociais, contribui para o reforço imagético do sujeito discursivo que administra o perfil e, conseqüentemente, as propostas idealizadas através das publicações.

Figura 14 – *Feed* do perfil @direita.feminina em 04 de setembro de 2020



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

A partir dessas referências, será realizada a análise discursiva da publicação selecionada, levando em conta as relações discursivas e os efeitos de sentidos gerados a partir desses dizeres. As FD's Feminista e Antifeminista notoriamente se relacionam e na próxima subseção isso será melhor detalhado.

4.1.2.1 A interdiscursividade na constituição do conceito de feminismo em @direita.feminina

A partir de agora serão delineados quais efeitos de sentidos ressurtem em consonância com as formações discursivas postas em jogo através dessa publicação. Segundo Pêcheux (2009, p. 148-149), “toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas [...]”. Assim, seguindo esse preceito teórico, a análise terá como

base a compreensão de como se relacionam as memórias discursivas a respeito do feminismo aos ditos materializados na publicação a seguir.

Figura 15 – Post do perfil @direita.feminina para análise da categoria conceito de feminismo



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Primeiro, os dizeres em destaque que intitulam a imagem confirmam a temática central da publicação e, trazendo para a perspectiva discursiva, o efeito de sentido de um alerta para se compreender que o movimento feminista difunde ódio aos homens. Atrelado à imagem que vem logo abaixo que retrata uma manifestação que aparenta ser do movimento feminista. A composição da publicação propõe uma relação discursiva e imagética para produzir efeitos de sentidos a respeito do feminismo reforçando dois conceitos que se sustentam no imaginário social: que o feminismo é o contrário do machismo e a associação do movimento feminista com manifestações nas ruas.

O efeito de sentido recuperado de que feminismo é o contrário de machismo supõe que o objetivo do movimento é tomar o lugar social dos homens, e estar acima deles, nesse sentido. Com isso, reforçar que o movimento feminista é misândrico, ressalta uma contradição em relação ao conceito feminista de liberdade e igualdade, como corroborado nos dizeres encontrados na legenda que complementa a publicação.

Figura 16 – Post do perfil @direita.feminina para análise da categoria conceito de feminismo

direita.feminina O feminismo é um movimento que propaga o sexismo e o ódio aos homens, sobre uma falsa premissa de igualdade.

Esse ódio ou desprezo pelos homens é chamado de misandria. A palavra vem do grego misos (μῖσος, "ódio") e anēr, andros (άνήρ, caso genitivo άνδρός; "homem").

Um dos exemplos públicos mais conhecidos sobre misandria, é o de Valerie Solanas – a feminista que atentou contra Andy Warhol em 1968. Solanas criou um manifesto intitulado de SCUM Manifesto (Society for Cutting Up Men, 1967). Trata-se de um apelo claro à eliminação do homem. Através deste manifesto Solanas manifestou, e de forma literal, o desejo de destruir o gênero masculino.

Esse ódio aos homens foi manifestado pelas pensadoras e autoras feministas do século passado e continua a ser manifestado por feministas no dia de hoje. Geralmente são mulheres frustradas com o pai ou com algum relacionamento amoroso ou tiveram alguma experiência ruim com uma pessoa do sexo masculino, jogando o seu trauma, frustração e ódio a todos os homens de forma generalizada.

Assim se cria toda uma narrativa de que o homem é o opressor e que as mulheres são o sexo oprimido, fazendo com que essas mulheres passem a odiá-los e acharem que estão em uma guerra contra eles!

Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

As FD's aqui identificadas em jogo podem ser denominadas como Feminista versus Antifeminista. Ao definir como justificativa do ódio aos homens e propagação do sexismo, “uma falsa premissa de igualdade”, efeitos de sentidos se aliam e se confrontam ao mesmo tempo. Falar de sexismo nesse contexto subentende que o movimento feminista é que propicia isso, e não o contrário. Os sentidos de sexismo tanto para a FD feminista quanto para a FD antifeminista parecem estar em relação de aliança, pois se opõem a esse conceito. Porém, as formações discursivas se confrontam também, por outro lado.

O movimento feminista indica a misoginia, que seria o contrário da misandria, como um “ódio histórico às mulheres, que aparece no mundo patriarcal em momentos diferentes da história” (TIBURI, 2018, p.47); ou seja, o problema da desigualdade de gênero, do sexismo, tem a causa no patriarcado como um sistema e não nos homens individualmente. Ainda segundo Tiburi (2018, p. 50-51), o embate do feminismo se dá

contra o patriarcado através das instâncias do Estado, Mídia, Igreja, Família e Capital. Portanto, são ordens que abrangem um sistema em conjunto, não individual e isolado.

Em contrapartida, o sentido do sexismo para a FD Antifeminista aqui em questão, a causa do sexismo se dá pela propagação feita pelo movimento feminista, que, segundo a mesma FD, difunde ódio aos homens. Os dois dizeres lado a lado, “sexismo e ódio aos homens”, os situa em uma mesma rede de sentidos, propiciando efeitos de sentidos sobre os termos de equivalência. Logo, o sentido de sexismo para a FD Antifeminista e para FD Feminista ora se associam, ora se confrontam, resgatando a memória discursiva e o dizer materializado nessa publicação.

Em seguida, para comprovar a afirmação de ódio aos homens pelas feministas, a legenda traz uma citação de um evento que envolve uma feminista acusada de ter o “desejo de destruir o gênero masculino”. Finalizando, alguns dizeres ainda contribuem para a produção de sentidos a respeito das mulheres feministas: “Geralmente são mulheres frustradas com o pai ou com algum relacionamento amoroso ou tiveram alguma experiência ruim com uma pessoa do sexo masculino, jogando o seu trauma, frustração e ódio a todos os homens de forma generalizada”.

Somente esses dizeres reverberam muitos efeitos de sentidos dentre eles, de que feministas são frustradas emocionalmente e que isso se deve diretamente a alguma relação heterossexual. Assim, mulheres feministas que não tenham se relacionado bem amorosamente com homens, ou emocionalmente com seus pais, estão fadadas a frustração e destilar ódio pelos homens de forma desmedida.

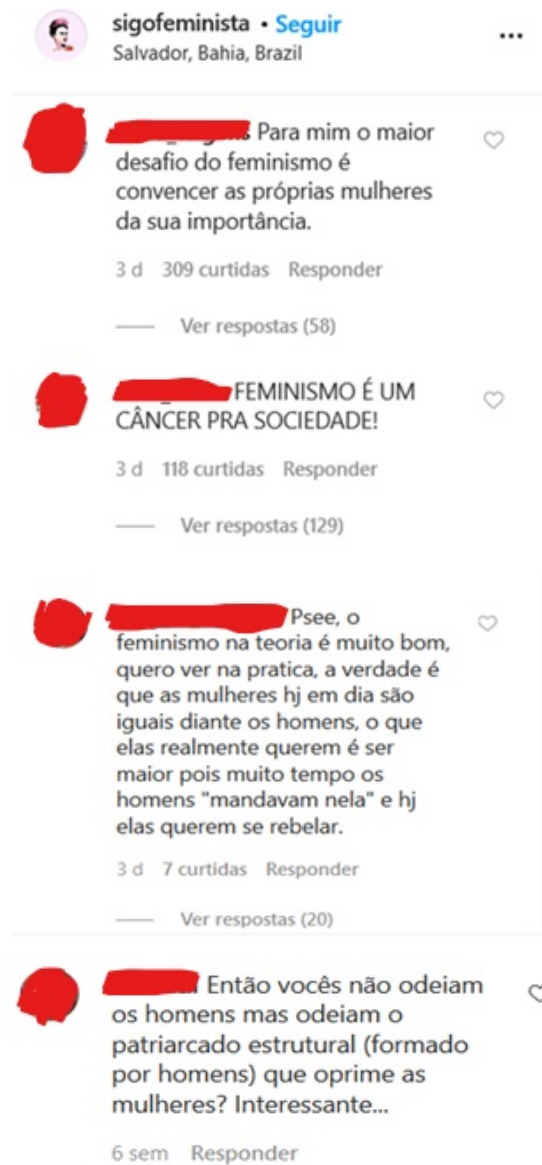
4.1.3 Entrelaçando produções discursivas: (muitos) conceitos de feminismos

A partir das análises construídas, algumas relações foram constatadas ora em movimento de aliança, ora em relação de embate sobre o conceito de feminismo. Ambas as publicações buscaram desconstruir conceitos a respeito do feminismo. Porém, conforme os preceitos da AD, “o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos, no entanto escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições. A deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras” (ORLANDI, 2015, p. 51). Portanto, os sentidos estão em um constante percurso, em articulação, em aberto e por isso, podem se utilizar do interdiscurso, ou memória discursiva para (re) ativar e (re) construir uma teia de sentidos.

A primeira publicação analisada, situada no perfil @sigofeminista propiciou efeitos de sentido pró feminismo pois tentou desmitificar questões que atrapalham a visibilidade do

movimento e, segundo o que foi dito, são mentiras. A seguir, foram printados alguns dos comentários registrados como resposta à publicação:

Figura 16 – Comentários do post do perfil @sigofeminista para análise da categoria conceito de feminismo



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Embora o intuito da publicação tenha sido elucidar conceitos considerados errôneos e sem fundamentos a respeito do feminismo, os efeitos de sentidos gerados nos comentários perpassam entre as FD's Feminista e Antifeminista predominantemente em conflito como em: “feminismo é um câncer para a sociedade” e “o feminismo na teoria é muito bom, quero ver na prática”. Esses dizeres reforçam o sentido da descredibilização do movimento por ele mesmo e o negativam. Outro dizer que chama atenção é uma pergunta em um efeito

sarcástico sobre não odiar homens, mas odiar o patriarcado formado por homens. O efeito de sentido presente aí em forma de questionamento se aproxima muito dos sentidos mobilizados na publicação do perfil @direita.feminina. A seguir, alguns comentários retirados da segunda publicação analisada:

Figura 17 – Comentários do post do perfil @direita.feminina para análise da categoria conceito de feminismo



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

A FD Antifeminista se apresenta aqui em relação de oposição, ao mesmo tempo que afloram o interdiscurso a partir da FD Feminina e Patriarcalista, quando materializam dizeres como: “tudo muito mal amada”, “o que faz a falta de um homem na vida de uma mulher” e “camisa de força nessas loucas”, “o feminismo faz uma lavagem cerebral de oposição e ódio entre homem e mulher”. Mais uma vez o efeito de sentido de que mulheres feministas não se relacionam bem com homens, os odeiam, são loucas, frustradas, amarguradas, se acionam, parecendo se alinhar com a perspectiva da publicação de que o movimento feminista é um movimento misândrico.

Analisando de maneira geral os comentários, existe a predominância por parte dos sujeitos discursivos, de uma filiação contrária em relação à identificação com o feminismo. Porém, na imagem da primeira publicação analisada, no perfil @sigofeminista, a afirmação

“somos a favor de poder decidir livremente...” indicam uma identificação pela forma verbal que é proferido.

Assim, em uma mesma sequência discursiva, alguns sentidos se reproduzem a partir de diferentes perspectivas sobre o feminismo, de forma relacionada e de forma oposta. As FD's aqui identificadas vez por outra se engendraram entre si, comprovando sua característica porosa em relação ao interdiscurso em torno do feminismo. Analisar discursivamente as publicações propiciou um olhar minucioso, porém, distanciado de um posicionamento de valor. Levando em conta as perspectivas teóricas da AD, analisamos as relações discursivas e os efeitos de sentido que perpassam e se delineiam em torno do conceito de feminismo, indo e vindo, ora se tocando ora se esbarrando.

4.2 POSTS DA CATEGORIA “IDENTIFICAÇÃO COM O FEMINISMO”

4.2.1 A identificação com o feminismo no perfil @sigofeminista

No perfil @sigofeminista é possível perceber um efeito de identificação com o movimento feminista. Tal efeito é presumido já pela materialidade linguística que compõe o nome de usuário. Nesse ponto, cabe ressaltar um outro aspecto apresentado na *bio* do perfil.

Figura 18 – Bio do perfil @sigofeminista



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

A identificação do perfil e da relação que possui com o movimento feminista é associada com dizeres como “sigo sendo feminista”, “liberdade, amor & respeito”, “não luto apenas por mim, eu luto por todas”. Além disso, elementos discursivos como apresentação com uma saudação, apresentação de um nome e idade, são capazes de acionar sentidos que se revelam significativos para o contexto desta pesquisa. O fato do sujeito discursivo falar do lugar social de adolescente e materializar que “luta por todas” traz uma carga de sentidos aliada ao movimento feminista no que diz respeito à sua necessidade na sociedade, além de revelar uma ampliação em sua pluralidade etária, o que aciona o contexto histórico-social da denominada quarta onda feminista, ou feminismo 4.0.

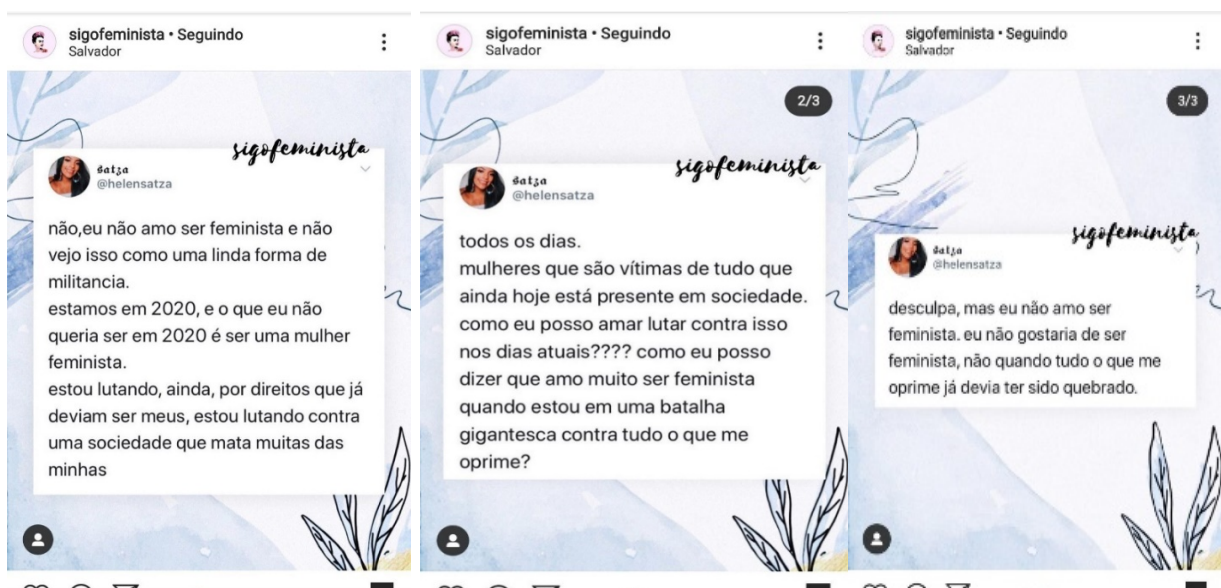
Formada em grande parte pelas millenials e pela “Geração Z” (nascidos entre os anos 1990 e 2000), a quarta onda de feministas cresceu em culturas e famílias em que se aprendeu sobre igualdade de gênero com mulheres que foram beneficiadas pela segunda e terceira ondas do feminismo. (McCANN, 2019, p. 295)

Esse cenário comporta as discursividades em questão trazendo novos sentidos e ressignificações do motivo pelo qual foi gerada a necessidade de um movimento social como o feminismo: a luta pela justiça de gêneros. Portanto, essa possível FD feminista em funcionamento na materialidade apresentada acima, também é corroborada a partir do dizer “sigo sendo feminista”, o que parece ser um complemento do nome de usuário do perfil, ou melhor, um reforço. Essa afirmação traz um sentido de reiteração com o ato de se identificar como feminista e se manter como tal. Ainda, dizeres como “liberdade, amor & respeito” associados ao contexto da *bio*, contribuem para a geração de sentidos favoráveis ao movimento e, por extensão, a ser feminista. A seguir, será analisada uma publicação do perfil que exemplifica os efeitos de sentidos gerados a respeito dessa identificação com o movimento feminista.

4.2.1.1 A interdiscursividade na constituição da identificação com o feminismo no perfil @sigofeminista

Ao selecionar a materialidade apresentada a seguir, foi perceptível um olhar para além dos discursos circulantes sobre se identificar com o feminismo; de forma entrelaçada, os efeitos de sentidos gerados também se relacionam à ideia de necessidade desse movimento para mulheres e para a sociedade como um todo, na atualidade. É a partir desse viés que a análise deste subtópico está situada.

Figura 19 – Post do perfil @sigofeminista para análise da categoria identificação com o feminismo



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

A publicação apresentada acima aparece no formato carrossel, onde existe uma sequência das três imagens compondo uma única mensagem. Em forma de desabafo, os dizeres “não, eu não amo ser feminista e não vejo isso como uma linda forma de militância” conferem o sentido, inicialmente, de negacionismo ao movimento ou uma desidentificação. Porém, os dizeres posteriores corroboram para outros sentidos.

Conforme Pêcheux ([1975]2009, p. 146-147) afirma, “as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam [...] ao passar de uma formação discursiva para outra”. Neste caso, a FD Feminista permanece, porém, o sentido de “...não amo ser feminista, eu não gostaria de ser feminista ...” é que se deslocam. Levando em conta o perfil no qual essa publicação se encontra, esse dizer isolado aparenta ser contraditório. Mas ao se deparar com os dizeres em seu entorno como “eu não gostaria de ser feminista, não quando tudo o que me oprime já devia ter sido quebrado” e “como eu posso dizer que eu amo muito ser feminista quando estou em uma batalha gigantesca contra tudo o que me oprime”, novos sentidos são acionados.

A partir dos dizeres apresentados na materialidade acima, os efeitos de sentidos gerados sobre ser feminista vão além de uma simples identificação; a necessidade em ser feminista ainda nos tempos atuais, se apresenta como uma forma de indignação. “Estamos em 2020 e o que eu não queria ser em 2020 é ser uma mulher feminista. Estou lutando ainda por direitos que já deviam ser meus, estou lutando contra uma sociedade que mata muitas das minhas todos os dias.”, contribuem para um conflito de sentidos sobre ser feminista.

Luta, opressão, batalha e morte são termos reiterados nestes dizeres. Termos esses que remetem a um campo bélico, produzindo sentidos de um espaço ideológico em que a rede interdiscursiva estabelece um embate constante. Isso é representado no dizer acima como “uma sociedade que mata muitas das minhas todos os dias”. O sentido generalista dessa sociedade em questão se une a uma ideia de pertencimento em “muitas das minhas” em um contexto de divisão, batalha. Contextualizando essa parte da análise:

Quando descobrem, então, que as relações de gênero são desiguais, as feministas de quarta onda se chocam por ainda precisarem lutar por justiça. Em resposta, elas se armam com artigos feministas *on-line*, usam o Twitter e postam ao vivo nessa mesma rede, e em *lives*, os protestos que organizaram via Facebook. (McCANN, 2019, p.295)

Esse campo de batalha, por assim dizer, ocorre ideologicamente, porém, em espaços possíveis como a *Internet*, mais precisamente, através das redes sociais, se estendeu. Os sentidos gerados a partir disso remetem a uma espécie de fardo carregado por

essas mulheres que se identificam com o movimento feminista, mais ainda, que precisam se identificar com ele. De forma ambígua, esse fardo não está diretamente ligado a algo negativo em ser feminista e sim, no porquê ser feminista, o que, ao mesmo tempo, recai sobre a identificação com o movimento feminista. Portanto, há um entrelaçamento tênue entre FD feminista e uma FD antifeminista, muito embora, os sentidos gerados tendem mais favoravelmente à necessidade de ser feminista.

4.2.2 A problemática da identificação com o feminismo no perfil @direita.feminina

Nesta subseção, a materialidade para análise provém do segundo perfil selecionado como *corpus* desta pesquisa: @direita.feminina. Conforme salientado em seções anteriores, este perfil estabelece uma desidentificação com o feminismo, conforme sua interdiscursividade em questão. Pelo nome de usuário escolhido, dois sentidos são acionados em um: a filiação às tendências políticas partidárias de direita, relacionando isso diretamente a fato de ser feminina. A partir disso, outras discursividades são resgatadas.

Neste ponto, convém lembrar que quando se diz “x”, deixa-se de dizer “y” (ORLANDI, 2007). Ou seja, associando os sentidos de “direita” com “feminina”, deixa-se, por exemplo de relacionar “direita” com “feminista” ou “esquerda” com “feminina”. Essas possíveis significações não são aleatórias; isso porque “feminismo” gera outros sentidos no contexto sócio-histórico-ideológico referente à materialidade em questão. Observa-se que, quanto à feminilidade, implicitamente existe um padrão legitimado, no qual o movimento feminista produz uma ruptura. Essa relação de oposição emerge como a espécie de “uma violenta reação contra o feminismo que emprega imagens de beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza” (WOLF, 2018, p. 26).

Figura 20 – Bio do perfil @direita.feminina



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Em sua *bio*, a palavra “antifeminismo” em letras maiúsculas e em negrito contribui para gerar sentidos filiados a uma FD antifeminista. Portanto, a identificação aqui é em ser feminina no lugar de ser feminista. Assim, o sentido de uma desidentificação ou oposição ao movimento feminista é reverberado através dos dizeres destacados: “as mentiras e as falácias do movimento feminista desmascaradas”. A partir dessa afirmação, também escrita em letras maiúsculas, em destaque, são gerados efeitos de sentidos que contribuem para afirmar que o movimento feminista é uma farsa e, portanto, o perfil tem como objetivo desmascará-lo. O sentido de desmascarar subentende a ideia de máscara, de estar escondido ou escondida por trás de algo.

Tal sentido é reiterado com o versículo bíblico apresentado logo abaixo “Conhecer a Verdade liberta”. Mais uma vez, sentidos relacionados a estar em situação de esconderijo e prisão são associados ao feminismo. Supõe-se, portanto, que o caminho para solucionar isso é através da “Verdade”; o fato de ser escrita com letra maiúscula recai sobre outros sentidos a respeito de que verdade se trata. Levando em conta esse contexto bíblico, também reiterado pelo símbolo da cruz, é comum que palavras em maiúsculo se refiram à entidade divina cristã, Deus ou Jesus Cristo.

Portanto, para além de uma filiação com uma FD político-partidária de direita, existe também uma ação da FD Cristã ou Religiosa nesses dizeres; estes aparecem em conflito com a FD feminista. Tais relações discursivas podem ser analisadas a partir de uma publicação proveniente do perfil, materialidade que será apresentada na subseção a seguir.

4.2.2.1 A interdiscursividade na constituição da problemática da identificação com o feminismo no perfil @direita.feminina

A materialidade a ser analisada a seguir, proveniente do perfil @direita.feminina, possui elementos tanto verbais quanto imagéticos que constituem as discursividades circulantes sobre a necessidade em ser feminista e sua relevância social e pessoal para mulheres. Dessa forma, a imagem exposta na publicação e a linguagem escrita através da legenda se complementam nesta análise, conforme demonstrado a seguir:

Figura 21 – Post do perfil @direita.feminina para análise da categoria identificação com o feminismo



Curtido por **nahpontes** e **outras pessoas**

direita.feminina Dizer que a mulher precisa do feminismo após um estupro, assédio ou agressão é uma das piores imbecilidades inventadas pelas feministas para promover o movimento, beira a desonestidade e o mal caratismo. O que a mulher precisa fazer é registrar um boletim de ocorrência e cobrar pelos seus direitos na justiça, pois há lei pra esses tipos de crimes.

Fazer textão na internet, colocar um filtro na foto de perfil e fazer manifestações com os peitos de fora segurando cartazes com os dizeres "morte aos homens", "o homem é nosso inimigo", "meu corpo, minhas regras", não punirá os culpados por esses crimes e nem os convencerá a não praticá-los mais.

Ao invés de fazer coro com o movimento feminista servindo apenas como idiota útil a esse movimento, lute pelo porte de armas, cobre dos parlamentares leis com punições mais severas a estes tipos de crimes e apoie os que já criaram projetos de lei dessa natureza. Tudo isso é combatido fortemente pelo feminismo, porque este movimento não serve a causa das mulheres, mas obedecem a agenda da esquerda. A mulher que não toma consciência disso, por incrível que pareça, continua dando força para que esses crimes continuem acontecendo!

Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

A pergunta em destaque na publicação tem como foco questionar se “as mulheres precisam mesmo do feminismo”. O fato de utilizar a palavra “mesmo”, cumprindo a função de advérbio, no lugar de “realmente”, por exemplo, transborda outros sentidos para a pergunta apresentada. Sentidos esses que ressoam uma intensidade na pergunta,

implantando um ar de dúvida sobre a necessidade do feminismo para as mulheres. Orlandi (2007) traz à tona que o silêncio é possibilidade de flutuação dos sentidos. Portanto, antes de chegar aos elementos discursivos materializados na legenda, os (não) ditos nessa primeira parte contribuem para sentidos que possivelmente vão em contradição ao movimento feminista. A imagem de duas mulheres que aparentam representar a época dos anos 1950, com vestimentas de cores sóbrias, em um estilo clássico e recatado também conferem significações para a pergunta salientada na publicação.

Contextualizando o Brasil por volta deste período e adiante, época da qual a imagem possivelmente é representativa, Teles (1999) ressalta que efervescências políticas aconteceram pró e contra as lutas feministas colocando em questão o comportamento das mulheres que nelas participavam. Visto que “a grande maioria das militantes feministas dos primórdios do feminismo no Brasil esteve envolvida ou foi simpatizante da luta contra a ditadura no país, tendo algumas delas sido presas, perseguidas e exiladas pelo regime” (PINTO, 2003, p. 45) a associação feita a essas mulheres, principalmente no que diz respeito à estética e comportamento, era quase sempre de “mal-comportadas” como menciona Teles (1999); ou seja, não seguiam o padrão domesticado e delineado pelo sistema patriarcal.

Consoante a isso, pode-se afirmar que o fato de a imagem estar logo abaixo da pergunta “as mulheres precisam mesmo do feminismo?”, é feita uma associação com o fato de ser feminista estar relacionado à existência de mulheres felizes e aparentemente bem-sucedidas, conforme a imagem representa. Será que mulheres nesse contexto chegariam nesse lugar social por conta do feminismo? A resposta a essas questões em desdobramento e o teor dessa associação são materializados em seguida na legenda por escrito.

A relação entre “dizer que a mulher precisa do feminismo” com os termos “imbecilidade”, “mal caratismo” e “desonestidade” contribuem para associar esses dizeres a uma FD antifeminista. Além disso, é afirmado que em situações como de um “estupro, assédio ou agressão”, levantar a necessidade em ser feminista seria “uma das piores imbecilidades inventadas pelas feministas para promover o movimento”. Como solução, é sugerido que nesses casos se deve “cobrar pelos seus direitos na justiça, pois há lei pra esses tipos de crime”. Nesse ponto, percebe-se um entrelaçamento de FD’s ora feminista, ora antifeminista, em uma situação de conflito e conciliação. Isso porque, cobrar por direitos coincide com o universo do discurso feminista, bem como o fato de existir leis contra esses tipos de crime.

A violência vivida pela cearense Maria da Penha Fernandes e a ausência de punições ao seu agressor levaram o Brasil a sanções internacionais relacionadas a direitos humanos. Contra os argumentos que identificavam o comportamento das vítimas como causa da violência e que desculpavam valores machistas acerca da sexualidade feminina, as feministas brasileiras ecamparam uma luta de décadas que trouxe como resultado uma série de políticas públicas e leis na direção da defesa da integridade das mulheres, salientando sempre que não há justificativas para a violência doméstica. O ativismo feminista também ajudou a iluminar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres que buscavam ajuda. (McCANN, 2019, p. 124-125)

Portanto, essa realidade de reivindicar leis contra violência às mulheres no contexto brasileiro, tem sido resultado de uma série de ações do ativismo feminista, como no exemplo da Lei Maria da Penha, citada acima. Assim, mesmo iniciando com dizeres pejorativos relacionados ao feminismo, a solução dada logo depois remete às conquistas feministas, por mais que esse crédito não esteja explicitado. Pelo contrário, as atribuições feitas ao movimento feminista se materializam como algo que “não serve à causa das mulheres, mas obedecem à agenda da esquerda”. Nesse ponto, cabe considerar o contexto sócio-histórico-ideológico que relaciona diretamente o movimento feminista com aspectos políticos e, até mesmo, partidários de esquerda.

Conforme salienta Pinto (2003), o feminismo brasileiro teve uma base bem fundamentada a partir da luta contra a ditadura militar em prol da democracia. Nesse contexto, partidos políticos de esquerda como o PT (Partido dos Trabalhadores), foram preponderantes para simbolizar tais reivindicações, juntamente com os movimentos sociais que caminharam nesse mesmo propósito, dentre eles, o feminismo.

A anistia política e a reforma partidária que instituiu o multipartidarismo no Brasil, ambas em 1979, e as paradigmáticas eleições de 1982 tornaram ainda mais complicada a relação do movimento feminista com o campo da política institucional. Se até o ano de 1979 a questão havia sido de hierarquia de bandeiras de luta, agora era a própria unidade do movimento que estava ameaçada com as feministas se dividindo em diferentes partidos, primordialmente entre o PT (Partido dos Trabalhadores) e o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). (PINTO, 2003, p. 45)

Assim, esse recorte histórico fundamenta a FD partidária acionada pelo dizer analisado, quando relaciona diretamente o movimento feminista com a esquerda política brasileira. Além disso, as ações feministas nesses dizeres são resumidas a “fazer textão na internet, colocar um filtro na foto de perfil e fazer manifestações com os peitos de fora segurando cartazes com os dizeres “morte aos homens”, “o homem é nosso inimigo”, “meu corpo, minhas regras””.

Essas materialidades discursivas remetem ao contexto da cibermilitância, da própria militância e seus desdobramentos identitários e sua relação com as manifestações de rua. A FD antifeminista em funcionamento nessa parte da legenda, ressoa um certo tom de sarcasmo e ironia sobre o que vem a ser o comportamento de uma feminista e mais, sobre o que se pautam suas motivações. O imaginário social relacionado a isso se conecta com marcos pontuais que trouxeram alguma visibilidade para a história do movimento feminista:

Um grande marco histórico do movimento feminista, foi o protesto que ficou conhecido como a queima os sutiãs, do qual as mulheres ativistas do movimento Woman's Liberation Movement dos EUA, pretendiam colocar fogo em objetos como sutiãs, maquiagens, espartilhos e outros que impunham a indução de uma ditadura da beleza, durante o concurso de Miss American. Entretanto, tal queima dos sutiãs não ocorreu literalmente, pois o local do concurso não tratava-se de um espaço público, impedindo que o ato fosse consumado. Porém, com a ajuda da mídia, a atitude dessas mulheres teve uma repercussão a nível mundial, que, trouxe consigo uma grande reflexão da questão de gênero, representando uma grande influência pelo mundo, onde este ato simbolizava uma abertura da liberdade feminina. (PEDRO&GUEDES, 2010, p.6)

Nesse ponto, através da materialização “manifestações com os peitos de fora”, temos o funcionamento de uma memória discursiva, recuperando os sentidos desse evento como sendo algo recorrente e característico ao movimento. A saber, “a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’” (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Dessa forma, a questão principal da publicação “As mulheres precisam mesmo do feminismo?” é respondida através dessas significações em confluência com a FD antifeminista e em contradição com a FD feminista, sintonizando com a ideia de que é inútil uma mulher se identificar como feminista, mesmo em situações de detrimento de seus direitos e, até mesmo, integridade física, pois isso não passaria de uma tentativa de promover o movimento feminista. Ainda mais, segundo o dizer materializado, é considerado que nesses casos, se identificar com o feminismo só “continua dando força para que esses crimes continuem acontecendo”. Esse movimento parece contraditório, porém, é um sentido gerado a partir do funcionamento da FD antifeminista, em um contexto de descredibilização às conquistas feministas, também conhecido como *backlash*.

Este refluxo antifeminista, ou *backlash*, é extremamente insidioso: travestido de versão popular de Grande Mentira, enfeita-se pomposamente com um halo de verdade e proclama que as mesmas iniciativas que

levaram a mulher a uma posição superior foram responsáveis pela sua ruína (FALUDI, 2001, p. 17).

Esses deslocamentos discursivos comprovam que os discursos estão em constante percurso e (re)construções mesmo tratando-se de um mesmo contexto. Conforme os preceitos da AD, “o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos, no entanto escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições. A deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras” (ORLANDI, 2015, p. 51).

4.2.3 Entrelaçando produções discursivas: (muitos) aspectos da identificação com o feminismo

Diante das análises desenvolvidas nesta seção, as discursividades a respeito de ser feminista (con)fluem em um processo constante de entrelaçamentos. As FD's feminista e antifeminista reverberam de maneiras ora opostas, ora em afinidade, acionando sentidos possibilitados por um percurso histórico de muitas movimentações discursivas a respeito do feminismo.

Enquanto muitas vozes ecoaram em prol de exaltar conquistas feministas, muitas outras buscaram combatê-las. E para isso, não se bastou apenas ir em um movimento contrário; foi preciso (re) construir e consolidar novas discursividades desse contexto. Como uma forma de se amplificar e consolidar tais discursos antifeministas, por exemplo, “a mídia da massa conservadora constantemente representava as feministas como “mulheres que odeiam homens” (...) destacavam isso como maneira de desacreditar o feminismo.” (HOOKS, 2019, p.104)

Isso recai diretamente sobre como se dá o processo de identificação ao movimento feminista, visto que, a forma como esse movimento social é compreendido e acessado por determinados sujeitos sociais e discursivos demanda a constituição e o funcionamento das formações discursivas em questão. No caso da primeira publicação analisada proveniente do perfil @sigofeminista, esse processo de identificação emerge compactuando com o discurso feminista. A seguir, alguns comentários direcionados a esta publicação foram selecionados para observar essa relação discursiva:

Figura 22 – Comentários do post do perfil @sigofeminista para análise da categoria conceito de feminismo



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Os efeitos de sentidos gerados nesses comentários são de concordância e afinidade com os sentidos atribuídos pelos dizeres na publicação. O fato de amar ser feminista, conforme já desenvolvido na subseção anterior, abre espaço para uma ambiguidade que recai sobre o fato de se identificar com o feminismo, porém, não por amor em um sentido romantizado; essa identificação positiva se dá por um motivo social negativo: opressões e desigualdades, o que é materializado no objeto em questão por dizeres como: “Somos feministas por necessidade! Por nós e pelas outras”.

Além disso, dizeres como “Claro que eu amo ser feminista. Uma pena ainda estarmos lutando por direitos que já deviam ser nossos, mas eu amo sim”, “eu amo ser feminista, só queria não PRECISAR ainda estar lutando para ter meus direitos”, “eu não amo ser feminista, mas até eu e “as minhas” não conseguiremos nossos direitos, direitos que

lutamos todos os dias, eu não deixarei de ser” acionam o efeito de indignação em precisar ser feminista em um objetivo de reverter algo que foi tirado, indicando até mesmo um atraso social nesse sentido. Esse funcionamento discursivo corroborado pela contraposição dos sentidos em ser feminista e ser necessário lutar por direitos, está diretamente filiado a uma FD feminista, pois a insatisfação não se dá com o movimento feminista; ao contrário, reforça ainda mais sua necessidade.

Extrapolando o sentido de importância do movimento feminista para as mulheres, outros comentários apresentados nesta materialidade, produzem significações de agradecimento e libertação. “Já eu amo ser feminista. O feminismo foi a minha libertação”, “Não amo o fato de ter que lutar por uma vida mais justa. Mas amo ser uma mulher que aprendeu com o feminismo a não se calar perante as opressões” são dizeres que possuem afinidade com a FD feminista, gerando sentidos de que o movimento feminista é necessário não apenas para a luta de direitos, mas também para aprendizados em ser uma mulher livre.

Porém, existem outros sentidos que entram em conflito com o discurso feminista como o materializado em: “feministas só lutam por pautas que lhes convém, não lutam por real igualdade”. Ao questionar as lutas feministas, supondo uma seletividade e individualismo, tal dizer vai contra uma FD feminista que supõe coletividade e igualdade, para se aliar com um FD antifeminista, a qual permite dizeres que questionem a real necessidade do feminismo na sociedade, mais especificamente para as mulheres. A seguir, comentários retirados da publicação proveniente do perfil @direita.feminina serão apresentados para exemplificar melhor essas outras significações:

Figura 23 – Comentários do post do perfil @direita.feminina para análise da categoria conceito de feminismo



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

De forma objetiva e expressiva, são materializados dizeres como: “eu não preciso”, “não precisam, nunca precisaram”, acionando o sentido de uma desidentificação e até mesmo um afastamento ou repúdio ao movimento feminista. Isso porque no segundo comentário apresentado na imagem, foi acrescentado além da linguagem verbal, um *emoji* representando duas mãos levantadas ao alto; o que simboliza um agradecimento ou louvação relacionado ao que está sendo afirmado: não precisar do feminismo.

Além de reforçar a desidentificação com o movimento feminista, os outros dizeres apresentados depois argumentam essa não necessidade. Em “eu mesma sou contra isso tudo, estupro, assédio, e agressão e não sou feminista. Ser contra o assédio não significa ser feminista NÃO”, os efeitos de sentidos gerados são de dissociação entre ser feminista e ser alguém contra crimes como assédio. Ou seja, existe uma tentativa de desatrelar as lutas feministas do combate a esses tipos de violência. O fato de repetir em uma mesma sentença e colocar em caixa alta a palavra “não” também é significativo, reforçando o sentido de não necessidade em ser feminista para ser alguém justa.

Portanto, o acionamento de uma FD antifeminista através desses dizeres gera sentidos de um movimento contrário à credibilidade e necessidade do movimento feminista, propondo, até mesmo, um embate entre homens e mulheres, como se esse fosse o centro das pautas feministas. Isso é materializado, por exemplo, em “... hoje em dia som todas feminazis que acham que tudo vai em contra delas y não precisam de homens no mundo. Só fazem merd*. Eu mesmo sou guria y não sou feminista”. O termo “feminazis”, em referência às mulheres feministas, possui um teor pejorativo ao fazer alusão ao nazismo. Ou seja, produz um sentido de que as feministas são ditatoriais, radicais e, de alguma forma, exterminadoras, como o dizer complementa: “... feminazis que acham que tudo vai em contra delas y não precisam de homens no mundo...”.

Portanto, os entrelaçamentos discursivos percebidos e analisados nestas duas publicações perpassam por duas FD's muito bem marcadas e posicionadas: feminista e antifeminista. Porém, mesmo em um movimento de (não) identificação constante e de uma primeira ideia de oposição fixa entre esses dois lados, foi perceptível que em alguns pontos, havia uma aliança e reafirmação, por exemplo, ao ressaltar as reivindicações de direitos. Levando em conta os preceitos dos estudos teóricos discursivos que baseiam esta pesquisa, mais uma vez, a porosidade das FD's em questão pôde ser comprovada.

4.3 POSTS DA CATEGORIA “LUGAR DE MULHER NA SOCIEDADE”

4.3.1 O lugar de mulher na sociedade no perfil @sigofeminista

Falar de lugar de mulher na sociedade constitui uma discussão ampla, principalmente em se tratando de como essa temática está atrelada ao contexto feminista ao longo dos tempos, na busca da superação de consequências sociais consolidadas pelo sistema patriarcal. Portanto, a pauta sobre lugar de mulher na sociedade está diretamente ligada às lutas feministas, à desigualdade de gênero e à constituição da esfera pública e privada e, por consequência, às discursividades construídas em torno do feminismo. Consoante a isso, a reflexão dessa seção se inicia relembrando que os papéis sociais da mulher estiveram, desde os primórdios, predeterminados ao mundo privado.

Se há algo que identifica um pensamento como feminista é a reflexão crítica sobre a dualidade entre a esfera pública e a esfera privada. Compreender como se desenhou a fronteira entre o público e o privado no pensamento e nas normas políticas permite expor seu caráter histórico e revelar suas implicações diferenciadas para mulheres e homens – contestando, assim, sua naturalidade e sua pretensa adequação para a construção de relações igualitárias. Trata-se (...) de expor a história não contada da construção da esfera pública e dos direitos individuais na modernidade a partir da posição de mulheres. (BIROLI&MIGUEL, 2014, p. 31)

Com essa noção em mente, partimos para a análise de como esta temática é desenvolvida discursivamente no perfil @sigofeminista. Para isso, foi resgatado a *bio* do perfil que conta com alguns elementos discursivos relevantes nesse sentido.

Figura 24 – *Bio* do perfil @sigofeminista



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Dentre as palavras-chave escolhidas para a identificação do perfil está “liberdade” em primeiro lugar. Tal liberdade, a partir das análises desenvolvidas anteriormente, remete à superação de certos tipos de violência causadas por estruturas patriarcais e, mais ainda, às possibilidades de as mulheres poderem fazer escolhas sem ter que sofrer algum tipo de violência ou restrição.

Além desse elemento discursivo, destaca-se outro ponto relevante no que diz respeito ao posicionamento do perfil sobre lugar social de mulher: a imagem escolhida como foto de perfil, na qual é representada a figura de Frida Kahlo. A artista conhecida mundialmente, muito embora não tenha sido sempre assim, é ícone de força nos tempos atuais, tendo sua figura diretamente ligada ao movimento feminista.

Frida continuou relativamente obscura até os anos 1980, quando uma biografia sobre ela chamou a atenção das pessoas. Artistas feministas e latinos começaram a celebrar seu trabalho e ela se tornou um ícone cultural (...). Diferentemente de muitos outros artistas de sua época, Frida não pintava paisagens e tampouco formas abstratas: ela pintava seu “eu” verdadeiro e sofrido. A artista celebrava suas próprias falhas, seus medos e também seus desejos, e fez isso lindamente em suas obras (SCHATZ, 2017, p.73).

Nas palavras de Oliveira (2019), “se Frida não era declaradamente feminista, ela era, por suas experiências vividas, um excelente exemplo de vanguardismo feminino, na arte e na biografia”. Embora não tenha se declarado como feminista propriamente dita, sua coragem em mostrar suas vulnerabilidades a partir de sua arte, de forma autêntica, foi subversivo a ponto de consolidá-la como figura icônica que representa liberdade. O que se coaduna com a FD feminista e, não à toa, produz sentidos relevantes para o desenvolvimento da discursividade sobre lugar de mulher na sociedade no perfil @sigofeminista. A seguir, a publicação selecionada para análise apresentará alguns elementos que demonstram essa construção discursiva.

4.3.1.1 A interdiscursividade na constituição do lugar de mulher na sociedade no perfil @sigofeminista

Segundo Orlandi (2015), o interdiscurso é o lugar discursivo que comporta dizeres que intervêm no modo como o sujeito significa em uma determinada situação discursiva. No que diz respeito aos dizeres sobre o lugar social da mulher, mais especificamente pelo perfil @sigofeminista, é necessário resgatar alguns recortes históricos concernente à discursividade feminista e, também, à patriarcal.

Nesse quadro, a preservação da esfera privada em relação à intervenção do Estado e mesmo às normas e aos valores majoritários na esfera pública significou, em larga medida, a preservação de relações de autoridade que limitaram a autonomia das mulheres. Em muitos casos, sua integridade individual esteve comprometida enquanto a entidade familiar era valorizada. Em nome da preservação da esfera privada, os direitos dos indivíduos na família foram menos protegidos do que em outros espaços, ainda que neles as garantias também fossem incompletas e diferenciadas de acordo com as posições sociais. A garantia de privacidade para o domínio familiar e doméstico foi vista, por isso, como uma das ferramentas para a manutenção da dominação masculina. (MIGUEL & BIROLI, 2014, p. 32)

Portanto, pensar em lugar social da mulher abrange repensar os lugares sociais idealizados, construídos e consolidados para homens e mulheres ao longo dos tempos. Enquanto o espaço privado foi destinado aos cuidados da mulher, o espaço público passou a ser comandado pelos homens; mais ainda, indiretamente, esse domínio também se manteve no ambiente doméstico.

Por mais que sejam denominadas “donas de casa”, o sustento proveniente dos maridos, além da autoridade patriarcal, inclusive sobre seus corpos, revela que, de fato, toda a estrutura familiar estaria subordinada à figura do homem. Tal condição influenciou toda a formação social de mulheres e homens desde a tenra idade; especialmente no caso das mulheres, desde sua constituição familiar até por influências externas como as mídias, a naturalização da condição subalterna da mulher em relação ao homem se instituiu. Partindo dessa noção, para observar como a discursividade nesse contexto se desenvolve no perfil @sigofeminista, tendo como base o funcionamento da FD feminista, a seguir, será apresentada a publicação selecionada para análise:

Figura 25 – Post do perfil @sigofeminista para análise da categoria lugar de mulher na sociedade



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

A publicação apresenta a afirmação “Eu não preciso do feminismo porque eu quero me casar, ter filhos e cuidar da casa” que aparece entre aspas indicando ser um dizer trazido de um sujeito discursivo externo. A imagem por trás da publicação apresenta elementos discursivos relevantes para se compreender a FD em funcionamento nesse dizer em destaque.

A imagem representada na publicação é da jornalista e youtuber, Julia Tolezano, mais conhecida como Jout Jout. Em seu canal do Youtube, “Jout Jout Prazer”, ela viralizou com vídeos falando de diversos assuntos relacionados, inclusive, às mulheres e ao feminismo, como relacionamentos abusivos, liberdade, menstruação, etc. Ao publicar o vídeo “Não tira o batom vermelho”, levantando o tema do relacionamento abusivo, seu canal ganhou uma repercussão e, em três meses, o vídeo foi assistido por quase 1 milhão de pessoas⁵.

Aliando essa contextualização com a publicação, a partir de outras referências, constatou-se que a imagem da publicação é um recorte de outro vídeo protagonizado pela youtuber Jout Jout. O vídeo intitulado “#PorQueMulher: Jout Jout rebate comentários anti-feministas #GirlPowerCH”⁶, é uma parceria entre a Capricho, revista brasileira voltada para

⁵ Youtuber Jout Jout conta que ela e o feminismo se encaixam perfeitamente. (YOUTUBER...,2015)

⁶ CAPRICHÓ. “#PorQueMulher: Jout Jout rebate comentários anti-feministas #GirlPowerCH”. 2016. Disponível em: < <https://youtu.be/UN6H0SkfSp0> >. Acesso em: 24 mar 2021.

o público jovem, e a youtuber com o objetivo de apresentar e comentar dizeres que vão contra o feminismo. Dentre esses dizeres, estão o que a publicação acima destaca.

O sentido gerado de que não precisa do feminismo pois deseja “casar, ter filhos e cuidar da casa”, aciona o funcionamento de uma FD Antifeminista relacionada com uma FD Doméstica ou Maternal. Ao aliar a não necessidade do feminismo pela justificativa de querer coisas relacionadas ao universo doméstico e maternal, acontece um distanciamento desses dois contextos. É como se um anulasse o sentido da existência do outro; ser feminista não pode estar relacionado a ser mãe e cuidadora de casa e filhos, por exemplo. E vice-versa. Portanto, o dizer em questão levanta uma determinação de que feminismo e tarefas domésticas e maternais não se combinam. Tal produção de sentido recai também sobre outra noção envolvida nesse contexto: a feminilidade.

Ficavam sabendo que a mulher verdadeiramente feminina não deseja seguir carreira, obter educação mais aprofundada, lutar por direitos políticos e pela independência e oportunidades que as antigas feministas pleiteavam. (...) Bastava-lhes orientar a vida desde a infância no sentido da busca de um marido e da formação da família. (...) E as revistas femininas, deplorando as infelizes estatísticas desses casamentos prematuros, insistiam em que houvesse nos ginásios cursos de preparação para o casamento e consultores matrimoniais. As meninas começaram a namorar firme aos doze ou treze anos. Os fabricantes de lingerie lançaram soutiens com enchimento de espuma de borracha para meninas de dez. (FRIEDAN, 1971, p. 17-18)

Tal compreensão de separação entre “a mulher verdadeiramente feminina” e as feministas se origina dessa formação voltada para constituir mulheres desde sua infância a desejarem o matrimônio e a realidade doméstica em suas vidas de forma romantizada e superior a qualquer outra forma de vivência. Pelo contrário, ser uma mulher independente, que busca conhecimento para si e sobre seus direitos, por exemplo, segundo essa noção, é visto como uma forma de ferir a feminilidade. Assim, implicitamente, é possível admitir que para além das FD’s Antifeminista e Doméstica, a FD Feminina também se desloca, produzindo sentidos no dizer em questão.

Logo abaixo, o dizer “A parte do ‘eu quero’ já está dentro do feminismo” aparece como resposta ao dizer apresentado anteriormente. Nesse ponto, a questão de poder de escolha entra como uma das produções de sentido em jogo, acessando uma FD feminista. A problemática, porém, está no que esse desejo significa; no caso, significaria, mediante a FD de responsabilidade do sujeito discursivo em questão, estar atrelado ao espaço doméstico e, conforme circula no imaginário social a respeito de feminismo, essa atitude seria

considerada antagônica aos preceitos feministas e, portanto, mais próxima às significações do feminino.

Entre o elogio do caráter feminino e o feminismo há um abismo estético, ético e político, um abismo antropológico que reproduz questões teológicas. Podemos nos perguntar se o elogio do feminino, tal como ele é desenhado na lógica patriarcal, serve para esconder o ódio que se tem às mulheres e ao feminismo. (...) O feminismo se apresenta como crítica em relação ao patriarcado na forma de Estado, Mídia, Igreja, Família, Capital. Todas essas instituições vendem sua ideologia como discurso verdadeiro, essencializando o feminino e as mulheres como suas portadoras. (...) Nesse contexto, o termo feminismo é maltratado enquanto cresce o elogio ao feminino. É como se, ao afirmar-se feminista, uma mulher, ou qualquer pessoa, estivesse indo contra o estado natural das coisas, contra aquilo que é tratado pelo discurso como sendo “a verdade”. (TIBURI, 2018, p.50-51)

A partir dessa noção ideológica, portanto, os discursos aparecem relacionados em condição de oposição – feminismo de um lado, feminilidade e vida doméstica de outro. Porém, o fato de poder escolher essa realidade já condiz com a liberdade tão apregoada pelo movimento feminista. Estar na condição de mãe, cuidadora do lar e dos filhos por uma decisão consciente acarreta outras produções discursivas acerca de “eu quero me casar, ter filhos e cuidar da casa”. Mesmo que essa condição seja uma forma de alimentar a lógica patriarcal, o dito “querer”, nesse contexto, transborda novas significações. Dessa forma, “todo enunciado (...) é sempre suscetível de ser/tornar-se outro” (ORLANDI, 2015, p. 57), o que comprova que as suposições geradas por determinados dizeres nem sempre serão fixas a uma mesma FD.

A partir dessa análise, constata-se então, que em primeiro lugar existe uma oposição entre FD feminista e FD antifeminista e principalmente, FD feminina. Porém, ocorre também um entrelaçamento dessas FD's ao se perceber que querer estar na condição de um matrimônio e de uma instituição familiar condizente ao sistema tradicional também pode corresponder ao discurso feminista, desde que isso signifique uma escolha consensual. Para Orlandi (2015), a interdiscursividade pode determinar dizeres presentificados que, por sua vez, se sustentam pela memória discursiva. Esse movimento discursivo foi perceptível nesse recorte; a temática lugar social da mulher pelo perfil @sigofeminista foi significada, sobretudo, pela caracterização da noção de liberdade e poder de escolha, de acordo com o contexto acessado. Porém, outros dizeres e (re)produções discursivas podem se construir. A seguir, essa mesma temática será analisada sob a ótica de outro recorte.

4.3.2 O lugar de mulher na sociedade no perfil @direita.feminina

No entorno da temática lugar da mulher na sociedade, muitas discursividades se consolidaram ao longo dos tempos, contribuindo para a perpetuação material e discursiva do sistema patriarcal. O papel social da mulher, fadado por muito tempo ao espaço do lar, embora em tempos contemporâneos tenha se ampliado consideravelmente para a vida pública, ainda predomina no imaginário social resquícios, mesmo que camuflados, de uma estrutura patriarcal e capitalista ainda vigente.

O “lar” nunca é um lugar doce para as mulheres, mas um núcleo fundamentalmente capitalista que tem na família um sistema de exploração. (...) Essa condição feminina depende de um discurso, de uma espécie de texto que é dito diariamente ou de um subtexto que permanece secreto. O romantismo nas relações familiares, que são muitas vezes as mais cruéis, servem para garantir a função do casamento e da maternidade. As virtudes cristãs das mulheres, tais como a capacidade de cuidar e a compaixão, a compreensão e a atenção ao outro, bem como a feminilidade na forma de delicadeza, da sensualidade e da paciência, tudo isso serve como texto para ocultar o subtexto do machismo que nos informa “para que serve” uma mulher. E elas servem. (TIBURI, 2018, p. 64-65)

Mais uma vez a questão da feminilidade vem à tona, o que comprova que a temática sobre lugar de mulher na sociedade vai muito além de uma delimitação de espaços; abrange as relações sociais como um todo até, mais especificamente, as relações de gênero e o que é construído como papel social para homens e para mulheres na sociedade, desde seu nascimento. A seguir, será analisado como é construída a discursividade a respeito de lugar social da mulher, a partir do perfil @direita.feminina.

Figura 26 – Bio do perfil @direita.feminina



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Rememorando alguns elementos discursivos presentes na *bio* do perfil, é perceptível o funcionamento de uma FD antifeminista, através do dizer em destaque “ANTIFEMINISMO”, exatamente assim, em letras garrafais. Além disso, acionando o discurso religioso, pelo versículo bíblico que afirma “Conhecer a Verdade liberta”, é levantada uma espécie de dualidade entre verdade e mentira ligando isso diretamente à relação antifeminismo e feminismo, respectivamente. O que leva à instauração do efeito de sentido de que o feminismo está ligado à mentira, conforme os dizeres apresentados: “as mentiras e as falácias do movimento feminista desmascaradas”. O funcionamento da FD antifeminista, portanto, compreende posicionamentos e dizeres que se distanciam de como o lugar da mulher é visto na perspectiva feminista, já que para esse contexto, o feminismo é uma falácia.

Um outro elemento relevante neste gesto de leitura é o logotipo utilizado como foto do perfil, onde estão registrados o nome “Direita feminina” e logo abaixo, “Antifeminismo” com letras brancas em destaque sobre um fundo de tonalidade rosa. A cor rosa está diretamente relacionada à construção do feminino na sociedade. Enquanto a cor azul se destina ao masculino, a cor rosa tem sido o símbolo na construção e constatação da feminilidade. Essa convenção, porém, nem sempre foi assim. Segundo Heller (2013), tradicionalmente, o azul é que representava o princípio feminino, estando relacionado a símbolos como água, passividade e placidez, além da figura cristã e maternal de Maria. Por outro lado, o vermelho seria masculino como cor da força e agressividade. O rosa, proveniente do vermelho, portanto, só se tornou uma cor feminina a partir de 1930, sendo uma “cor simbólica de uma feminilidade que se definiria como uma contrapartida da masculinidade” (HELLER, 2013, p. 397).

Quando o rosa se tornou feminino, se tornou uma cor da discriminação. Na Segunda Guerra Mundial, os homossexuais que não quisessem preencher o ideal de masculinidade dos soldados eram conduzidos a campos de concentração, onde eram obrigados a usar, como sinal de reconhecimento, um triângulo cor-de-rosa costurado à roupa. O “triângulo cor-de-rosa”, ou a cor rosa, são frequentemente citados, nas relações públicas dos homossexuais, como símbolo de sua antiga opressão – mas o rosa nunca é considerado por eles como uma cor positiva de identificação (HELLER, 2013, p. 402).

Assim, a produção de sentidos da cor rosa perpassa pela generificação binária - construção da masculinidade e feminilidade em estado de oposição, em um contexto histórico que constituiu ao longo dos tempos o imaginário social que torna possível a associação do rosa à feminilidade.

Além disso, o discurso político acionado pelo nome do perfil também produz sentidos relevantes para se compreender a temática de lugar da mulher na sociedade, segundo esse contexto. Em uma perspectiva política e, mais especificamente, partidária, conforme já mencionado neste trabalho, o feminismo sempre esteve aliado a diversos outros movimentos sociais atrelado às chamadas minorias sociais, e, portanto, às pautas de alguns partidos esquerdistas. Em geral, o movimento feminista brasileiro foi fomentado nesses espaços da esquerda comunista e socialista, caminhando junto às causas trabalhistas e operárias, logo, suas raízes não compactuam, de forma geral, com o liberalismo e capitalismo, conforme os partidos de direita se filiam, majoritariamente.

Como corrente intelectual, o feminismo, em suas várias vertentes, combina a militância pela igualdade de gênero com a investigação relativa às causas e aos mecanismos de reprodução da dominação masculina. Pertence, portanto, à mesma linhagem do pensamento socialista, em que o ímpeto para mudar o mundo está sempre colado à necessidade de interpretá-lo (MIGUEL&BIROLI, 2014, p. 17)

Assim, o embate direto às formas de dominação patriarcal na sociedade está na base crucial do feminismo em sua raiz, o que é o oposto dos preceitos afirmados no perfil @direita.feminina. Essa noção se torna relevante para adentrar à análise de como se desenvolve a temática de lugar da mulher na sociedade, no perfil em questão. Neste ponto, diante dos elementos discursivos já mencionados, é perceptível uma filiação com uma FD antifeminista que incorpora um discurso político-partidário e religioso, os quais corroboram para um viés menos subversivo acerca de lugar social da mulher em relação ao que tem sido posto por séculos. De forma mais aprofundada, esse funcionamento discursivo será apresentado a seguir, mediante a materialidade discursiva selecionada como *corpus* da pesquisa.

4.3.2.1 A interdiscursividade na constituição do lugar de mulher na sociedade no perfil @direita.feminina

Levando em conta o funcionamento da FD antifeminista presente no perfil, a materialidade a ser analisada a seguir, compõe de forma coesa essa discursividade. Contando com elementos imagéticos e verbais, a publicação rememora o lugar social da mulher, especialmente no espaço privado, conforme apresentado na publicação selecionada para análise, a seguir.

Figura 27 – Post do perfil @direita.feminina para análise da categoria lugar de mulher na sociedade

 direita.feminina • Seguir

BELA, RECATADA, DO LAR E SUBMISSA!



COMO POSSO TE IRRITAR MAIS?

♡ 💬 📌

direita.feminina Ser submissa não é ser inferior ao homem e muito menos ser subjugada por ele. A etimologia da palavra “submissão” é ‘sub’, que significa ‘debaixo’, e ‘missão’. A missão do homem é amar a esposa como Cristo ama a Igreja. Quando a autoridade do homem no lar é bem instituída e bem resolvida, ela promove e faz florescer os maiores talentos da mulher.

Pois a mulher tem a capacidade dada por Deus de sustentar algumas situações, de influenciar, ensinar, dar suporte. Deus colocou a mulher sob a autoridade do homem para ser cuidada, incentivada, para que ela alcance o ápice da sua capacidade.

Quando a mulher é amada e protegida, não há nenhuma dificuldade em se submeter. Pelo contrário, ela compreende o seu papel no lar e trabalha com sabedoria pela harmonia da sua família! ;)

Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Na primeira parte a ser analisada, destaca-se a imagem de uma mulher em um contexto doméstico, aliada com os dizeres apresentados no topo da publicação “Bela, recatada, do lar e submissa”. Tais qualificações, juntamente com a imagem, contribuem para uma produção de sentido na qual a mulher teria condições suficientes para estar em plenitude em sua beleza, feminilidade e castidade, corresponder às obrigações de trabalhar em seu lar, tudo isso em situação de submissão, no caso, à figura masculina. Para além

disso, os dizeres “bela, recatada e do lar” remetem a um interdiscurso gerado a partir de uma matéria apresentada pela revista *Veja*⁷, que viralizou no ano de 2016, tendo exatamente esses termos no título, fazendo referência à Marcela Temer, esposa do ex-presidente da República, Michel Temer.

Tais designações selecionadas na matéria, como que apontando para um modelo positivo de mulher a ser seguido, acarretaram, na época, muitas produções de sentidos, de forma polêmica. Compreende-se que o ideal historicamente construído para o comportamento de uma mulher na sociedade se instituiu por uma ótica patriarcal e capitalista, na qual o espaço público sempre esteve no poderio dos homens. Para as mulheres se designou o caminho de uma vida servil, tendo como base a prática de submissão para o bom funcionamento de sua feminilidade.

Para muitos, a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo. (...) embora a expressão cristã tenha um caráter mais abrangente, a referência para a sociedade brasileira da época era, sem dúvida, o catolicismo. Ainda que a República formalizasse a separação da Igreja Católica do Estado, permaneceria como dominante a moral religiosa, que apontava para as mulheres a dicotomia entre Eva e Maria. A escolha entre esses dois modelos representava, na verdade, uma não-escolha, pois se esperava que as meninas e jovens construíssem suas vidas pela imagem de pureza da Virgem. Através do símbolo mariano se apelava tanto para a sagrada missão da maternidade quanto para a manutenção da pureza feminina. Esse ideal feminino implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas (LOURO, 2004, p. 447).

Pode-se afirmar, assim, que tal discurso rememorado na publicação em questão, representa a inscrição do sujeito discursivo com uma FD religiosa-cristã e patriarcal, a qual se encaixa no ideal da mulher fadada à função de cuidadora, educadora, que tudo suporta e corresponde a uma certa aura de perfeição e pureza. Isso é corroborado no dizer encontrado na legenda da publicação: “Pois a mulher tem a capacidade dada por Deus de sustentar algumas situações, de influenciar, ensinar, dar suporte”. Sendo assim, existe uma oposição com uma FD feminista, o que se reitera com o dizer que aparece logo abaixo da imagem “como posso te irritar mais?”.

Tal dizer produz o sentido de afronta, escárnio e ironia com um suposto interlocutor que “recebe” o discurso e, possivelmente, está em situação de oposição. Subentende-se, que essa sequência discursiva foi elaborada no intuito de um enfrentamento

⁷ Matéria disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

e embate direto entre FD antifeminista e feminista, pois, conforme o dizer escolhido, o efeito de sentido provocado seria o de causar irritabilidade em algum ponto. Essa constatação é possível a partir das posições bem demarcadas pelo sujeito discursivo predominante pelo perfil @direita.feminina. Nas proposições de Pêcheux (2009), a partir do funcionamento ideológico em jogo é que os sentidos emergem; as palavras podem mudar de sentido segundo as posições que os sujeitos discursivos em questão sustentam, o que é chamado de formações ideológicas.

Trazendo isso à tona, a discursividade em torno de lugar da mulher na sociedade a partir da publicação em questão recai sobre o contexto ideológico ligado à uma FD conservadora e patriarcal na qual se permite dizer e produzir sentidos sobre lugar social da mulher que se aproximem mais do espaço privado, doméstico, maternal e submisso. Mais ainda, nesse interdiscurso, a submissão é vista como algo necessário. Em “quando a mulher é amada e protegida, não há nenhuma dificuldade em se submeter”, supõe-se uma relação de poder velada entre homem e mulher, onde o homem ama e protege a mulher que, por sua vez, possui a única função de se acolher através dessa submissão; nessa discursividade, não há motivos para subversão, “pelo contrário, ela compreende o seu papel no lar e trabalha com sabedoria pela harmonia da sua família”.

A mulher foi construída com uma natureza – “a natureza feminina”. Ao delimitar o espaço privado e doméstico, a função de esposa e mãe como única alternativa digna e possível ao feminino, enclausura-se a mulher no lar, sem acesso à palavra (a palavra pública, do poder) e cria-se a representação de “anjo e rainha do lar”, figura e lugar santificado que a mulher interpretou como uma homenagem do homem a sua companheira. (COLLING, 2004, p. 31-32)

Os sentidos gerados sobre essa feminilidade estão estritamente relacionados à função maternal, ligada ao ambiente doméstico, sempre a serviço; não há relação com o mundo público, pois o lar é suficiente para o exercício da natureza feminina. Ainda sobre a submissão mencionada na legenda da publicação, o sujeito discursivo se identifica com uma FD que promove, como efeito de sentido, uma espécie de explicação etimológica sobre essa palavra: “A etimologia da palavra “submissão” é ‘sub’, que significa ‘debaixo’ e ‘missão’. A missão do homem é amar a esposa como Cristo ama a Igreja.” Ou seja, diante dessa circunstância, a mulher estaria “debaixo da missão” do homem, a qual existe sob uma lógica religiosa, cristã, ao se comparar o amor por sua esposa com o amor de Cristo com a Igreja. Mais uma materialização da FD cristã e patriarcal em funcionamento.

Ao feminino o mundo do sentimento, da intuição, da domesticidade, da inaptidão, do particular; ao masculino a racionalidade, a praticidade, a gerência do universo e do universal. Apenas os discursos religiosos integristas ou de extrema direita se permitem, na atualidade, declarações de um tal teor pejorativo sobre as mulheres; entretanto, os ditos populares, as piadas, as letras de música e as representações sociais que encontramos em imagens e textos midiáticos reformulam o atrelamento da mulher a seu corpo e à natureza “feminina” (SWAIN, 2001, p.17)

Nesse contexto, de acordo com essa produção de sentidos, para além de uma relação romantizada estabelecida para o conceito de submissão, até mesmo a capacidade da mulher entra em jogo nesse processo, estando diretamente ligada ao apoio da figura masculina: “quando a autoridade do homem no lar é bem instituída e bem resolvida, ela promove e faz florescer os maiores talentos da mulher”, “Deus colocou a mulher sob a autoridade do homem para ser cuidada, incentivada, para que ela alcance o ápice da sua capacidade”.

Logo, a partir da publicação, os sentidos que emergem sobre o lugar da mulher na sociedade se compreendem predominantemente, em um contexto religioso, conservador que prioriza o espaço privado para a manutenção da feminilidade que, por sua vez, se desenvolve hierarquicamente, em prol do homem e da instituição familiar. No fim das contas, seu papel é manter a harmonia dessa instituição, conforme os preceitos patriarcais. Dessa forma, as formações ideológicas e discursivas em funcionamento perpassam pelas FD's patriarcal, feminina, religiosa-cristã, político-partidária de direita, materializadas desde o nome dado ao perfil até os elementos verbais e imagéticos analisados nesta publicação.

4.3.3 Entrelaçando produções discursivas: (muitos) aspectos do lugar de mulher na sociedade

A partir das materialidades discursivas analisadas nesta seção, provenientes do perfil @sigofeminista e do perfil @direita.feminina, foi possível explorar as discursividades que emergem a respeito de lugar de mulher na sociedade de maneira múltipla. Cada qual com suas FD's em funcionamento, ainda assim, perpassam umas pelas outras pois foram acionados recortes sócio-histórico-ideológicos em comum, os quais permitem um entrelaçamento e (des) estruturação discursiva, conforme afirma Pêcheux:

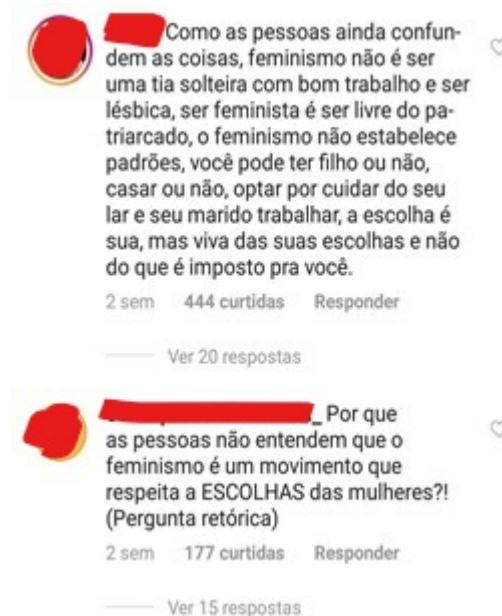
Não se trata de pretender aqui que todo discurso seria como um aerólito miraculoso, independente das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, mas de sublinhar que, só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação

nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há uma identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra (...) (PÊCHEUX, 2008, p. 56)

Nesse engendramento de percepções sobre lugares sociais para mulheres, ora de confluência, ora de divergência, predominou-se a relação entre as FD's antifeminista e feminista. A partir delas, outras FD's foram acionadas em conjunto. Assim, enquanto o lugar de mulher na sociedade foi questionado e reivindicado pela ótica da liberdade de escolha principalmente, através da materialidade discursiva em análise do perfil @sigofeminista, esse mesmo tema foi reiterado no perfil @direita.feminina, à luz do que tem sido posto por séculos, segundo os preceitos patriarcais, buscando uma resignificação ou justificativa positiva para a situação de submissão imposta às mulheres, conforme analisado na materialidade discursiva advinda desse último perfil citado.

A seguir, alguns comentários gerados nas respectivas publicações analisadas anteriormente foram selecionados para demonstrar essa relação discursiva entre as FD's colocadas em jogo nas análises feitas nesta seção. Primeiro, serão apresentados os comentários referentes à publicação presente no perfil @sigofeminista, onde a temática sobre o lugar de mulher na sociedade gerou sentidos de subversão e liberdade de escolha.

Figura 27 – Comentários do post do perfil @sigofeminista para análise da categoria lugar de mulher na sociedade



Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Os sentidos que reverberaram a partir da publicação em questão vão além da compreensão dos lugares sociais da mulher, relacionando isso aos sentidos do que vem a ser uma feminista. No intuito de desfazer uma possível confusão a respeito disso, no primeiro comentário apresentado, os seguintes dizeres são materializados: “feminismo não é ser uma tia solteira com bom trabalho e ser lésbica, ser feminista é ser livre do patriarcado, o feminismo não estabelece padrões...”.

Dessa forma se aproximam os sentidos relacionados à sexualidade, status social, econômico e civil das mulheres. A ideia de “ficar pra titia”, ser a “tia solteirona” da família, recai sobre as manifestações imaginárias na sociedade envolvendo a cobrança para que as mulheres se casem jovens. Segundo Friedan (1971), em meados do século XX, essa orientação era dada às mulheres desde a infância, no intuito de buscar um marido e formar uma família. Nada além disso.

Essa formação imaginária foi se construindo em oposição aos preceitos feministas, em que mulheres deveriam estar livres para reivindicar seus direitos, participar do espaço público e ter acesso ao conhecimento. Longe disso, empreenderam-se formas de consolidar o espaço privado restrito à mulher e, para que isso fosse aceito de bom grado pelas mulheres, valores e conceitos levantados como inegociáveis – como a feminilidade, o “ser mulher” - foram sendo transmitidos e inculcados ao passo que se excluía cada vez mais sua participação no espaço público. O conhecimento só seria válido se estivesse a serviço, literalmente, dos assuntos domésticos.

Alguns educadores sugeriram a sério que se deixasse de admitir a mulher nas faculdades: em face à crescente crise universitária, a educação que elas receberiam e não poderiam usar como donas de casa tornava-se mais que nunca urgente para os rapazes que precisavam enfrentar a era atômica. (...) O problema era afastado dizendo-se à dona de casa que ela devia compreender o quanto era feliz: dona de si mesma, sem horários, sem competição. Caso contrário, acharia que os homens podem ser felizes neste mundo? Desejaria secretamente ser homem? Ignoraria o quanto vale ser mulher? O problema foi também afastado com um encolher de ombros e as frases: Não há solução. Faz parte da condição feminina (...) (FRIEDAN, 1971, p. 24)

Portanto, os sentidos de ser mulher e feminina estariam em oposição a ser feminista, segundo essa noção. Pois ser mulher significaria estar à disposição do lar, da família e não em, de alguma forma, tomar o lugar do homem, estando no espaço público. Essa seria uma percepção deslocada para os sentidos de ser feminista, envolvendo também uma relação de gênero e sexualidade. Quando o dizer materializado no comentário cita que ser feminista é entendido por muitos como o fato de se ter “um bom trabalho e ser lésbica”,

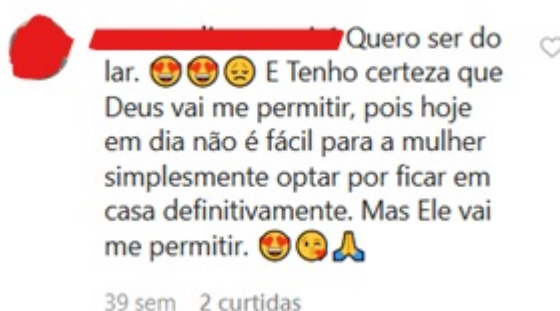
supõe uma condição de que não existe a condição para ser uma mulher bem sucedida profissionalmente sem que isso seja visto como algo fora do esperado para uma mulher heterossexual. Dessa maneira, na tentativa de desconstruir essa ideia, o comentário é finalizado pelos dizeres que causam um efeito de sentido de que ser feminista é estar livre dos padrões que o patriarcado impõe.

Em: “você pode ter filhos ou não, casar ou não, optar por cuidar do seu lar e seu marido trabalhar, a escolha é sua”, a FD feminista em funcionamento permite acionar os sentidos de que ser feminista em relação ao lugar de mulher na sociedade, está diretamente ligado à livre escolha da própria mulher. O que é reiterado depois em “viva das suas escolhas e não do que é imposto pra você”. Logo depois, o segundo comentário selecionado flui no mesmo sentido. É lançada uma pergunta com sentido de questionamento e indignação: “Por que as pessoas não entendem que o feminismo é um movimento que respeita a ESCOLHA das mulheres?! (Pergunta retórica)”.

Sinalizado pelos pontos de exclamação e interrogação, utilizados em conjunto, no reforço entre parênteses de que se trata de uma pergunta retórica e na palavra ‘escolha’, escrita em letras maiúsculas, a FD feminista é materializada mais uma vez produzindo sentidos de liberdade de escolha, sobretudo. Portanto, é perceptível que para esses sentidos existirem outros também emergem, porém, em oposição. Fortemente, os sentidos de ser mulher e ser feminina surgem em oposição ao fato de ser feminista, mesmo que o tema principal seja o lugar de mulher na sociedade, o que comprova que esse tema não se desenvolve discursivamente de forma isolada.

A seguir, serão apresentados os comentários provenientes da publicação analisada em @direita.feminina. A partir de suas análises, também serão demonstrados o funcionamento das FD’s já colocadas em jogo durante toda essa seção.

Figura 28 – Comentários do post do perfil @direita.feminina para análise da categoria lugar de mulher na sociedade





Fonte: Captura de tela realizada pela autora a partir da rede social *Instagram*

Novamente, os sentidos sobre o lugar da mulher na sociedade caminham em conjunto com os sentidos de ser feminista. Além disso, é perceptível a FD religiosa-cristã materializada, por exemplo, em “Quero ser do lar. E tenho certeza que Deus vai me permitir (...) Ele vai me permitir”. O desejo expresso de ‘ser do lar’ e esperar a permissão de Deus para isso, demonstra uma filiação pelo sujeito discursivo com a FD doméstica e cristã, entrelaçadas.

Consoante a isso, existe uma crença manifestada nesse mesmo comentário, de que “hoje em dia não é fácil para a mulher simplesmente optar por ficar em casa definitivamente”, fazendo referência aos tempos atuais, como se todas as mulheres fossem obrigadas a não ficar em casa, no sentido de não poderem trabalhar fora, se optarem por isso. Essa suposição, de acordo com os recortes históricos resgatados durante as análises, não procede, visto que o recorrente ainda é que o lugar social da mulher esteja em relação de submissão às práticas sociais do homem.

Tal submissão, conforme explanado durante a análise da publicação em questão, produz sentidos de cuidado, amor entre o homem e a mulher como uma espécie de homenagem; isso é compreendido conforme os dizeres materializados nos comentários: “o verdadeiro amor”, “também quero ser cuidada, to fora de querer ser igual a homem”. Portanto, existe uma inversão do que vem a ser uma mulher que não necessita ou não deseja desse cuidado ou que não esteja em busca de um amor verdadeiro: ela quer ser igual ao homem. Mais uma vez, esses dizeres indicam uma filiação com uma FD antifeminista, pois tais sentidos estão em situação de confronto com os preceitos feministas, mais ainda,

com o sentido reverberado sobre o feminismo e sobre as feministas, amplamente significadas como não-mulheres, segundo o padrão patriarcal.

O feminismo foi primeiramente usado em um sentido negativo. Aliás, duplamente negativo, porque as feministas eram mulheres que, em muitos casos, eram tratadas como se não fossem mulheres, como se fossem uma espécie de aberração por suas reivindicações, que eram entendidas como antinaturais. (...) Na França do século XIX, um médico usou o nome “feminista” para designar um homem doente que desenvolvia características femininas. Consta que Alexandre Dumas Filho tenha usado o termo pra depreciar homens que defendiam direitos de mulheres. Assim é que, se a mulher é uma marcação e feminista é outra marcação, a “mulher feminista” carrega uma dupla marcação (TIBURI, 2018, p. 81-82)

Essa demarcação negativada a respeito da mulher feminista se apresenta de forma recorrente mesmo quando a temática não se relaciona diretamente com a identificação com o movimento feminista; talvez pelo questionamento direto ao sistema, predominantemente patriarcal, e como esse mecanismo atua na vida das mulheres, falar de lugar social da mulher rememora esse contexto ideológico de aversão ao feminismo como uma forma de contrariedade à performance de feminilidade. Isso é materializado mais uma vez em um dos comentários apresentados: “Odeio feminismo! Só sabem fazer textão e derrubar página de facebook, acho que a luta pela igualdade de direitos e mostrar as teta em público duas coisas muito diferentes”.

O ódio ao feminismo é expresso diretamente e, como justificativa para isso, são acionados alguns dizeres que se remetem ao discurso da cibermilitância e às manifestações de rua, de forma pejorativa, como “fazer textão”, minimizando o ato de compartilhar conteúdos sobre feminismo na internet e “mostrar as teta em público”, fazendo referência a manifestações engajadas pelo movimento feminista. Especialmente, o dizer “mostrar a teta” rememora uma das manifestações que repercutiu a nível mundial, envolvendo o movimento feminista: a Marcha das Vadias.

A Marcha das Vadias surgiu a partir de um episódio ocorrido em janeiro de 2011, quando o policial canadense Michael Sanguinetti, em uma palestra na Universidade de Toronto, recomendou que “as mulheres evitassem se vestir como putas para não serem vítimas de estupro”. Como reação a sua fala, em abril do mesmo ano, cerca de três mil canadenses saíram às ruas para protestar na primeira SlutWalk, a Marcha das Putas, ou na tradução adotada no Brasil, a Marcha das Vadias. (...) As manifestações da Marcha das Vadias espalharam-se pelo mundo e já em 2011 ocorreram em diversas cidades brasileiras (GARCIA & SOUSA, 2014, p.1043-1044)

A retomada de discursos como esse, o qual envolve estruturalmente corpos femininos e como são significados, também corroboram para a compreensão de que o sujeito discursivo em questão se filia a uma FD antifeminista e, mais ainda, machista no que tange à produção de sentidos sobre o corpo de uma mulher, sobretudo, feminista.

Para além disso, é relevante perceber como as FD's antifeminista e feminista, de certa forma, convergem. Isso porque é possível um sentido de concordância com a luta pela igualdade de direitos ao ser materializado: “acho que a luta pela igualdade de direitos e mostrar as teta em público duas coisas muito diferentes”; essa comparação produz o sentido de que é válido lutar pela igualdade de direitos, enquanto se manifestar em público é visto como algo não-importante e referenciado de maneira depreciativa.

A partir das análises e do cotejo entre elas, foi perceptível a fluidez característica de uma FD, segundo os preceitos teóricos da AD - não há sentidos fixos. Mesmo que em alguns momentos se demarquem de formas opostas, as FD's em jogo se deslocam constantemente sem barreiras que lhe prendam a uma determinada condição de produção ou sentido; foi perceptível que um mesmo dizer, inclusive, pode significar de maneiras múltiplas a partir de um mesmo recorte histórico-ideológico. Porém, as posições-sujeito em questão foram relevantes para que as produções de sentido se diferenciasssem em alguns pontos. De qualquer forma, o entrelaçamento dos sentidos se construiu de maneira a comprovar que, mesmo denotando oposições inegociáveis, as FD's antifeminista e feminista se tocam, revelando sentidos em comum.

5 CONCLUSÃO

Ao se deparar com o processo de finalização desta pesquisa, uma série de perguntas se contemplam, fechando um ciclo de investigações, enquanto outras passam a surgir. Esse é um caminho esperado no contexto de uma pesquisa. Dessa forma, principalmente em se tratando de uma pesquisa ancorada em uma teoria discursiva, as possibilidades de sentidos são múltiplas e heterogêneas, desencadeando em outros questionamentos pertinentes ao longo do processo investigativo.

Como objetivo principal, buscou-se analisar a interdiscursividade existente no processo de (re)produção de efeitos de sentidos sobre feminismo e feministas nos perfis de Instagram @sigofeminista e @direita.feminina. Mais especificamente, como se instauram e se relacionam certas FD's observadas na materialidade discursiva selecionada como objeto desta pesquisa - publicações e seus respectivos comentários elencados de acordo com as temáticas em questão. Em todo esse percurso, alguns movimentos foram relevantes para se chegar a um ponto comum.

A própria escolha do *corpus* se coloca enquanto um processo discursivo, visto que, inevitavelmente, mesmo que prezando pelo gesto de análise embasado teoricamente, o analista do discurso é atravessado ideologicamente. Com isso, o despertar pelo tema em questão se fez a partir de um olhar atento e interessado pelas diversas compreensões acerca de feminismo e os respectivos efeitos de sentidos gerados em diversos contextos da sociedade, em situação de conflitos e oposição, principalmente. Observar a natureza interdiscursiva relacionada aos embates entre as posições pró e antifeministas, sobretudo no meio das redes sociais, foi relevante para perceber a porosidade de uma FD mesmo em caráter de oposição.

Portanto, inicialmente, resgatar alguns dos sentidos historicamente construídos ao longo dos tempos acerca de feminismo se fez necessário para a compreensão do entrelaçamento das FI's e FD's que emergem nesse sentido. Na tentativa de responder aos questionamentos que direcionaram esta pesquisa, novas perspectivas nesse sentido foram se construindo. A fim de compreender as ressignificações de feminismo com base no objeto de pesquisa em questão, perceber o meio das redes sociais como um acontecimento discursivo foi ponto crucial para a análise realizada a respeito dos dizeres sobre feminismo encontrados nas publicações selecionadas.

Ao longo desse percurso, a pesquisa também se tornou um lugar de aprendizados, desapegos e novas construções, inclusive do próprio objeto. Ao se deparar com o

desenrolar discursivo reafirmando em vários pontos, como os conceitos sobre o feminismo podem ser multiplicados e mobilizados de maneiras diferentes em FD's distintas, as percepções ativadas sobre feminismo no começo da pesquisa já não eram as mesmas, chegando ao desfecho.

Além disso, o entrelaçamento perceptível entre as FD's atuantes em quase todas as publicações analisadas comprovou que o efeito de sentido de dualidade ou bipolaridade não está posto de maneira fixa no que diz respeito à discursividade; este pode se constituir, na maioria das vezes, com base em uma mesma FD que, por sua vez, desencadeia uma série de sentidos outros e afins, originários de uma condição de produção dada. Esse jogo de sentidos repercute significativamente em uma materialidade tão múltipla como a encontrada nas redes sociais, onde indivíduos se relacionam essencialmente pela linguagem verbal e não-verbal entrelaçadas, (re)produzindo significações e (des)construindo discursos de maneira relevante, sobretudo, no contexto atual.

Para além disso, diante de tudo o que foi salientado e discutido nesta pesquisa, o que se propôs, primordialmente, foi estabelecer uma reflexão acerca dos discursos que circulam na sociedade em torno do movimento feminista, visualizando-os não apenas como simples opiniões. Nesse sentido, a articulação com a teoria de Análise do Discurso contribuiu para um embasamento propício, proporcionando a relação do linguístico com a história, levando em conta que os dizeres trazem consigo aspectos sociais e ideológicos.

Assim, considerando que um sujeito, antes de se tornar social, é um sujeito ideológico, é possível ampliar as noções de discurso e perceber como estes são produzidos e o porquê de se manifestarem. Com um olhar atento, porém, sem buscar determinar um parecer ou veredito, ao longo das análises realizadas aqui, observar o funcionamento dos discursos sobre feminismo em um ambiente virtual, se estendendo ao espaço social como um todo, proporcionou um vislumbre de um panorama dos sentidos e significações envolvidos e do teor ideológico que se faz presente em um movimento social como este.

As análises feitas não possuem um resultado fixo, pois não há como determinar e limitar os sentidos dos dizeres apresentados, visto que as FD's estão em constante relacionamento com outras FD's, conforme demonstrado em todo o trabalho. Analisar os elementos discursivos e perpassar por tantos outros no decorrer da pesquisa produziu sentidos também para o sujeito pesquisador, comprovando que as discursividades são porosas e não podem ser estanques ao que acontece em seu redor. Em muitos momentos, o que estava sendo analisado discursivamente como objeto da pesquisa, também estava sendo vivenciado por quem pesquisava. Nesse ponto, enquanto pesquisadora, objeto, sentidos e teoria se misturavam na vida prática.

Diante dessas considerações, é possível reconhecer a relevância do feminismo, social e linguisticamente, para além de fronteiras teóricas sociais, pois se trata de um movimento orgânico, composto por pessoas, capazes de (re)significar e (re)configurar constantemente as relações de gênero na sociedade e seu impacto nos mais diversos âmbitos, refletindo e materializando sentidos através da linguagem.

Portanto, a fim de desmitificar o feminismo e, conseqüentemente, a imagem da mulher, como pertencente a uma FD fixa e universal, espera-se, com este trabalho, que se ampliem os olhares acerca dos ditos que se resultam desse tema, sobretudo, no ambiente acadêmico, à luz dos estudos discursivos. A temática se mostra frutífera nesse contexto, visto que as condições de produção dadas remetem cada vez mais ao ambiente virtual, mobilizando e ressignificando os espaços das redes sociais como formas de ativismo também.

Que esta pesquisa também possa ser uma semente na produção de conhecimento de forma mais representativa para mulheres e que, dessa maneira, abram-se portas para outras cultivarem esse espaço outrora tão raro, de maneira diversificada, ampla, plural, assim como o movimento feminista remete. Não é um caminho simples nem linear, assim como o funcionamento dos discursos se constituem; talvez a melhor maneira de se finalizar ou deixar um ponto reticente neste trabalho é se aproveitar da analogia que uma análise discursiva propicia de forma tão particular. Assim, que os sentidos emergentes desta pesquisa possam ecoar e apontar para uma nova ordem discursiva, produzindo deslocamentos, materializando e instaurando (re)produções significativas para uma sociedade mais representativa, igualitária e democrática.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro)

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Tradução: J. J. Moura Ramos. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1974.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1991.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMPANHA constata que mulheres sofrem primeiro assédio entre 9 e 10 anos. **UOL**, 2015. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2015/10/29/campanha-constata-que-mulheres-sofrem-primeiro-assedio-entre-9-e-10-anos.htm>

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____; **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COLLADO, A. M.; NAVARRETE, A. **Ciberfeminismo: também uma forma de ativismo**. GenderIT.org – Análisis Feministas de las Políticas de Internet, 2010. Disponível em: <<https://www.genderit.org/es/articulos/ciberfeminismo-tamb%C3%A9m-uma-forma-de-ativismo>>. Acesso em: 15 fev 2021.

COLLING, Ana Maria. **Gênero e História: um diálogo possível?** In: Contexto e Educação, nº71/72, p. 29-43. Editora UNIJUÍ, 2004.

CONFIRA entrevista com Nana Queiroz, criadora do movimento #EuNãoMereçoSerEstuprada. **NSC Total**, 2014. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/confira-entrevista-com-nana-queiroz-criadora-do-movimento-eunaomerecoserestuprada>

COSTA, Ana Alice Alcântara. Trajetória e perspectivas do feminismo para o próximo milênio. In: PASSOS, Elizete; ALVES, Ívia; MACEDO, Márcia. (org.). **Metamorfoses: gênero nas perspectivas interdisciplinares**. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998.

COSTA, A.; SARDENBERG, C. Introdução. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. In: _____ (Orgs.). **O feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher, 2008.

COSTA, Cristiane. Rede. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DOIMO, Ana Maria. **A vez e a voz do popular**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ANPOCS, 1995.

EHRENREICH, Barbara; ENGLISH, Deirdre. **Bruxas, Parteiras e Enfermeiras: Uma história das curandeiras**. Curitiba: Paulo Perna e Meryl Adelman, 1999.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad: coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Trad. Áurea B. Weissenberg. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 1971.

GALLO, Solange. **A internet como acontecimento discursivo**. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso - IV SEAD. Porto Alegre, UFRGS, 2009.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. **A Marcha das Vadias nas redes sociais: um discurso da militância?** In: Revista Estudos Linguísticos, São Paulo, n. 43, p. 1041-1055, 2014.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIRATA, Helena [et.al] (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Trad. Maria Lúcia Lopes da Silva. 1 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Bhuvi Libânio. 6 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

INSTAGRAM faz 10 anos como uma das maiores redes sociais do mundo e de olho no TikTok para não envelhecer. **G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/10/06/instagram-faz-10-anos-como-uma-das-maiores-redes-sociais-do-mundo-e-de-olho-no-tiktok-para-nao-envelhecer.ghtml>>. Acesso em: 16 fev 2021.

KAHLO, Não me. **#MeuAmigoSecreto: Feminismo além das redes**. 1 ed. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2016.

KIRKPATRICK, D. **O efeito Facebook: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo**. Trad. Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. 1 ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

McCANN, Hannah. [et al] **O livro do feminismo**. Trad. Ana Rodrigues. 2 ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

OLIVEIRA, Juliana Souza de. **Frida Kahlo: feminino e feminimos na vida e na obra da artista mexicana**. Trabalho de conclusão de curso (graduação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda: Rio de Janeiro, p. 55. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 12 ed. Campinas: Pontes, 2015.

_____; **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio (1975)**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 4a ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.

_____; **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. 5 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

_____; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997 [1975].

PEDRO, Claudia B.; GUEDES, Olegna de Souza. **As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres**. In: Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina, 2010.

PINTO, Celi R. J. **Feminismo, história e poder**. In: Revista de Sociologia e Política. Curitiba, v.18, n.36, jun. 2010, p. 15-23.

_____; **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRIORE, Mary Del. “História das mulheres: as vozes do silêncio”. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo, Contexto, 1998, pp. 217-235.

RAGO, Margareth. **Os feminimos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global**. In: Labrys: Estudos Feministas, n°3, jan/jul, 2003.

ROMÃO, L. M. S. **Nós, desconhecidos, na grande rede**. In: Revista Linguagem em (Dis)curso, Tubarão-SC, v. 5, p. 71-91, 2004.

SAFFIOTI, Heleith I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção Polêmica)

SARDENBERG, C.; COSTA, A. Feminismo, feministas e movimentos sociais. In: BRANDÃO, M.; BINGEMER, M. **Mulheres e relações de gênero**. São Paulo: Edições Loyola, 1994

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. In: Revista Educação & Realidade, v. 20, n. 2. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Educação, 1995. p. 71-99

SCHATZ, Kate. **Mulheres incríveis**: artistas e atletas, piratas e punks, militantes e outras revolucionárias que moldaram a história do mundo. Bauru, SP: Altral Cultural, 2017.

SWAIN, T. N. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “feministas”. In: **História: Questões & Debates**. n. 34, p. 11-44. Curitiba, PR: Editora da UFPR, 2001.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

THOMAZ, Felipe. Companhias de outro mundo: um breve olhar sobre a sociabilidade em RPGs on-line. In: RIBEIRO, J. C.; FALCÃO, T.; SILVA, T. **Mídias sociais**: saberes e representações. Salvador: EDUFBA, 2012.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 7 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TOURAINÉ, Alain. **Na fronteira dos movimentos sociais**. In: Sociedade e Estado, v.21, n.1, p-17-28, jan/abr. 2006.

YOUTUBER Jout Jout conta que ela e o feminismo se encaixam perfeitamente. **G1**, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/06/youtuber-jout-jout-que-ela-e-o-feminismo-se-encaixam-perfeitamente.html>>. Acesso em: 24 de mar 2021.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Trad. Waldéa Barcellos. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.